



Programa de
Pós-Graduação em
Diversidade Sociocultural
PPGDS

**MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIODIVERSIDADE CULTURAL**

**RIO NEGRO ANCESTRAL:
MARCAS E NARRATIVAS NAS PEDRAS EM SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA - AM**

ODANILDE FREITAS ESCOBAR

Belém-PA/São Gabriel da Cachoeira - AM
2025

**MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIODIVERSIDADE CULTURAL**

ODANILDE FREITAS ESCOBAR

**RIO NEGRO ANCESTRAL:
MARCAS E NARRATIVAS NAS PEDRAS EM SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA - AM**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém-PA. Linha de Pesquisa “Povos Indígenas e Populações Tradicionais” sob orientação da Profa. Dra. Helena Pinto Lima (MPEG) e coorientação da Profa. Dra. Solange Pereira do Nascimento (UEA), como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Mestra em Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Heleena Pinto Lima – MPEG

Coorientadora: Profa. Dra. Solange Pereira do Nascimento - UEA

Belém-PA/São Gabriel da Cachoeira - AM
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o ISBD
Serviço de Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi
Gerada mediante os dados fornecidos pelo autor**

E74r Escobar, Odanilde Freitas
Rio Negro ancestral: marcas e narrativas nas pedras em São Gabriel da Cachoeira - AM./ Odanilde Freitas Escobar. - Belém, 2025.

121 f.: il. color.

Orientador(a): Profa. Dra. Helena Pinto Lima - MPEG
Coorientador(a): Profa. Dra. Solange Pereira do Nascimento - UEA

Dissertação (Mestrado) - Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural - PPGDS, Belém, 2025.

1. Vestígios Arqueológicos. 2. Indústria Lítica. 4. São Gabriel da Cachoeira (AM). I. Lima, Helena Pinto. II. Nascimento, Solange Pereira do. III. Título.


CDD 20 ed. 930.108113

ODANILDE FREITAS ESCOBAR


**RIO NEGRO ANCESTRAL:
MARCAS E NARRATIVAS NAS PEDRAS EM SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA - AM**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Emilio Goeldi, Belém - PA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Diversidade Sociocultural e área de Concentração: Dinâmicas Históricas e Contemporâneas da Diversidade Sociocultural.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **HELENA PINTO LIMA**
Data: 15/01/2026 09:49:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Helena Pinto Lima – Orientadora
Museu Emilio Goeldi

Documento assinado digitalmente
 **SOLANGE PEREIRA DO NASCIMENTO**
Data: 16/01/2026 12:48:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Solange Pereira do Nascimento - Coorientadora
Universidade do Estado do Amazonas

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS AUGUSTO DA SILVA**
Data: 16/01/2026 14:09:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva – Membro
Universidade Federal do Amazonas

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO RIBEIRO MARQUES**
Data: 17/01/2026 06:31:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Ribeiro Marques - Suplente
Museu Paraense Emilio Goeldi

Documento assinado digitalmente
 **ERENDIRA OLIVEIRA**
Data: 17/01/2026 11:31:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Erêndira Oliveira - Membro
Museu Paraense Emilio Goeldi

Documento assinado digitalmente
 **FILIPPO STAMPANONI BASSI**
Data: 17/01/2026 12:01:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Filippo Stampanoni Bassi - Suplente
Museu da Amazônia (MUSA)

Dedico este trabalho à minha mãe Lourdes, Tukano, ao meu pai Otalino, Baré, a minha avó Laurita, dessana, ao meu esposo Pedro, filho Renan e filha Ohana Baré, pelo incentivo credibilidade, aos meus ancestrais, aos 23 povos indígenas do Alto Rio Negro pela força, resistência e história.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação representa a concretização de um importante ciclo acadêmico e pessoal, que só foi possível com o apoio e a colaboração de muitas pessoas. A todas elas, expresso minha profunda gratidão.

A primeiramente a Deus, meu fiel companheiro, que me acompanha em cada passo que dou; à minha mãe, Lourdes Maria de Freitas Escobar, e ao meu pai, Otalino Alves Escobar, meus primeiros professores na vida, que me ensinaram a dar os primeiros passos e contribuíram para que eu me tornasse a mulher que sou. Eles são os amores da minha vida, minha base, minhas raízes.

Às minhas irmãs, Odicléia, Odicleide, Lauricleide e ao meu irmão, Edvan, ele que me acompanhou no início da pesquisa em Arqueologia, expresso minha profunda gratidão. Agradeço por estarem ao meu lado não apenas como irmãs, mas também como verdadeiras amigas.

Ao meu esposo Pedro Henrique, meu braço direito, companheiro e grande amor, minha eterna gratidão pelo incentivo e apoio incondicional. Aos meus filhos, Renan, Ohana obrigada pelo carinho, respeito e compreensão durante minha ausência, são os amores e a força da minha vida.

As sobrinhas pela torcida positiva. Ao professor Dr. Carlos Augusto, minha sincera gratidão pelos conselhos e pelo incentivo. Sua trajetória me inspirou e será, eternamente, um exemplo a ser seguido.

À Helena Pinto Lima, expresso minha profunda gratidão por sua dedicação, paciência e valiosas contribuições ao longo deste trabalho. Seu conhecimento e incentivo foram essenciais para minha formação acadêmica.

À minha coorientadora, manifesto meu sincero reconhecimento, pelas orientações e pelo apoio constante. Suas dedicações e comprometimentos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo e para a construção deste trabalho.

Agradeço aos membros da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde nasceu a pesquisa sobre as marcas nas pedras. Minha gratidão aos professores, funcionários e coordenadores. Expresso, ainda, orgulho pelos 22 arqueólogos indígenas, meus colegas e parentes do Alto Rio Negro-AM, cuja trajetória e compromisso fortalecem nossa identidade e conhecimento ancestral.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (MPEG/PA), onde dei continuidade à pesquisa, com o apoio da Fundação Amazônia de

Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). A bolsa concedida foi essencial para o andamento do trabalho. Sou grata também aos professores, cuja credibilidade e conhecimento foram inestimáveis, e aos colegas, cuja convivência no núcleo, durante as aulas, proporcionou uma experiência enriquecedora e de grande aprendizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) -código de Financiamento 001.

À minha avó Laurita Antônio de Freitas, mãe da minha mãe, que transmitiu valiosos ensinamentos matriarcais através da oralidade, além de tantos outros saberes. Ela, assim como todos os anciãos, representa os verdadeiros doutores indígenas que tive a honra de conhecer ao longo da minha vida.

Ao meu tio, Geraldo José de Freitas, in memoriam, que sempre compartilhou seu melhor comigo e me disse, antes de ancestralizar, que 'as pedras falam'. Esta afirmação tornou-se um dos principais tópicos da minha pesquisa. Ele estava completamente certo, e deixou como herança as pedras polidas.

Gratidão a minha Sogra querida Teodomira, pelos conselhos, amizade e compartilhamento de seus conhecimentos ancestrais.

Minha tia Adelaide, por sua vez, sempre dizia que as pedras cantam.

Quero também expressar minha imensa gratidão aos meus anciãos, mulheres indígenas, minhas tias, aos especialistas indígenas, em especial: Guilherme Sampaio Bosco Desana, Celina Menezes Baré, João Paulo Barreto Tukano, Irene de Freitas Tukano, Efrain Alango Wanano, Rosivaldo Terêncio Melo Baré, Wizeer de Oliveira Almeida Baré, José Paulo Sampaio Bosco Piratapuaia, Ana Keila, Tariana, Madalena Custodio Paiva Baniwa e Elivaldo Pereira de Teixeira Yanomami.

Gratidão aos meus ancestrais que compartilharam, mostraram através de sonhos os lugares onde a pesquisa deveria acontecer, gratidão à natureza que sempre me acolheu com muito carinho.

Agradeço profundamente a Luiza Silva, colega de mestrado e minha dupla em tudo, uma irmã que ganhei em Belém. Sorrimos e choramos juntas em diversas ocasiões. Sou grata também à sua família pelo acolhimento, em especial à sua mãe, Luzimary Parreira.

Obrigada a Chayenne Furtado, Erêndira, Fátima Lemos, Solange Quaresma, Georgea Laila Holanda, Marcio Amaral e Luan Mendes, sou grata pela receptividade e amizade.

Agradeço imensamente a todos pela troca de ideias, pelo suporte emocional

e pelas discussões que enriqueceram minha trajetória acadêmica. A convivência com cada um de vocês tornou este percurso mais leve e enriquecedor.

Sou grata aos professores desde a minha alfabetização, passando pelo ensino fundamental, médio, técnico, graduação e mestrado, que contribuíram de forma significativa para minha formação, oferecendo ensinamentos que transcendem as páginas desta dissertação.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho se tornasse realidade. Cada palavra escrita aqui carrega um pouco de todos vocês. Ser uma mulher indígena e, agora, mestra, é mostrar ao mundo que tudo o que desejamos ser e fazer nós podemos, quando depositamos nossa confiança em nós mesmas, naqueles que nos amam, que ao longo da jornada vão nos ajudando a realizar os sonhos que nos propomos. Sou extremamente feliz e grata por tudo até aqui.

***“A nossa História está
escrita nessas pedras, a
nossa cultura está escrita
nessas paisagens”***

*Higino Tenório Tuyuka, in
memória.*

RESUMO

Esta dissertação tem como propósito estudar as marcas deixadas pelos povos antigos do Rio Negro e a partir delas entender como esses moradores da região se relacionam com elas. Teve como campo de atuação a orla fluvial de São Gabriel da Cachoeira, cidade indígena do estado do Amazonas, na região do Alto Rio Negro. O objetivo foi o levantamento da indústria lítica existente na área urbana e adjacências da cidade, através de georreferenciamento, registro fotográfico e croquis das cúpulas, bacias e sulcos de polimento que ficam evidentes nas rochas graníticas da orla da cidade, no Porto Dabaru Beira Rio e em Aquidabã no próximo ao Porto de Camanaus, nos períodos da seca entre os meses de setembro e janeiro. Ainda, realizar um inventário de objetos líticos móveis (mãos de pilão, lâminas de machado, outros) guardados por moradores nesta localidade. A partir da identificação dessas paisagens e cultura material indígena antiga de São Gabriel da Cachoeira, buscamos compreender a dimensão simbólica os que permeia, em torno de conversas informais com os parentes que se reconhecem na história ancestral desses vestígios e sua importância na vida social contemporânea. A pesquisa nos revela dados que, à luz da literatura atual, dialogamos construindo e reconstruindo as teias de vidas passadas registradas nas pedras e na memória da gente rio negra.

Palavras-chave: Vestígios Arqueológicos, São Gabriel da Cachoeira, indústria lítica

RESUMO EM NHEENGATU

Kuá muraki urikú piritiya tawa rimbiúwa Amazonas tawa mamé siia makú'ta renda Paraná Pixuna apíra upé. Sesewara umunham upuamusara maitá aikué sesé simbiwa resé, mamé upita, yuiyuuka retrato taikú waa upé maã'tá rangá aikué waá itá'ta resé, tawa rimbiúwa yaã Dabarú garapa suí, até Camanaus garapa, yumuham parana utipá rame, setembro ate janeiro. Apé yumunham ré purungitasara maitá resewara, maitá aikué waá aintá rangá (pilão pú, mununkasara saimbésá, amú'tá) mukuruisá pú. Tawa wara'ta mukaturu waá. Mairamé rekuwóa ranga'ta resewara kuxiímawara tawa urikú waá, yasitaí yakuóá e turususawa maã aikué e resewara yuire ya puringitá waá rupintu, awá yusaãwaá ukuwóá maã kuxiímawara tá xari waá asuí maye tá kuwoá putari piri, kuíri wara'ta. Sikarisawa umukameé yandarama maã'tá. Puranga waá, kuire wara yumpiniwasara yumusendi yankutarisawa rupi yamunhã e yumunhã iri yandú pisá anga taxari itá'ta resé maã'ta kuwóá waá, asú míra, paraná pixuna pura'ta uriku'ta apetwuma upé.

Traduzido por: Celina Menezes da Cruz do Povo Baré

DAHSEYE MERÃ OHOAKÈ TURI

A'te yúu boésé wesé níí cidade de São Gabriel da Cachoeira Amazonas, Rio Negro kahãsé. Duhporó kahnãpu náã ohoa ké, díípihni, komeãpá náã kukeré yúu boégowé, toho wegó yúu tere mahsi síini wee. Dabarú beira rio pehta ate Camanaus pehta nííi teé yúu boésé, toho wegó teré yúu ohami , foto mii, desenhar weé. Tho weró tee setembro, janeiro buha, tii perioré kúmã numunine buha. The yúu toho wese me' na yúu boé tuoyã, ukuu weseré wee. A'tee duhporó kahnã náã uhsã yuhkusumua weké miwakõ nukõ boé yúu weé, nikãnohkã pu uhsã teré boé wenawé, teé pesquisa yúu wesé importante niinowé uhsã po'terikahnã neé, teé menã níikãnohakã kahnã a'tinã yã boékatí wenãsamã. Theé a'te yúu miwakõ boése kumã dííakuhne buhase níí. Tho weró teé kihti duhporó kahnã náã nikanakã kahnã tuoyãnukõ wese ninii.

Traduzido por: Ana Keila Fontes da Silva do Povo Tariano

LINAKO HATAMESTA

Lhiehe wadeenhikale, wadeenhinida ahã liokakawa lhia dzakalee kaidanako ahã Hípanako, nadzakale nhaa neeniwinai ahã ooni makapawani hiwidami. Liwapiñeetana lhiehe wadeenhikale, liwakeetakaro nhaa nathina nhaa opiperi ahã dzakalekoaliko nheette ahã dzakalee yokakawa, linakhitte lhia ikañhatakada khaleka nhaa, nheephiami nheette nadanaka koameka nakapakana, ahã kathinakawanha likeñoa ahã Dabaru Beira Rio likoawa ahã Porto de Camanus meettakadanako ooni, nanako keerika nhaa setembro liokawa janeiro nako. Padatsakha liwapiñetakanaa lhiehe wadeenhikale, liwakeetakaro nhaaha naakeetani nhaa iemakape ahã wadeenhiri neeni lhiehe ideenhikhetti, kadzoahã, hipadanai nadeenhixopa nhaaha opiperi, narhionipe nhaa iemakape wadeenhiri neeni lhiehe. Nanakhitte watsa wakeeta watsa waanhe matsiapha linako koameka oopi lhia Hípanako, nainai nhaa watsa nhaaha iemakape ahã, linako koamepiaka oopi, nheette koameka likanakaika lhiehe ianheketti pandzadape. Lhiehe ideenikhetti, likañhaata lhiaa nadanali inako pandzadape, linakhitte lhiehe, wadzeekata, wadana linako koamepiaka neemaka oopitto, nanakhitte nhaaha nadanani hipadanako nheette napiñekakheriko nhaaha iemakape ooni makapoani riko.

Traduzido por: Madalena Custodio Paiva do Povo Baniwa

RESUMO YANOMAMI

Xãpono napë pora aha, urihi xukumina aha Hikari të wãhëmpou kurë, urihi arë praihami pei ukasihami, pei yopërë kuprawë kasi ihetepraihami, të yai kupropë të há wawëpraruni maa nopuhiwë mapërë uruhi Yanonami ahami kupraihami napë a xãpono hami kuprawë rë rapahaprai, kihi nii përe keaiwehei pë urihi pëyënoherë tatohoihami përe tãapraiwehei, yahi tirewë anorë kukepiwei, mau urë rërëamaiwei kete hipëhami, matohi tatimi akuo ,taamai yaimotima maa maxixipërë kui mapë atahurë yëtëtamaiwehei napë xãpono ahami të pë kuprawë, kihi Dabaru ukaha, camanaus ukaha, pei upë haxiai tēhë, ei setembro a raxaha, janeiro a raxaha, iha tēpërë kuwaiwei wetinaha të pë norë kuwa apiwei maa mapë norë matohipirë puhiwei pita hëimi , sipara, hãyõkõma ei ai të pëxo të përe kui të përe pomimopouwei yahiterimi të pë iha. Iha yamatë pomipou yaro no huxuwë matohi yanonami no yetuhampi, xãpono napë porá aha, yamatë hirii kõaprai no uhutipi xowatima puhi wã wayou yai, ai të pëni yetuhami të pë wãhãrë kui të pë wãhãno ihipipourë marãhei nohi yaia të pë yairë kui napë të puhihami, yahi no uhutipi tapou huxomiorwë aha, të pëha mimoni të pë nohi haiëamou, iha të pë oni huamou të pëaha wayomamoni të pë huamou të pë tamou mi yapao hãhãrãmaemapi yãmatëpë tai, maxita pëhami, xukumina urihiteri pë puhiahami.

Traduzido por: Elivaldo Pereira de Teixeira do povo Yanomami

LISTAS DE FIGURAS.

Figura 1. Morro da Boa Esperança é uma "casa" Fonte: Odanilde Escobar,2024.....	30
Figura 2. Localização de São Gabriel da Cachoeira. Amazônia legal: localização, mapa e história - Acesso em:13/06/2024	33
Figura 3: Município de São Gabriel da Cachoeira. https://brasil.mongabay.com/2020/04 . Acesso em 05/06/2024.....	33
Figura 4 Prospecto da Fortaleza e povoação de São Gabriel da Cachoeira, (Fonte: Martins et al., 2021, p.98)	34
Figura 5. Detalhe da lança-chocalho coletada por Robert Scromurgk em 1840, reserva do Museu Etnológico de Berlim, agosto de 2018. (Fonte: Martins et al., 2021, p. 118).....	38
Figura 6. O forte brasileiro de São Gabriel no rio Negro, litografia a cores por C.hallmandell, do desenho original por Charles Bentley, em Robert Schombugk, Twelve Views in the interior of Guiana (1841). Permissão: S.P. Lohia Collection, foto JL Fasciolo (Fonte: Martins et al., 2021, p. 108)	38
Figura 7 desenho a lápis por Richard Spruce, 1852. (Fonte: Martins et al., 2021, p. 112).....	39
Figura 8 Imagem representando acima da vila de São Gabriel por Richard Spruce 1852.RS.10931 MS/236/32(Fonte: retirada do livro ARU revista intrcultural da Bacia do rio Negro, Amazonas,nº3,2019, p.112)	39
Figura 9.Theodor Koch-Grünberg e seu amigo Táru (Fonte: Martins et al., 2021, p. 114).....	40
Figura 10. Trocano em frente à maloca tukano de Pari-Cachoeira, no rio Tiquié, fotografado em 1904 (Koch-Grünberg, 1995 : 263). Segundo o antropólogo alemão, esta maloca media 28,80 metros de comprimento, por 21 de largura e 10,20 de altura.(Fonte:Cabalzar,2006,p.40).....	41
Figura 11. Peça arqueológica retirada nas escavações feitas em São Gabriel da Cachoeira-Am, Coleção vinculada ao MUSA e Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico localizado na ada do empreendimento sede do Parque Nacional Pico da Neblina ICMbio, 2024	51
Figura 12: Cabeça do Cachorro Região do Amazonas. Fonte: https://www-geografia.blogspot.com/2019/09/cabeça-do-cachorro-regiao-do-amazonas.html . Acesso em 09/09/2023.....	54
Figura 14: Área de reatização dos levantamentos de campo. Dados do mapa 2024 https://www.google.com/maps , Acesso em:07/06/2024	56
Figura 15. Petroglifo circular na área da Pedra Fortaleza. Fonte: Odanilde Escobar, 2024	57
Figura 16. Demonstração das área de estudo. Fonte: Odanilde Escobar.....	60
Figura 17. Polidor Circular Fonte: Odanilde Escobar, 2023.....	61
Figura 18 Cuiupí oval Fonte: Odanilde Escobar, 2025.....	62
Figura 19. cuiá circular Fonte: Odanilde Escobar.2025.....	62
Figura 20: Polidor circular que se encontra na Pedra da Fortaleza. Fonte: Odanilde Escobar - 25 de maio de 2024	66
Figura 21. Quebra coquinho. Praia do Jaú. Fonte: Odanilde Escobar, 2023.....	67
Figura 22. Polidor estilo Cuiupí. Praia do Jaú. Fonte: Odanilde Escobar, 2023	68
Figura 23: Bacia de Polidores e Afiadores. Prai do Jaú. Odanilde Escobar, 2023	71
Figura 24 : Abrasadores ou Afiadores de canelura fixos danificados . Praia do Jaú Fonte: Odanilde Escobar. julho/2020.....	72
Figura 25: Imagem A - Mão de Pilão. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024	74
Figura 26. Imagem B -Mão de Pilão. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar,2024.....	75
Figura 27. Imagem C- Batedor. Acervo Particular - Fonte: Odanilde Escobar,2024	75
Figura 28. Imagem D – Lâmina de enxó. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	75
Figura 29 Imagem E - Machadinha danificada. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	76
Figura 30 Imagem F - Batedor. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	76
Figura 31 Imagem G - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024	76
Figura 32 Imagem H - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024	77
Figura 33 Imagem I - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	77
Figura 34: Imagem J - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024	77

Figura 35: Imagem K - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	78
Figura 36: Peças Arqueológicas do Acervo Particular da Senhora Celina. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.....	80
Figura 37. Punhal do avô de dona Celina. Fonte: Odanilde Escobar,2024.....	80
Figura 38. faca de pedra do avô de dona Celina Fonte: Odanilde Escobar.2024.....	81
Figura 39: Pontas de flechas. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar. 2024.....	83
Figura 40. Machadinhas e uma ponta de Flecha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar. 2024.....	83
Figura 14. Imagem de grande contração de espuma brancas com folhagens fenômeno raro de presenciar.Conforme a oralidade da dona Celina, a cobra Munçum estava limpando sua casa. Fonte: Amador, 22/08/2019.....	91
Figura 42: Mãe do Tempo. Inspirada no sonho que relatei acima. Fonte: Odanilde Escobar 2025.....	93
Figura 43: Pilão real visto em sonho onde a mulher estava sentada. Fonte: Odanilde Escobar 2019.....	94
Figura 44: Pilão e polidor circular. Sítio Aquidabã – Orla Fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.....	96
Figura 45: Pilão com aparência dupla. Sítio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.....	96
Figura 46: Pilão e cúpula ao fundo. Sítio Aquidabã – Orlaa fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.....	97
Figura 47: Registro Petroglífico Sítio Aquidabã. Orla Fluvial de São Gabriel. Fonte Odanilde Escobar, 2019.....	98
Figura 48: Representação da Pedra do Tempo - Sonho da Odanilde. Fonte: A Autora, 2023.....	99
Figura 49: Conjunto de poidores, Sitio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar.....	101
Figura 50: Espelho da Mucura. Sítio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.....	101
Figura 51. Rabo da cobra com petróglifo encravado na pedra. Fonte: Odanilde Escobar,2024.....	108
Figura 52. Odanilde observando o rabo da cobra de perto Fonte: Helena Lima, 2025.....	108
Figura 53. Machadinhas guardas no bati de cipó Fonte: Odanilde Escobar,2023.....	117
Figura 54. Formato de estrela encontrada da pedra da Fortaleza.....	117
Figura 55. Imagem do possível sol próximo da estrela.....	118
Figura 56. Petróglifo na Pedra da Fortaleza,.....	118
Figura 57. Odanilde em campo, nas pedras da Forlaleza.....	118
Figura 58. Mancha circular na Pedra da Fortaleza.....	119
Figura 59. Orla da Praia, lugar onde esta muçum-Kuara,.....	119
Figura 60. Abrasadores de canelura ou afiador fixos,.....	119
Figura 61. Abrasador acanalado portatil em.....	120
Figura 62. Polidor circular na margem da Orla,.....	120
Figura 63. Peça arqueológica retirada nas escavações feitas em.....	121
Figura 64. Kumu Durvalino fazendo o Bahsese na Oda,.....	121
Figura 65. Celina Baré com suas pedras no cesto de cipó,.....	122
Figura 66. Vovó Laurita Dessana e sua neta Odanilde.....	122
Figura 67. Senhor Guilherme Desano com Odanilde.....	123
Figura 68. Gilda França do povo Baré.....	123
Figura 69. Senhora Lourdes do povo Tukano.....	124
Figura 70. Odanilde filha de pai Baré e filha de mãe Tukano.....	124

Tabela 1. Conjunto A grupo 1, as coleções registradas nos meses de setembro a novembro de 2019, CAG1	64
Tabela 2. Conjunto A grupo 2, coleções registradas em setembro de 2019. CAG2	66
Tabela 3. Conjunto A grupo 3, as coleções registradas em setembro de 2019. CAG3	67
Tabela 4. Conjunto A grupo 4, as coleções registradas em novembro de 2020. CAG4.....	68
Tabela 5. Conjunto A grupo 5, as coleções registradas em final de setembro de 2021. CAG5 ...	68
Tabela 6. Conjunto A grupo 6, vistos em 2019 mais foram georreferenciadas, registradas somente 2024 (comprimento, altura, largura, escala, raio). CAG6	69
Tabela 7. Tabela 7 Pirõ Dhuó (cobra grande), 2024.....	78
Tabela 8. Materiais líticos, Celina/Kuraci, 2024	81
Tabela 9. Pontas de flechas, 2024	83
Tabela 10. Pilão e marmitas.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS

A-Altura

Af-afiador

Af-Afiador

AfCa-Afiador Canoa

AfCaDu-Afiador Canoa Dupla

AfLD-Afiador Linear Danificado

AM-Amazonas

C-Comprimento

CAG1-Conjunto A Grupo um

CAG2-Conjunto A Grupo dois

CAG3-Conjunto A Grupo três

CAG4-Conjunto A Grupo quatro

CAG5-Conjunto A Grupo cinco

CAG6-Conjunto A Grupo seis

E-Elevação

Es-Escala

FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

GPS-Global Positioning System

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio-Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISA-Instituto Sociambiental

L-Largura

Lg-longitude

Lt-Latitude

MEC-Ministério da Educação e Cultura

MPEG-Museu Pareense Emílio Goeldi

MUSA-Museu da Amazônia

P-Ponto

PA-Pará

PARINÃ-Programa Arqueológico Intercultural do Noroeste Amazônico

PGTA-Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PIC-Polidor Circular

PICRa-Polidor Circular com Raio Alto

PIO-PoLidor Oval

Pl-polidor

Poli-Polidor

PPGDS-Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural

R-Raio

SGC-São Gabriel da Cachoeira

UEA-Universidade do Estado do Amazonas

UFAM-Universidade Federal do Amazonas

Sumário

PRÓLOGO: ARQUEOLOGIA EM PRIMEIRA PESSOA	21
INTRODUÇÃO	28
VESTÍGIO I – RIO NEGRO PAISAGEM ANCESTRAL.....	32
1.1 A vida flui em São Gabriel da Cachoeira	32
1.2 Nos tempos dos colecionadores e colonizadores	37
1.3 Arqueologia no Alto Rio Negro.....	50
VESTÍGIO II – PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS: GRAFIAS DOS ANTIGOS ANCESTRAIS	55
2.1 Marcas e história nas pedras em S.G.G	55
2.2 As pedras falam	60
2.3 A visão dos moradores e sua interpretação das marcas arqueológicas	73
VESTÍGIO III – OLHARES INDÍGENAS: MARCAS E HISTÓRIAS	84
3.1 História narrada sobre a territorialidade Baré, <i>Tawa</i>	84
3.1 Marĩ ke'sewese (o sonho).....	92
3.2 Uma história ancestral a céu aberto	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	117

PRÓLOGO: ARQUEOLOGIA EM PRIMEIRA PESSOA
Da Ilha de Duraka à academia dos *Kariwas*

Subo no dorso da grande serpente mítica canoa da transformação, juntamente com meus ancestrais, para rememorar minha trajetória, que inicia na Ilha de Duraka e chega até Belém do Pará no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde cursei o mestrado que nasceu da minha trajetória acadêmica na Universidade do Estado do Amazonas Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da Cachoeira, no curso de Arqueologia. Este prólogo traz minha visão, história de vida e experiência pessoal com a Arqueologia.

Sou Odanilde Freitas Escobar “Adana” para meu povo Baré. Nasci na Comunidade Ilha de Duraka, situada no meio do rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Sou filha de Otalino Alves Escobar “Thipa” e Lourdes Maria de Freitas Escobar “Yu’ sio. Meus pais são minha referência de vida. Desde cedo aprendi com eles a pescar, cuidar da roça, me aventurar no artesanato com minha mãe herança ancestral que nos faz todos os dias acreditar na vida e na Terra que nos proporciona o alimento que precisamos.

O casamento dos meus pais aconteceu na Comunidade Ilha de Duraka, e dessa união somos três irmãs Maria Odicleia, Odicleide, Lauricleide e um irmão Edvan, por linhagem paterna somos Baré, apesar de minha mãe ser Tukano. Acredito que o patriarcalismo foi inserido com a chegada dos colonizadores, pois, na minha história de origem Baré, as linhagens eram organizadas de forma matriarcal. Profundamente enraizados na tradição, meus avós paternos, Julião Escobar “Kuraci” (Baré) e Angelina Alves “Duhigó” (Tukano) bem como os avós maternos, Avelino de Freitas “Bu’ú”(Tukano) e Laurita Antônio “Puí” (Dessano), posso dizer que é essa herança genética ancestral indígena que está latente dentro de mim e que marca minha posição no mundo como Mulher Indígena e minha identidade como ser humano.

Durante os primeiros anos de minha existência, eu residi ao lado de meus progenitores. No entanto, aos dois anos de idade, meus avós maternos e um tio me conduziram para habitar no sítio denominado Tiãnhã “forquilha” (nheengatu), pois a geografia do lugar remete a esse desenho. Esta transição se deu em virtude do nascimento de um novo membro na família.

No sítio Tiãnhã, a nossa habitação familiar se caracterizava pela utilização de materiais naturais e tradicionais. A estrutura da casa era composta por tabiqui e paredes

de barro, enquanto o piso era formado por terra preta compactada, e as portas eram de tábuas. As minhas manhãs eram ritualizadas com um mergulho revigorante no rio Negro, contemplando o espetáculo do nascer do sol, seguido por um jejum que consistia uma manhã com mingau de goma, outro dia mingau de farinha, maçoca, abacaxi, banana, em tempos de umari, ucuqui, bacaba, açaí, ela misturava para da um goto e textura diferente, todos preparado sobre o fogo a lenha, acompanhado por peixe fresco extraído diretamente das águas do rio, beiju embebido no caldo temperado de tucupi e pimenta, e farinha misturada à água do igarapé. O nosso cotidiano se desenvolvia com a ida à roça todas as manhãs e durante a pausa para a merenda, meu avô providenciava frutas frescas, como abacaxi e cana, colhidas ali mesmo na roça.

A morte do meu avô materno, Avelino, abalou a estabilidade familiar, deixando uma ausência marcante no nosso cotidiano. Com sua partida, meu tio Geraldo assumiu a liderança da família, essencial para nossa sobrevivência, já que dependíamos dos recursos naturais. Assim, restamos apenas três: minha avó, meu tio e eu. Na época, meu tio era um jovem forte e habilidoso na caça e pesca, sempre alegre, humilde e prestativo. Seu apoio foi fundamental para minha avó Laura e para mim.

Entre as memórias mais marcantes desse período, destaca-se o tempo dedicado às brincadeiras no porto do sítio, especialmente nos buracos formados nas pedras (hoje eu sei que não são apenas buracos, mas, as marcas de meu povo registrada nas rochas). Embora minha avó tenha advertido sobre a sacralidade desses espaços, eu os via como locais convidativos para minhas brincadeiras infantis, apreciando sua forma circular e lisa, que eu considerava perfeita para simular a preparação de alimentos em minha inocência característica.

Nos primeiros anos, vivi momentos inesquecíveis com meu tio, que me levava para pescar em sua canoa, proporcionando experiências únicas. Sentada na proa, admirava sua habilidade com o remo e o ritual de puxar os peixes. Ao voltarmos, minha avó nos esperava no porto, e meu tio me carregava nas costas para nadar na correnteza, fortalecendo nosso vínculo para mim. Essa rotina feliz durou até meus quatro anos, quando, por exigência da legislação dos não indígenas, precisei ingressar na escola.

Aos quatro anos de idade retornei com minha mãe e meu pai, minha avó e meu tio organizaram minhas poucas posses em um panier, incluindo alimentos como farinha, tapioca, maçoca, goma e peixe moqueado, e me acompanharam até o porto. Antes da partida, minha mãe pediu a bênção deles, enquanto meu pai desamarrava a canoa. A despedida foi marcada por um abraço emocionado, e ainda hoje lembro com a mesma

intensidade daquele momento: enquanto a correnteza nos afastava, lágrimas escorriam pelo meu rosto, pois meu tio e minha avó eram a essência da fase mais doce da minha vida. Essa cena ficou gravada em minha memória de forma permanente, evocando emoções profundas até hoje.

De volta para casa, eu e minha família, vivíamos na ilha de Duraka. Nossas plantações ficavam do outro lado do rio, e, apesar de minha mãe dar aulas à tarde, organizávamos nossas idas à roça, na volta ela preparava feixes de lenha para cada um de nós, até mesmo para os menores, usando cipós como alças. Ela sempre nos ensinava a nunca voltarmos de mãos vazias. As paradas nos igarapés para pescar camarões tornavam o trajeto especial.

Sem motor rabeta na época, remávamos de canoa de volta para a ilha. Para ajudar, meu pai produziu artesanalmente remos de madeira para cada um de nós. Ao chegar à margem, saltávamos no rio com alegria. Nos finais de semana, remávamos para visitar meu tio e minha avó, passando por cachoeiras, desembarcando em pedras e parando em praias. Minha mãe era uma mulher forte, e ao recordar essas aventuras hoje, aos 32 anos, mal posso acreditar que vivi tantas experiências intensas entre pedras e corredeiras na infância.

Lembro-me de um trecho do rio onde havia uma parede de pedra. Para evitar acidentes, especialmente na ausência de meu pai, ele amarrava um cipó longo à frente da canoa. Como filha mais velha, eu assumia o leme para evitar capotamentos, enquanto minha mãe puxava a corda com toda a sua força. Meus irmãos mais novos aguardavam em terra firme e só se juntavam a nós após superarmos o obstáculo.

Hoje, entendo que os ensinamentos de meus pais me preparavam para a vida. Aprendi a me integrar à natureza, a cuidar e proteger uns aos outros, a ser forte mesmo quando cansada e a liderar não como chefe, mas como parte de uma equipe unida pela família, pela convivência.

Meu pai, experiente e habilidoso, transmitia seu conhecimento ao meu irmão, enquanto minha mãe ensinava as meninas. Ele dominava a fabricação do cacuri, arpão para pesca e sabia exatamente qual caniço colher na mata, algo que eu não aprendi. Entre tantas habilidades, o que sempre me fascinou foi a forma como afiava seu terçado de aço na pedra de amolar. Ele mantinha uma pedra à beira do rio e outra perto de casa, e hoje percebo que elas adquiriram o mesmo formato dos polidores encontrados nas margens de São Gabriel da Cachoeira, nessa caminhada meu pai Otalino e mamãe Lourdes foram meus primeiros professores.

A transição para a vida escolar aos quatro anos de idade, marcou um novo começo para mim. Estudei na Escola Chama Marechal Dutra, hoje é conhecida como Duraka Kapuamu, na Comunidade Ilha de Duraka, em referência à mitologia local. Lá concluí o ensino fundamental. O ensino médio concluí em 2010 no Município de São Gabriel na escola Estadual São Gabriel.

Inspirada pelas palavras do meu avô materno, *kumu*, que previa grandes mudanças no mundo, compreendi a necessidade de equilibrar tradição e conhecimento acadêmico. Mesmo enfrentando desafios, nunca abandonei minhas raízes, preservando as práticas de plantio e pesca ensinadas pela minha família enquanto me aventurava em um novo mundo.

Em 2011, conheci Pedro Henrique (Baré), que mais tarde se tornou meu esposo. Sua mãe pertence ao povo Dessana, e seu pai, ao povo Baré. Como casal, demos as boas-vindas ao nosso primeiro filho, Renan, em 2013, cujo nome na língua indígena Baré é Kuraci (sol). Em 2018, nasceu nossa segunda filha, Ohana, cujo nome indígena Baré é Potyra (Flor).

Em 2018 meu ingresso na universidade ocorreu por meio da inscrição feita pelo meu esposo, que na época e até agora tem me incentivado e apoiado totalmente. Fui aprovada no vestibular para o curso de bacharelado em Arqueologia que se iniciou no segundo semestre no mesmo ano, dei início aos estudos nessa recente área, iniciando uma jornada de descoberta.

Ao saber do resultado da minha aprovação, minha alegria foi ainda maior porque meus irmãos Edvan e Maria Odicléia também tinham sido aprovados. Mesmo estando grávida, enfrentei a decisão de ingressar na universidade, onde, durante o curso de arqueologia, minha filha Potira, que significa flor nasceu, é reflexo desse período.

Lembro-me vividamente do primeiro dia de aula, quando éramos 40 alunos. A professora Ivone apresentou-nos à arqueologia, uma disciplina científica que estuda os vestígios deixados pelas sociedades humanas do passado, além de conceitos como museologia, conservação do patrimônio e história. Com o passar dos dias, vi colegas desistirem diante das dificuldades, mas permaneci firme ao lado dos 22 alunos que concluíram o curso. Juntos, enfrentamos desafios como falta de transporte, dias chuvosos e ensolarados, mas nossa determinação em aprender e conhecer nunca vacilou.

Em 2019, tive a oportunidade de ingressar como bolsista no projeto "A Indústria Lítica no Alto Rio Negro: Amoladores, Afiadores e Lâminas de Machado em São Gabriel da Cachoeira", fui também bolsista no projeto de extensão intitulado "Um Olhar para o

Passado pelas Lentes do Presente: São Gabriel da Cachoeira e seus Vestígios Arqueológicos". Durante esse período, também participei como voluntária de outro projeto de extensão com o tema "Bancos de Sementes como Ferramentas Didático-Pedagógicas no Ensino de Conservação da Floresta Amazônica" (UEA/CESSG).

No último ano do curso, participamos de uma escavação (disciplina de Estágio). A UEA estabeleceu uma parceria com profissionais do Programa Arqueológico Intercultural do Noroeste Amazônico (PARINÃ), que nos receberam calorosamente e nos instruíram sobre o processo de escavação. Um dos momentos mais marcantes ocorreu antes de iniciarmos a escavação, quando houve uma cerimônia de benzimentos conduzida pelos kumuã, especialistas nativos. Eles prepararam o ambiente com fumaça de cigarro e breu, solicitando permissão aos nossos ancestrais para tocar e remover os materiais deixados ali há milênios, assim adentrando ao universo do Sagrado Indígena.

Após a escavação, avançamos para a etapa do laboratório. Como não havia museu e laboratório em São Gabriel da Cachoeira, a UEA, por meio de uma parceria com a UFAM, nos levaram até Manaus para realizarmos essa parte crucial da grade curricular, lá passamos 18 dias de intenso trabalho no Laboratório de Arqueologia. Foi uma experiência reveladora estar em um laboratório, aprendendo sobre os processos pós-escavação e a importância de profissionais especializados em arqueologia. Visitamos ainda o Museu da UFAM e o Museu da Amazônia (MUSA), onde grande parte do material arqueológico das escavações amazônicas são preservados e estudados. Lá, tivemos a oportunidade de conhecer profissionais dedicados que cuidam e expõem materiais que revelam nossa história.

Após concluir o curso de Arqueologia, senti o desejo de seguir para a pós-graduação e, por isso, me inscrevi para o mestrado no Museu Emílio Goeldi, no Pará, até então não tinha mestrado aqui em São Gabriel. Inicialmente, minha motivação era entender meu passado antes da invasão, mas ao aprofundar meus conhecimentos sobre a teoria e prática da arqueologia, passei a considerar seriamente essa possibilidade. Após uma conversa franca com meu esposo, participei de várias etapas até chegar à entrevista final. Quando vi a lista dos aprovados, encontrei meu nome, Odanilde Freitas Escobar, entre eles. Esse momento foi extremamente gratificante, na fase final desta etapa, decidi seguir em frente com o apoio total do meu esposo.

Ao compartilharmos a notícia com a família sobre minha partida para Belém, ficou claro que não seria uma transição fácil. Nossa casa era composta por mim, meu esposo e nossos dois filhos, na época com nove e quatro anos, a mais nova começava o

primeiro ano escolar. Estávamos desempregados e tivemos que vender alguns pertences, incluindo a televisão, para custear as passagens. Com apenas oitenta reais no bolso, parti com fé em Deus, coragem e determinação. Nunca havia me aventurado tão longe de casa, sozinha, longe da minha família e cidade natal.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi – PPGDS/MPEG, foi diferente do meu mundo mais não impossível, é um privilégio, uma instituição científica localizada em Belém, Pará. É um dos mais importantes centros de pesquisa sobre a Amazônia, com foco em ciências naturais, arqueologia e antropologia. Além de seu acervo científico, o museu mantém um parque zoológico, onde abriga espécies da fauna e flora amazônicas.

Tive uma turma pequena, mas muito unida. Iniciamos juntos as disciplinas obrigatórias e, depois, cada um seguiu para sua área. Na mesma instituição, fiz estágio no laboratório de arqueologia, sob a orientação da professora Helena, que, além de uma excelente orientadora, tornou-se uma grande amiga. Além disso, tive a oportunidade de visitar urnas, ossos e cerâmicas ornamentadas com iconografias fascinantes, cada uma contando uma história única por trás de seus desenhos.

Neste período de estudo presenciei o meticuloso trabalho dos artesãos que produzem réplicas dos artefatos arqueológicos, manuseando a argila com grande facilidade e cuidado. Essas réplicas são expostas aos visitantes, enquanto os artefatos originais são guardados em locais especiais, cuidadosamente catalogados, com diferentes características, como leves e quentes, ou frios e pesados.

Ao final do primeiro semestre de 2023, quando chegou o momento de retornar para casa e aguardar o segundo semestre, percebi que meus pensamentos já não eram os mesmos do primeiro dia de aula. Durante essa jornada, enfrentei quatro perdas de pessoas importantes do ciclo da minha vida, todos dentro de dois meses, foi um dos piores momentos. Minha comunidade também sofreu a perda de um ancião, e minha filha adoeceu gravemente, sendo hospitalizada várias vezes. Embora tenha cogitado desistir em alguns momentos, não tínhamos recursos financeiros para tal. Por isso, permaneci até o fim, apesar das dificuldades.

Todas essas experiências, e muitas outras não mencionadas, fortaleceram meu desejo de prosseguir e concluir na área da arqueologia, seja no mestrado ou, possivelmente, em um doutorado.

Chegando nessa reta final desse ciclo, compreendi que os pequenos buracos sagrados mencionados por minha avó, lá atrás, eram, na verdade, polidores e afiadores

usados por pessoas para afiar flechas e polir objetos líticos. Tudo isso alimenta minha paixão pela arqueologia, uma ciência que investiga culturas humanas, sejam elas antigas ou contemporâneas, e que, de alguma forma, me conecta com meu passado ancestral.

Falar sobre mim é expressar minha herança indígena. Sinto a necessidade de aprofundar meus estudos nesse passado que tanto me despertou a curiosidade. A arqueologia é o caminho no qual me encontrei, e a academia abriu as portas para essa jornada. Ser mãe, acadêmica, artesã, dona de casa, agricultora e esposa tornou-me uma mulher resiliente, pois tive que equilibrar diversas responsabilidades e mostrar para mim mesma que nós mulheres podemos fazer o que quisermos, sempre respeitando, aprendendo e fazendo o certo.

INTRODUÇÃO

A Amazônia é um espaço privilegiado com muitas marcas e memórias deixados pelos ancestrais dos povos indígenas (Gagnebin, 2014), especialmente em São Gabriel da Cachoeira, um município essencialmente indígena, no estado do Amazonas, que abriga 23 povos. Marcas são deixadas por aqueles que nos antecederam, são assinaturas vivas que nos dizem que o tempo passado está marcado no presente.

Nesta perspectiva há uma diversidade de ecossistemas que foram transformados por povos no passado. Dentro dessas alterações de paisagens estão a terra preta arqueológica que são solos de origem humana, a floresta, a indústria cerâmica e a indústria lítica, todos vestígios culturais que marcam cada tempo e espaço. Em alguns casos, é possível também encontrar restos de plantas queimadas, carvão e ossos. A arqueologia pode ser definida como a ciência que busca entender a história das sociedades do passado, através do estudo dos seus restos materiais que podem ser encontrados no presente.

Os petróglifos, conforme observado por Koch-Grünberg (2010) e outros pesquisadores na região do Rio Negro, são predominantemente encontrados em cachoeiras ou em rochas ao longo do leito ou das margens dos rios, que para nós, povos indígenas, são de grande importância, pois nelas estão marcadas nossas histórias. Também um amolador, afiador ou lâmina de machado podem nos revelar muito sobre ações e vida dos antigos que faziam uso desse tipo de instrumento.

Na arqueologia foram definidas as categorias “polidor”, que são marcas bem definidas produzidas pelo desgaste na confecção dos artefatos com forma circular ou oval; “afiador ou amolador” que são marcas deixadas pelo desgaste para confeccionar o gume com formato linear; e “polimento inicial” que são cicatrizes superficiais com forma indefinida, identificadas como marcas de uso (Tenório, 2008; Silveira, 2012).

Para nós, povos indígenas, os significados vão muito além de serem ferramentas líticas; são vasilhas que também foram utilizadas por nossos ancestrais, assim como são vasilhas dos Waimuhsã. As cúpulas são vasilhas onde nossas mulheres conhecedoras realizavam a preparação das plantas medicinais. Todas são marcas dos meus povos indígenas, por isso foram feitas com estilos dos objetos que utilizamos até hoje. Saíram das pedras e passaram para as cerâmicas e para o artesanato: há polidores

em forma de canoa, de cuiupi, de cuia e de vasilhas cerâmicas. São objetos ainda presentes no nosso cotidiano, mas nossas marcas permanecem nas pedras, que vão além do que vemos; além do objeto, carregam ancestralidade e muitos significados. Por isso, a importância do respeito.

São Gabriel da Cachoeira possui esse potencial, hoje visibilizado pelas pesquisas arqueológicas, mas nós, povos indígenas, sempre soubemos disso, pois essa ciência e história indígenas foram transmitidas pela oralidade e pelas práticas do cotidiano. O presente trabalho teve como objetivo conhecer afundo essa indústria lítica e seus significados. Através de georreferenciamento, registro fotográfico e croquis, mapeamos os polidores e afiadores, assim como os petroglifos marcados nos blocos de pedras na orla fluvial de São Gabriel. Como o intuito de conhecer as narrativas, fizemos ainda a documentação dos objetos líticos polidos resultantes desse processo, que se encontram guardados com moradores do entorno formando coleções históricas ou culturais.

A documentação foi feita de acordo com a metodologia arqueológica, sendo os acervos agrupados de acordo com sua tipologia e localização. As análises foram feitas à luz da bibliografia existente, assim como das narrativas orais dos conhecedores. A área selecionada para os levantamentos se concentrou no Porto Dabaru Beira Rio até a Orla da praia; e também na adjacência de São Gabriel, próximo ao Porto de Camanaus, especificamente no sítio Aquidabã, cerca de 23 quilômetros distante da Orla.

No período de dois anos, nos propusemos a uma observação mais aprofundada sobre as marcas da nossa história grafadas no rochedo de granito maciço denominado geologicamente de São Gabriel da Cachoeira. Durante o período de vazante do Rio Negro inúmeros desses vestígios que a ciência arqueológica denomina de amolares, afiadores e marmitas¹ podem ser vistos. São histórias de vida imbricadas com a natureza que nos quer narrar sobre a vida dos povos que habitaram este lugar do planeta Terra.

Esses lugares de história existem e estão por toda parte onde o olhar humano alcança, e vão além da visão. Esta pesquisa aconteceu em uma das paradas

¹ As marmitas são registros arqueológicos, porém, naturais, possivelmente utilizados pelos povos no passado e ainda hoje utilizados como depósitos naturais para colocar a mandioca de molho no processo de fermentação

da canoa da transformação que é considerada como “casa” (imagem abaixo). Cada casa contém suas histórias do tempo de origem, ou dos invisíveis, numa leitura local. Hoje em dia essas casas de transformação são consideradas como lugares sagrados e são identificados através dos igarapés, lagos, lagoas, poços, serras, paranás, cachoeiras, rochas, dentre outros (Pedrosa, 2018).

Através de conversas informais com as pessoas do entorno, dialogamos sobre possíveis memórias para compreendermos melhor o registro petroglífico e sua relação com a vivência das primeiras populações que habitaram São Gabriel da Cachoeira. Entendemos que reconstruir essas teias a partir de vestígios sejam registrados nas rochas que marcam a identidade do Alto Rio Negro, seja a partir da identidade simbólica da relação natureza, sociedade e cultura como diz Morin (2007) faz com que esse triângulo gire nos proporcionando adentrar às trilhas do passado a partir das lentes do presente.



Figura 1. Morro da Boa Esperança é uma "casa" Fonte: Odanilde Escobar, 2024.

O trabalho está dividido em três capítulos que aqui denominamos de “vestígios”, e estes vestígios estão articulados entre si num diálogo profundo com o lugar, as narrativas e as descobertas científicas no âmbito da arqueologia.

O primeiro Vestígio traz o contexto da pesquisa, São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro, como o município mais indígena do Brasil. Este capítulo aborda ainda o histórico de pesquisadores que passaram pela região desde o século XIX e

XX, chegando até os dias atuais com a arqueologia feita pelos pesquisadores e especialistas indígenas.

No segundo Vestígio, que traz os dados coletados ao longo da pesquisa, nos propomos a falar sobre os amoladores, afiadores, polidores e marmitas documentados na Orla Fluvial de São Gabriel modo denso e profundo a partir da análise dos estudos e métodos da arqueologia. Analisamos também algumas narrativas, vozes e visões dos moradores do entorno dessa área, no modo como se relacionam com esses e outros tantos artefatos líticos móveis, como lâminas de machado e pontas de projétil, que compõem coleções domésticas na região.

O terceiro Vestígio traz uma interpretação pessoal e subjetiva sobre os artefatos e os sonhos, assim como narrativas dos anciões sobre essas marcas nas pedras e os cuidados dos especialistas indígenas.

Este trabalho se constitui num registro que possibilitará às populações indígenas e não indígenas o cuidado em preservar a nossa história através dos vestígios arqueológicos, sabendo que o Alto Rio Negro é lar de diversos povos indígenas, como os Baré, Yanomami, Tukano, Baniwa, entre outros. Nossas culturas têm existido e reexistido ao longo dos séculos, mesmo diante dos desafios impostos pela colonização, pelo contato com a sociedade não indígena e pelos processos de modernização, nós acadêmicos indígenas podemos contribuir para valorizarmos nossas histórias.

VESTÍGIO I – RIO NEGRO PAISAGEM ANCESTRAL

1.1 A vida flui em São Gabriel da Cachoeira

São Gabriel da Cachoeira é uma região no noroeste do Amazonas, localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Colômbia. Limita-se ao norte da Colômbia e a Venezuela; ao sul e ao leste, como município de Santa Isabel do Rio Negro; ao sul com Japurá e a Colômbia. Também é conhecida como “cabeça do cachorro” devido ao formato das fronteiras geopolíticas de sua extensão territorial.

O município ocupa uma área de 109.192,593km² e sua população atual é de 51.795 pessoas segundo dados do IBGE (2022)². Constitui-se num território eminentemente indígena com a presença de 23 povos originários de diversas etnias. São Gabriel é também conhecida por sua riqueza cultural e linguística. Na terra indígena do Alto Rio Negro, por exemplo, vivem povos pertencentes às três famílias dos troncos linguísticos distintas: Tukano Oriental, Arawak e Naduhupy e há ainda os Yanomami das áreas de Maturacá e Maraujá AM (FOIRN/ISA, 2021). Além da diversidade sociocultural, é também locus de grande diversidade biocultural com paisagens únicas na Amazônia.

O rio Negro, pela sua dimensão, cuja nascente se encontra nas cordilheiras do Popayán, em território Colombiano, e tem uma extensão estimada de 1784 km, pode ser considerado um dos maiores rios de águas negras do planeta terra, até se juntar aos abraços do encontro das águas do Solimões-Amazonas (Silva; Rossetti, 2009). Abaixo as figuras do mapa do município e uma vista aérea localizando a Ilha Adana no meio do rio e um pouco da região urbana.

Pela sua formação geofísica³, durante o período de estiagem, imensos blocos rochosos ficam expostos, e em algumas falhas nos blocos rochosos, a água corre formando espumas que muito se parece com blocos de gelos, que saem deslizando sobre as águas negras produzindo raios que refletem nas imensas praias de areias brancas. Junto aos blocos observamos as agroflorestas pluriculturais, que são inovações de costumes sustentáveis, que tudo pode indicar uma longa cadeia de estratégias das populações humanas que interagiram de forma dinâmica e sistêmica com a terra, a água e a floresta.

² Cf. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/sao-gabriel-da-cachoeira.html>. Acesso em 28 de janeiro de 2025.



Figura 2. Localização de São Gabriel da Cachoeira. Amazônia legal: localização, mapa e história - Acesso em: 13/06/2024



Figura 3: Município de São Gabriel da Cachoeira. <https://brasil.mongabay.com/2020/04>. Acesso em 05/06/2024



Figura 4 Prospecto da Fortaleza e povoação de São Gabriel da Cachoeira, (Fonte: Martins et al., 2021, p.98)

São Gabriel se diferencia dos demais municípios do Amazonas pela sua singular geografia rochosa, como mostra a imagem acima, pois a cidade está rodeada de morros que para os povos indígenas têm significativa relevância mitológica e cultural. Para Kopenawa (2015, p. 13)

A alma e seus avatares leigos modernos, a cultura, a ciência e a tecnologia, não nos isentam e nem nos ausentam desse comprometimento não desacoplável com o mundo, até porque o mundo segundo os Yanomami é um pleno anímico e porque uma verdadeira cultura e uma tecnologia eficaz consistem no estabelecimento de uma relação atenta e cuidados com a “natureza mítica das coisas”.

É nessa perspectiva, a partir de uma leitura mais profunda trazida pelo autor, que a arqueologia, enquanto ciência, “resgata” por meio de seus vestígios sejam fragmentos, ou, na oralidade, que afirmam que não podemos destruir o sagrado ancestral, retirar ou levar para fora do nosso território, pois esses vestígios foram deixados para serem livres e transitar entre nós, esse outro universo que se coloca entre dois mundos e se presentifica no aqui e agora, recuperando memórias e ampliando nossa compreensão de que não existe uma divisão entre o tempo e as coisas; tudo se torna um a partir de uma nova percepção e entendimento. Nós povos indígenas, viemos contribuir, mostrando que é possível fazer arqueologia sem destruir.

A vida flui em São Gabriel da Cachoeira por meio dos rios, pois, por eles

circulam pessoas, mercadorias e recursos de toda ordem pela região. Este é um lugar privilegiado onde a natureza é rica e transbordante de múltiplos signos e significados, tendo na sua gente, sua importância maior, pois a diversidade cultural e a riqueza guardada em milênios por esses povos indígenas, fazem o diferencial.

Nesta perspectiva, o objeto de análise desta pesquisa se lança para um olhar mais acurado em relação às rochas, ao solo e subsolo, fazendo transbordar aspectos culturais de povos indígenas que habitaram e continuam habitando em seus descendentes, nas margens de um lugar que respira o transitar de tempos imemoriais e presente ao mesmo tempo. Buscamos a partir desta pesquisa mostrar a importância das rochas e os registros petroglíficos que ficaram como marcas de um passado sempre contemporâneo. Narramos porque essas marcas são tão importantes e devem ser preservadas para as gerações futuras, porque são patrimônios culturais do povos do Alto Rio Negro.

Em Iauareté, foi realizado o tombamento da Cachoeira da Onça como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Andrello, 2006; Andrello; Oliveira, 2007). Localizada no rio Uaupés, o reconhecimento da Cachoeira de Iauareté - conhecida como Yaiwa poea (em Tukano), Yawipani (em Tariano), Yauretê (em Nheengatu), e Cachoeira das Onças (em português) como lugar sagrado dos povos indígenas da região e se tornou Patrimônio Imaterial do Brasil. O registro foi inaugurado no Livro de Lugares. Durante a cerimônia, as lideranças indígenas lembraram toda a trajetória de luta para o reconhecimento e disseram que aquele momento marcava uma nova história para os povos indígenas do Alto Rio Negro (Alberta; Andreza, 2006).

Além da Cachoeira de Iauareté, temos também reconhecido pelo IPHAN, o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro (registrado em 2018) como Patrimônio Cultural do Brasil, identificando este bem cultural nos municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira - AM. O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro é parte do cotidiano de cerca de 80 mil pessoas, integrantes das 23 etnias indígenas que vivem na região (Simas; Barbosa, 2019).

Estes patrimônios vêm reforçar que nós povos indígenas temos sido uma presença constante ao longo dos tempos passados e mantêm-se ativas na atualidade, demonstrando um zelo contínuo pela preservação desses locais, os quais são repositórios de nossas experiências históricas. Nesse sentido, é inegável a importância de que tais lugares sejam oficialmente reconhecidos e preservados.

Ao final do século XIX, a expedição comandada por Alexandre Rodrigues

Ferreira (2007), a qual enfrentou as correntezas do Rio Negro e subiu até o alto curso, faz descrições do modo de vidas dos povos da região, incluindo o cultivo de manivas e outras culturas em tornos das habitações. Em certa altura do rio, em uma praia, próximo a atual cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, foram identificados alguns artefatos confeccionados em rochas. Ferreira (2007) nos diz que talvez os artefatos fossem utilizados para a prática de caça ou pesca, eram pontas de projéteis ou de flechas de quartzo, matéria-prima em abundância no Alto Rio Negro. Esses artefatos líticos são comuns de serem encontrados na abertura de covas para o enterramento de pequenos pedaços de manivas em roçados, ou nos cultivos de diversas culturas.

Os povos do Alto rio Negro têm longevidade histórica de relações com a terra, as águas, as florestas e também com as rochas. Podemos entender que este contato com a natureza apresenta-se de forma positiva para a conservação do ambiente natural. Entendemos o esforço das ciências humanas, especialmente a arqueologia, em estudar nossas relações com os ecossistemas. A preservação da história humana, juntando fragmentos de tempos e espaços reconstruindo as muitas memórias e narrativas são importantes para entender a sociedade plural e diversa global que o mundo tem hoje.

O Wametisé mais conhecido na língua tukano, pode ser traduzido como lugares nomeados, em português chamamos de lugares sagrados, esses lugares possuem história e significados, que guardam as marcas e os poderes tangíveis e intangíveis dos tempos da origem da humanidade por onde percorreu a Canoa de Transformação. “Cada lugar sagrado tem sua importância e é por isso que nossas vidas estão enraizadas neles, assim como nossos conhecimentos ancestrais, nossas culturas, nossas tradições” (Almeida, 2019, p. 25)

Em meio a tantas diversidades indígenas e arqueológicas se encontram os polidores e afiadores fixos, artefatos onde foram polidos materiais como machadinhas, que de tanto polir acabou crindo marcas nas pedras, que Segundo Prous et al. (2002) o polimento pode ser observado em diferentes porções dos machados: no gume, bordas, laterais e no centro.

Polidores-afiadores são sítios arqueológicos que têm pouca atenção por parte dos pesquisadores, os artefatos líticos confeccionados nesses sítios são considerados mais importantes do que seu lugar de produção (Silveira, 2012 p. 97). Para nós os povos indígenas, os locais onde são encontrados os polidores e afiadores têm uma importância equiparável à dos artefatos líticos. Para nós os povos indígenas é preciso manter um profundo respeito pelas práticas antigas, pois acreditamos que seus e também meus (grifo

nosso) antepassados detinham conhecimentos muito mais vastos do que os que possuímos hoje, devido à influência exercida pelos não indígenas.

Nesse contexto, acreditamos que, há muito tempo, antes mesmo da ocupação do local onde fizemos a pesquisa, possivelmente tenha ocorrido um extenso preparo ritualístico, envolvendo rituais do Bahseese, defumação e proteção, destinados a preparar o local para a habitação das famílias. Além disso, não apenas o local era preparado, mas também as pessoas, com o objetivo de transformá-lo em um ambiente propício para a residência.

Os nossos antepassados acreditavam que a natureza guardava narrativas sobre a identidade humana, enfatizando nossa conexão com ela. Os desenhos e marcas nas pedras eram testemunhos das gerações passadas, uma forma de afirmar sua presença e legado para as futuras. Por essa razão, esses locais eram e são até hoje tratados com reverência e considerados de grande importância, são também denominados casa de transformação, pontos de relação entre realidades do sensível e supassensível, bem como da interconexão entre humanos e outros seres.

1.2 Nos tempos dos colecionadores e colonizadores

No início do século XIX, muitos viajantes estrangeiros vieram ao Brasil, atraídos sobretudo pelas riquezas da natureza tropical. Dentre eles citaremos alguns:

Johann Natterer (1787-1843), nascido em Luxemburgo, na Áustria, foi um naturalista e zoólogo que chegou ao Brasil em 1817, participando da Expedição Austríaca de ciências naturais segundo registro de (Martins, et al. 2021). Essa expedição acompanhou a comitiva da Arquiduquesa Leopoldina, filha de Francisco I, Imperador da Áustria, na ocasião de seu casamento com o Príncipe Dom Pedro, filho de Dom João (Martins, et al., 2021). Dentre os objetos coletados no Rio Negro, há exemplares provenientes dos Manaos, Puri, Baniwa e Tukano, representando uma documentação muito importante para história indígena na região segundo registro de Martins, et al. 2021.

A maioria das coleções de Natterer esta guardada, hoje, no Museu Etnológico de Viena, na Áustria. O Museu Etnológico de Berlim também conta com cinco peças do Alto Rio Negro coletados por Natterer (um banco, dois arcos, um cesto, e uma flecha) segundo registro de Martins, et al. 2021.

Robert Schomburgk (1804-1865) nasceu na pequena cidade de Freyburg, no rio Unstrut, que viria a pertencer à província saxônica da Prússia em 1815 (Martins, et

al. 2021. Botânico amador, e topógrafo autodidata, Schomburgk iniciou sua carreira como comerciante, primeiramente nos Estados Unidos e depois no Caribe. Não demonstrando habilidades para os negócios, Schomburgk decidiu dedicar-se à história natural (Martins, et al., 2021). Schomburgk publicou vários artigos sobre suas expedições em periódicos científicos britânicos e alemães. Em 1841, lançou o luxuoso álbum de ilustrações intitulado *Twelve Views in the Interior of Guiana* [Doze Vistas do Interior da Guiana], que contém uma bela ilustração de São Gabriel da Cachoeira (imagem abaixo). A coleção de oito artefatos coletada, no rio Waupés em 1840, se encontra no Museu Etnográfico de Berlim. Segundo registro de Martins, et al. 2021.



Figura 5. Detalhe da lança-chocalho coletada por Robert Schomburgk em 1840, reserva do Museu Etnológico de Berlim, agosto de 2018. (Fonte: Martins et al., 2021, p. 118).

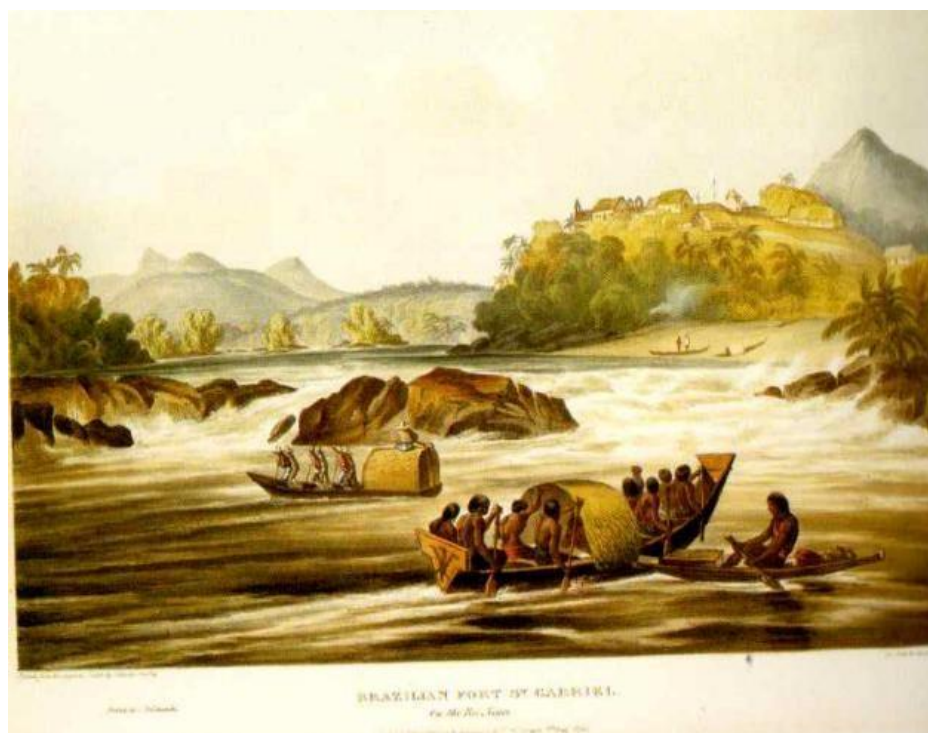


Figura 6. O forte brasileiro de São Gabriel no rio Negro, litografia a cores por C. Hallmandell, do desenho original por Charles Bentley, em Robert Schomburgk, *Twelve Views in the Interior of Guiana* (1841). Permissão: S.P. Lohia Collection, foto JL Fasciolo (Fonte: Martins et al., 2021, p. 108)

Richard Spruce (1817-1893) nasceu em Ganthorpe, na Inglaterra. A paixão pela botânica o fez deixar a profissão de professor de matemática para se dedicar à coleta de plantas. A região do Rio Negro foi a que mais o encantou, e ali, coletou o maior número de plantas desconhecidas pela ciência. Além disso, Spruce fez anotações sobre os modos de viver e falar dos povos indígenas locais, desenhando retratos das pessoas e paisagens que encontrava. Dentre os 56 desenhos de Spruce que hoje se encontra no acervo da Royal Society (Sociedade Real) de Londres, destacam-se, pela riqueza de informações (tanto textuais como visuais), os que ele realizou em Iauaretê, em 1852, retratando o tuxaua tariana Calisto (Uiaca), sua neta Anássado, o carapaná Cuiauí, Maria (Cumátiaru), filha do tariana Bernardo e o pirá-tapuya Incánturu. Spruce também fez desenhos detalhados do tambor na casa de Calisto (Martins, et al., 2021).

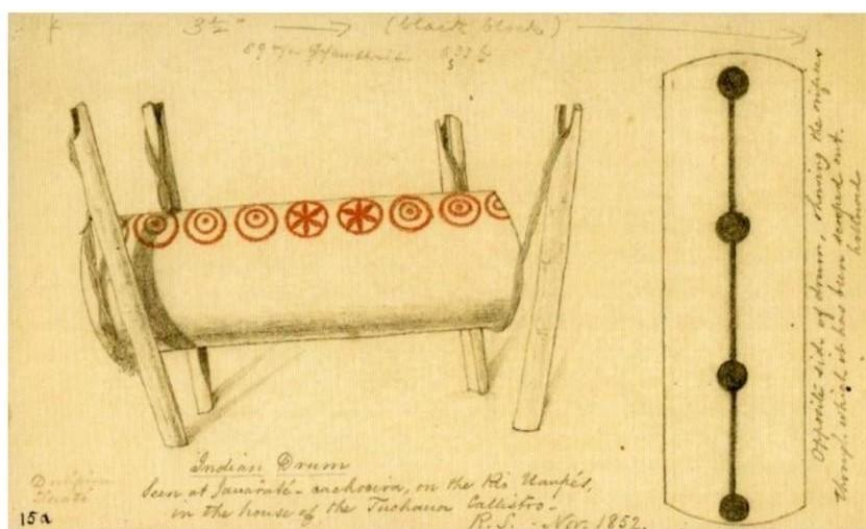


Figura 7 desenho a lápis por Richard Spruce, 1852. (Fonte: Martins et al., 2021, p. 112)

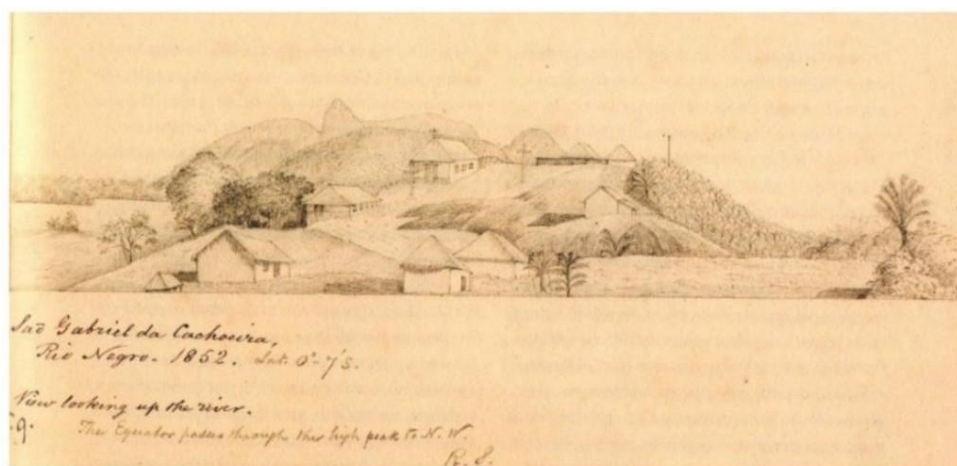


Figura 8 Imagem representando acima da vila de São Gabriel por Richard Spruce 1852.RS.10931 MS/236/32(Fonte:

retirada do livro ARU revista intrcultural da Bacia do rio Negro, Amazonas,nº3,2019, p.112)

Theodor Köch-Grünberg (1872-1924) nasceu na pequena cidade de Grünberg, no estado alemão de Hessen. Viajante incansável e etnógrafo entusiasmado, ele descreveu e documentou detalhadamente diferentes aspectos da vida dos povos indígenas do Alto Rio Negro, (imagem abaixo) com maior foco na sua cultura material, devido também, ao fato de sua viagem ter sido financiada pelo Museu (Martins, et al., 2021). Assim, o etnógrafo seguiu sua intenção original e percorreu os cursos dos rios Tiquié, Waupés, Ayarí, Içana, Cuduyari, Yapurá e outros, durante dois anos (segundo registro de Martins, et al. 2021). Dentre eles, ressalta-se uma coleção de mais de 100 máscaras pãmiwa (Kubeo) feitas, sob encomenda, para o etnógrafo. Quando ainda estava no Brasil, Köch-Grünberg vendeu cerca de 500 objetos ao Museu Paraense Emilio Goeldi em Belém. Sobre os coletores europeus, os artefatos e ornamentos dos rio Negro foram coletados por diferentes motivos, dependendo do acervo científico e instituições de destino (Martins et al., 2021).

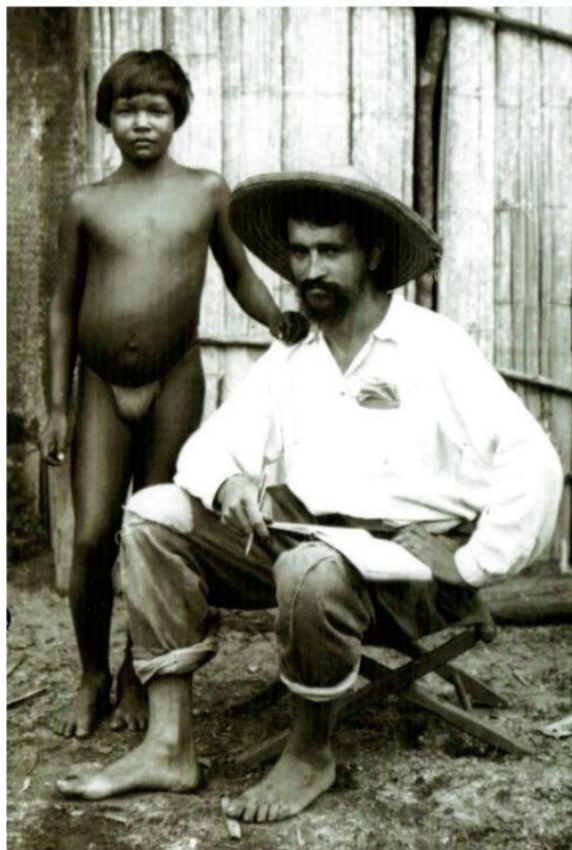


Figura 9. Theodor Koch-Grünberg e seu amigo Táru (Fonte: Martins et al., 2021, p. 114).

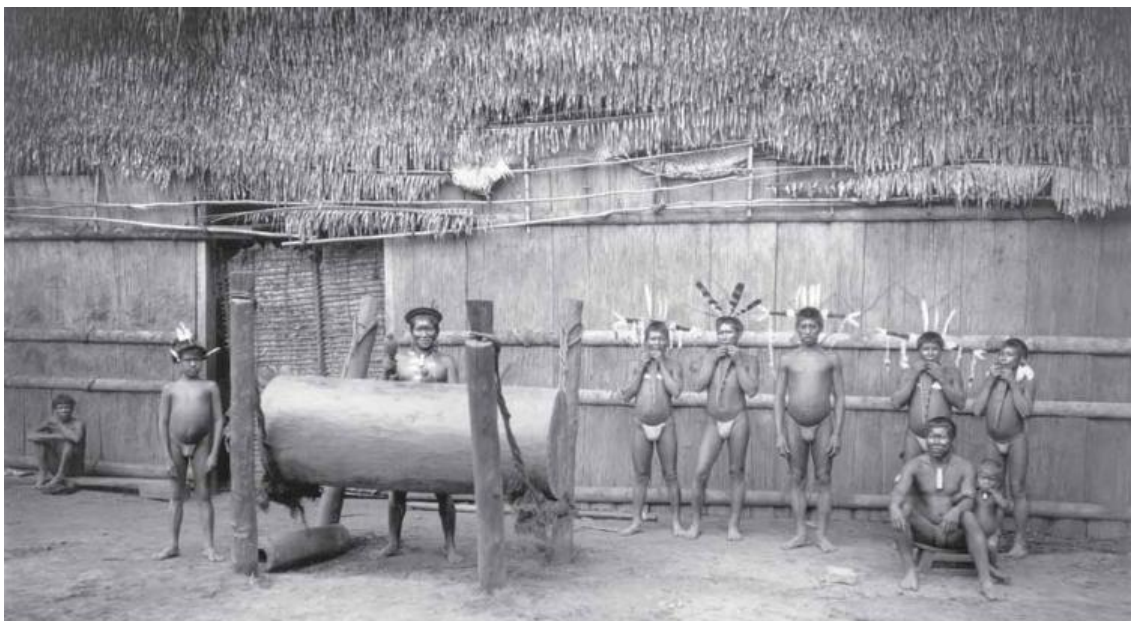


Figura 10. Trocano em frente à maloca tukano de Pari-Cachoeira, no rio Tiquié, fotografado em 1904 (Koch-Grünberg, 1995 : 263). Segundo o antropólogo alemão, esta maloca media 28,80 metros de comprimento, por 21 de largura e 10,20 de altura. (Fonte: Cabalzar, 2006, p.40).



Figura 11. Desenho do trocano a cores, feito pelo artista Guedes no Ginásio Arnaldo Coimbra Foto: Odanilde Freitas Escobar, 2025.

Ao refletirmos sobre as interações e transformações dos materiais indígenas pelas mãos dos não indígenas, torna-se evidente que esse período foi marcado por grandes

desafios para a população indígena. Muitas perdas foram sofridas, tanto materiais quanto culturais, e os colonizadores exerceram uma influência significativa sobre as mentes das pessoas, de forma que, até os dias atuais, algumas acreditam na narrativa de que eles vieram "ensinar-nos" a ser civilizados.

Contudo, é fundamental destacar que, antes da chegada dos colonizadores, já possuíamos modos próprios de vida, culturas consolidadas, práticas religiosas, rituais sagrados, divindades, vestimentas, práticas cerimoniais e uma relação profundamente integrada com a natureza. Contávamos com médicos indígenas que utilizavam remédios extraídos da natureza, especialmente de plantas, baseando-se em conhecimentos ancestrais cuidadosamente transmitidos de geração em geração. Para contribuir conosco trouxemos o senhor Guilherme Desano de 72 anos de idade (2024) que destacou:

Os pajés sempre tiveram seus auxiliares como se fossem seus secretários, os kumu, os benzedores, especilaistas, cada um tinham seus grupos, tinham os que eram responsáveis so pelos jovens, que ensinavam eles tocar carriçú, japuruto (instrumentos musicais indígenas), assim, nas danças se juntavam, dançavam com as jovens. As mulheres também eram bem organizadas, tinham suas equipes como se fossem pastorais, elas cuidavam as famílias, das crianças (...) os ainciões com seu grupo, ate esses tempos, antes da invasão eles viviam bem organizados mesmo, eu quando menino andei piroquinha (nú), tomando banho, não tinha roupa, não tinha nada, lembro que as moças até com quinze, dezesseis anos, andavam com peitos para fora, agente morava no sítios, só entre nós mesmos, lembro que não tinha tanta doença como existe hoje, tiamos respeitos uns pelos outros(...) para cada povo o criador deu instrumentos originais, esses instrumentos originais que os brancos, os padres antigos foram levando, hoje, não estão mais nem aqui, eu mesmo não sei para onde está, aqueles eram originais, o resto foram copiados, era feito de pedra preciosas, outro de ouro mesmo, quando meu pai me contou, ele disse que era ouro bem fininho, era brilhoso, que ficava no cajado, nos colares, esse antigo quando dançava kapiyawa, ou bebia kahpi, ele que conduzia a cerimônia, as pedras brancas que usavam nos dedos, tudo era original,so quem usava era o lider mesmo do grupo indígena (...) tudo isso eles tiraram e levaram, e agora aqui não tem mais nada, os que ainda restou dos conhecedores, estão mais para o lado da fronteira, eles estavam mais distantes ainda conseguiram se esconder da invasão, preservaram o que ainda temos.

O relato do senhor Guilherme foi essencial para esta pesquisa, pois observamos em sua fala , que os parentes indígenas sempre tiveram uma organização social, e também como as pedras sempre fizeram parte do nosso cotidiano, assim como os artefatos arqueológicos, que são considerados sagrados, e alguns se encontram em museus e outros não se sabe. Embora alguns indígenas tenham tido a oportunidade de visitar museus nacionais e internacionais e observar artefatos sagrados, a maioria nunca teve acesso a essa experiência. Para muitos, o contato com esses artefatos limita-se a fotos

e registros em livros, cuja disponibilidade ainda é restrita em muitas comunidades indígenas devido à falta de acesso a recursos educacionais e tecnológicos.

Sabemos, também, que é fundamental consultar nossos kumuã, os especialistas e anciãos, que possuem maior preparo para discernir o que deve ou não retornar à nossa "casa". Quando menciono "casa", refiro-me à natureza, de onde esses materiais foram retirados. Tenho ciência de que, mesmo ao serem devolvidos, jamais serão os mesmos, pois muitas coisas mudaram desde sua retirada. As mãos que os confeccionaram não estão mais entre nós. Isso é o que chamamos de violação em relação aos ancestrais. Contudo, nossos especialistas ainda vivem e preservam o conhecimento, a sensibilidade e a preparação necessárias para lidar com esses elementos.

Os especialistas, por sua vez, renovaram suas práticas, em parte devido às transformações impostas pelo tempo da invasão e disseminação dos colonizadores. É crucial destacar que esses objetos sagrados devem permanecer próximos à natureza, onde podem transitar e respirar livremente. Para aqueles que não possuem a devida preparação, tais materiais parecem mortos, mas, para quem detém o conhecimento, eles estão vivos. Essa vitalidade, no entanto, é difícil de comprovar e compreender, pois somente quem se permite fazer parte da natureza podem vivenciar essa experiência.

Quando estamos desconectados da natureza, ela pode parecer desprovida de importância ou vida. Contudo, ao nos conectarmos, percebemos sua pulsação em cada sopro ao nosso redor. De maneira semelhante, para muitos, os artefatos arqueológicos são apenas objetos inanimados, destinados à exibição como decoração. No entanto, se esses artefatos fossem conservados em acervos com toda a preparação adequada, tocados com respeito pelas mãos dos descendentes que aqui vivem há milhares de anos, seriam valorizados como parte de um legado vivo. Como ainda dizia o senhor Guilherme Desano (2024):

"Essa geração não escuta com atenção os mais velhos. Se escutassem, não precisariam escavar e destruir o que foi deixado há muito tempo. Para que esses objetos estejam ali, houve uma preparação cuidadosa do local, da terra, e da posição em que foram deixadosb".

Essa afirmação revela uma crítica à geração atual, que, ao ignorar os ensinamentos dos anciãos, sente a necessidade de escavar para provar aquilo que já foi amplamente explicado.

Já temos uma abundância de evidências arqueológicas como materiais líticos, cerâmicas e urnas que comprovam a presença de nossos antepassados. Assim, surge a pergunta: qual é o objetivo de continuar escavando? A arqueologia, muitas vezes, destrói

o que é sagrado para os povos indígenas, digo isso porque sou uma descendente, mas reconheço que existem povos não indígenas no mundo inteiro que também possuem heranças ancestrais e regras de respeito que devem ser seguidas. É essencial compreender que todas as culturas carregam consigo um legado que merece valorização e proteção. Esses materiais, cuidadosamente preparados e depositados, são heranças que não apenas representam objetos, mas também o espaço em que foram encontrados, que é igualmente sagrado. Ao serem removidos de seu local de origem, rompe-se esse caráter sagrado.

Embora existam muitos registros e publicações sobre os temas arqueológicos, poucas comunidades indígenas têm acesso a essas informações devido às barreiras de distância. Atualmente, a internet começa a alcançar algumas residências em sítios ribeirinhos indígenas, mas o acesso mais amplo ainda está concentrado em instituições urbanas.

Tenho certeza de que cada pessoa ficaria feliz em ter acesso a um livro que contasse sobre as histórias do Alto Rio Negro em sua própria residência. Essa percepção surgiu quando tive acesso ao livro "Arú, PGTA Wasu: Plano de Gestão Indígena do Alto e Médio Rio Negro", que me deixou imensamente feliz ao ler sobre os trabalhos realizados pelos nossos parentes em colaboração com pesquisadores não indígenas, especialmente ao destacar como as pedras, lagos e cachoeiras fazem parte da nossa identidade.

Por outro lado, ao me deparar nas páginas finais do livro "Maloca entre Artefatos e Plantas: Guia da Coleção Rio Negro de Richard Spruce em Londres", me fez lembrar do meu primeiro contato dentro dos museus, em Manaus, Belém do Pará, surgiram novas interrogações em minha mente. Os materiais sagrados, neste exato momento, encontram-se distantes de suas origens, viajaram tão longe, onde apenas alguns indígenas terão a oportunidade de visitá-los. A maioria dos parentes não poderão tocá-los, vê-los de perto, jamais dividirão experiência com seus filhos e netos sobre estes instrumentos. A única forma de acesso que teremos será através de publicações de livros e fotografias.

Aqueles que já perderam essa conexão podem argumentar que isso não tem importância, mas os anciãos reconhecem o grande valor cosmológico, simbólico e cultural que esses materiais antigos carregam. Certamente, eles deveriam estar aqui, para que pudéssemos compartilhar entre nós a sacralidade desses artefatos. Afinal na Canoa de Todas as Gentes fomos deixados aqui e essa é nossa terra, nosso lugar.

Nos perguntamos então: Por que não pode ser o contrário? Por que nossos

artefatos estão aprisionados em museus junto com eles, quando tanto se fala em preservar nossa cultura? Que os *Kariwas*⁴ venham nos visitar, e ao nos visitar que leve a nossa verdadeira história para o mundo. As leis foram criadas pelos não indígenas para permitirem a escavação e a transferência desses materiais para os museus. Se essas leis não mudam, por que não nos ensinam o processo de como construir um museu dos povos originários em nossa própria terra? Tudo seria mais acessível e próximo.

É correto escavar uma urna funerária? É certo que não, aos olhos indígenas, isso é considerado extremamente desrespeitoso. Pergunto: alguém gostaria que retirasse o corpo de seus entes queridos e o levasse para outro lugar, onde sua família enfrentaria dificuldades para acessá-lo? Se você teve uma vida em família, é provável que não concordaria. Certamente, lutaria para evitar que isso acontecesse.

Sabemos que virão com orientações, alegando que não temos um museu para recebê-los de volta. No entanto, os não indígenas sabem exatamente como estabelecer parcerias e construir um museu. Se realmente desejam nos ajudar, encontrarão soluções, não criarão dificuldades. Não queremos respostas que resultem na construção de um Museu virtual, com imagens de qualidade superior. Os tempos dos colecionadores e colonizadores já ficaram para trás, não é mesmo? Ou será que ela continua de uma outra forma?

Por exemplo, o retorno dos ornamentos sagrados (*basá busá*) que estavam no Museu do Índio, em Manaus, foi um processo longo, repleto de disputas políticas pelo restabelecimento de relações entre setores do movimento indígena e conhecedores tradicionais organizados em um movimento autodenominado “revitalização cultural”. O processo foi iniciado em 2006 como parte das atividades de salvaguarda da “cachoeira de Iauaretê” [...] Os ornamentos corporais em questão eram usados durante rituais de iniciação masculina, *dabucuris* trocas de bens entre cunhados e aliados, e em danças rituais que envolviam os *miriã* (*Jurupari*), o consumo de *ka’pi* e danças que recontavam a narrativa da trajetória de transformação dos povos em humanos (Martine, 2012).

Com tantas coisas ocorridas no passado, muitas coisas mudaram, recolhidos em um longo tempo, em respeito aos que se foram, resolvemos reagir, por que nunca morremos, sempre estivemos vivos, sabíamos que seria uma luta árdua, a começar por nossos direitos, demarcação de terras indígenas o que na minha opinião não precisava porque esta terra é indígena por natureza.

⁴ *Kariwa*, branco, não indígena.

Essas lutas tiveram início com a união de todos os povos indígenas do Brasil. Aqui ressalto a figura de Galdino, que morreu queimado em Brasília. Na época eu era apenas uma criança de sete anos, mas lembro quando o capitão da minha Comunidade, o senhor Zeferindo deu sinal para que todos se reunissem casa comunitaria. Recordo que ao chegar lá, vi as senhoras (avós, tias, mãe, mulheres), chorando em círculo no meio da palhoça, e vi manchas vermelhas espalhadas dentro e ao redor da nossa maloca, cinzas e carvão e fogo, enquanto os homens de fora do círculo também sentia as dores, elas choravam e cantavam em língua indígena, na despedida da dor de um parente etnia Pataxó Hã-Hã-Hãe, tinha sido morto.

Trago à tona esses marcos porque nosso ofício de polidores e afiadores marca um capítulo importante de nossa história. Quando nossos ancestrais viviam entre si, exclusivamente entre povos originários de diferentes povos e em diferentes bacias fluviais desse vasto território que hoje é o Brasil, possuíam conhecimentos sobre as doenças indígenas, e especialistas como os Yai, Kumu em tukano, pajés na língua geral, dominavam técnicas de cura. As disputas internas entre os indígenas eram resolvidas com rituais de assopro como é conhecido pelo Alto Rio Negro, cada povo tinha seu assoprador e também utilizando materiais naturais como flechas, zarabatanas e venenos extraídos de animais e aplicados nas pontas de objetos para serem usados em combate.

Os primeiros contatos diretos dos povos indígenas do rio Negro (sobretudo os do baixo e médio curso do rio) com os não indígenas ocorreram já no século XVII, principalmente com os portugueses que penetraram no rio Negro à caça de escravos (Cabalar, 2006, p.73). Quando os europeus chegaram, trouxeram consigo doenças desconhecidas pelos povos indígenas, que perderam o controle da situação por não saberem como lidar com essas enfermidades, não sabiam quais benzimentos utilizar pois eram novas doenças. Além disso, as armas de fogo introduzidas pelos europeus representavam uma ameaça incompreensível, e as batalhas tornaram-se assustadoramente e letais. As novas armas e doenças dos não indígenas foram responsáveis por inúmeras mortes entre os povos originários.

Após séculos de misturas entre colonizadores, escravos de diferentes origens e indígenas locais, muitos permaneceram neste solo e foram acolhidos pelas famílias indígenas. Um exemplo disso é minha avó materna, descendente quilombola, órfã de mãe e pai, que foi criada por uma mãe indígena Desana. Esta lhe deu um nome indígena e transmitiu todos os conhecimentos matriarcais, inclusive guiando-a pelos rituais de passagem, como a primeira menstruação, de acordo com nossas tradições originais. A

partir dessas misturas e influências culturais, todos nós nos tornamos brasileiros, carregando em nossa essência as múltiplas heranças e identidades que compõem a riqueza de nossa nação.

Hoje, para compartilhar com vocês nossos conhecimentos e vivências desde o ventre de nossas mães, precisamos transitar também no mundo dos não indígenas. Utilizamos a escrita, a fotografia, os dados e outras formas de expressão para transmitir a importância das coisas sagradas, para nós: o tempo, as plantas, os rios, as pedras, o ar, as estrelas, o fogo, os animais, os seres de outras dimensões, dentre eles os polidores e afiadores, petróglifos a terra e toda a natureza.

Atualmente nós indígenas/originários estamos presentes nas escolas primárias, nas universidades, nos hospitais e nas repartições públicas, participando ativamente da sociedade e contribuindo com nossas perspectivas e saberes para um mundo mais diversos e inclusivo. Com nossos especialistas, anciões, nova geração, população que mora próximo a estes artefatos e com as formações de indígenas nas áreas de antropologia, arqueologia, linguística, sociologia entre outras áreas, acredito que não tem mais o por que os artefatos serem levados e sim trazidos de volta para casa, para que todos tenham a oportunidade de ver e sentir e precisamos contar com vocês pesquisadores, arqueólogos, cientistas, que hoje guardam preservados estes artefatos nos museus não indígenas.

Estamos aqui e contamos com esse recomeço. Nada é mais importante do que estarmos unidos para este grande momento. Eu, particularmente, gostaria muito de ter a oportunidade de presenciar esse acontecimento em vida. Somos 23 povos que habitam o Alto Rio Negro, e o sonho de um museu indígena nessa região representa um anseio coletivo pela preservação, valorização e celebração das culturas indígenas. Mais do que um simples local, esse museu seria um espaço de reexistência cultural, onde a diversidade não estaria apenas nos objetos e artefatos, mas, sobretudo, em nossas narrativas, tradições orais e modos de vida.

Seria um lugar onde as vozes indígenas seriam ouvidas, onde os saberes ancestrais poderiam ser compartilhados com as novas gerações e com os visitantes, promovendo um verdadeiro intercâmbio entre culturas. Além disso, esse espaço não se limitaria a preservar o passado, mas também serviria como um centro de aprendizado sobre a cosmologia indígena, a relação com a natureza, as formas de organização social e as línguas indígenas, que são parte essencial da nossa identidade

Ainda estou no início de minha trajetória como pesquisadora indígena e

sempre pensei, por que ninguém toma medidas para impedir a remoção dos artefatos sagrados de seus locais de origem? Na realidade, há parentes, movimentos indígenas que lutam sim, por essas causas, mas há um percurso a ser percorrido, a luta precisa continuar para que haja um espaço físico e espiritual para que esses objetos possam ser cuidados na região.

Sabemos que, após serem retirados do solo, esses materiais sagrados sofrem impactos significativos, pois passaram milênios sob a terra em condições de temperatura e umidade específicas. No entanto, ao serem levados para museus, são submetidos a condições ambientais controladas e a cuidados especializados. Aprendi sobre essa questão ao estudar arqueologia, mas meu tio Geraldo que já ancestralizou, sempre me dizia que a terra onde foram depositados também tinha uma temperatura.

Por isso, é importante termos um acervo indígena em nossos territórios para recebê-los de volta, sob os cuidados de nossos especialistas indígenas. Eles saberão o que deve ou não retornar. Pois, ao serem deixados por tantos anos presos em museus de quatro paredes, sem o acompanhamento do médico conhecedor indígena, eles adoeceram. Estão respirando por aparelhos, chamados ar-condicionados, com temperaturas controladas que funcionam como grandes máquinas que lhes permitem continuar vivos. Assim, não podemos trazê-los de volta ao nosso território sem esse “aparelho”, que é o acervo, o museu.

Ao retornarem, tudo exigirá tempo, até anos: será necessário dialogar com os conhecedores indígenas para definir como proceder antes que possam voltar ao museu livre, ao céu aberto. Precisamos preparar, em nosso território, um acervo ou museu que funcione como essa incubadora onde sempre respiraram por longos anos, longe do território de origem. Para isso, haverá todo um benzimento do lugar, do espaço do acervo e da posição em que serão colocados, uma preparação espiritual para recebê-los. Após a chegada, outro procedimento será necessário: um acompanhamento longo e diário dos especialistas indígenas junto a esses sagrados. Só então poderá ser definido o procedimento final, ou mesmo compreender se terão sequelas e se precisarão permanecer para sempre nesse tipo de “máquina respiratória”.

Além disso, existem vários tipos de materiais: os que podem ser mostrados, os que não podem e aqueles que podem ser compartilhados, ajudando a reconstruir o que foi destruído e a transmitir aos nossos filhos o conhecimento ancestral. Trago esse resumo para a importância da construção de um acervo ou museu em nosso território, também

para impedir que mais sagrados continuem sendo levados.

Após o retorno, será necessário cuidar e, em comunidade, decidir o próximo passo, talvez devolvê-los ao museu indígena a céu aberto, de onde nunca deveriam ter saído, pois assim nossos indígenas ancestrais os deixaram: ao ar livre, livres, e por isso não adoeciam, mas causavam doença àqueles que não respeitavam esses lugares. Meus ancestrais indígenas construíram nosso acervo a céu aberto porque esses elementos têm vida, assim como os laboratórios de plantas indígenas também são ao ar livre. Nossas bibliotecas vivas são os anciãos e anciãs, especialistas indígenas que detêm um conhecimento muito grande.

Nós indígenas sabemos que ao transferir um objeto de lugar, se desalinha toda uma energia cósmica. A posição que foram deixados, mexe todo o procedimento do *bahsese*⁵ que foi feito, isso é péssimo para nós indígenas, assim nós nos perdemos nos caminhos que nossos antepassados traçaram para nós. Mexer nesses artefatos atraem os *doatise*⁶ (doenças) como dizia João Paulo Tukano (Barreto, 2018), são as doenças que aparecem para deixar enfermos os povos indígenas e todo o planeta terra, porque nossos caminhos estão sendo destruídos.

Fico a imaginar esse retorno com alegria, emoção e preocupação. Teríamos longos dias de preparação através do *bahsese*, imagino vários especialistas vindo de outras calhas do Rio Negro, vindo ajudar nessa recepção. É claro que no primeiro momento, somente as pessoas preparadas pelo *bahsese* irão ter acesso, depois de toda defumação irão nos dizer o procedimento de visita, já que se trata de coisas de grande importância para nós, povo do Alto Rio Negro. O retorno será um dia memorável, com a grandes solenidades de *poose*⁷ durante e depois da cerimônia (Barreto, 2018, p.96). Assim, vamos ficar aqui, confiantes que esse dia chegue.

⁵ *Bahsese* são fórmulas “terapêuticas” que consiste na manipulação “metaquímica” das qualidades das coisas via oralidade para prevenir, proteger e curar as pessoas. (BARRETO, João Paulo Lima) p.88

⁶ *Doatise* males e doenças, englobando as afecções denominadas de *doatise*. (BARRETO, João Paulo Lima. *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Manaus, 2021.) p.88

⁷ As festas de *poose* são grandes eventos sociais em que participam todos os membros da comunidade, com tarefas a cumprir antes, durante e depois das cerimônias. (BARRETO, João Paulo Lima. *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Manaus, 2021.) p.96.

1.3 Arqueologia no Alto Rio Negro

A arqueologia é uma fonte privilegiada para o entendimento da longa história socioambiental que envolve pessoas, plantas, animais e paisagens no Brasil antigo. Além dos vestígios materiais que compõem as matrizes dos sítios arqueológicos, as plantas que recobrem os sítios arqueológicos são artefatos vivos, manifestações de processos seculares ou milenares de construção de paisagens compostas por florestas antropogênicas (Baleé, 2008). “Os vestígios de um sítio não aparecem isoladamente, mas em conjunto cujo sentido procuramos desvendar. Assim, uma estrutura arqueológica é um conjunto significativo de vestígios (Prous, 1992, p.26)”.

O Alto Rio Negro se destaca pela possibilidade de continuidade histórica entre populações contemporâneas e as que habitaram os sítios arqueológicos, o que correlaciona passado e presente, apesar das limitações para identificar fronteiras étnicas passadas com base em vestígios materiais em uma região de configuração multiétnica e multilinguística (Neves, 2012, 2015).

Geralmente, os materiais arqueológicos, depositados há muito tempo, são encontrados enterrados e são comuns na região do rio Negro (Cabalar, 2006). Embora não haja estudos conclusivos sobre origens e os movimentos migratórios pré-coloniais ao longo da bacia, sabe-se que os povos indígenas contemporâneos estão na região do Alto Rio Negro há cerca de três mil anos, muito antes da chegada dos colonizadores europeus (Meira, 2019).

As pesquisas propriamente arqueológicas, com escavações e cronologias, no Alto Rio Negro ainda são escassas, com poucos estudos pontuais. Contudo, com o passar do tempo este quadro vem se modificando.

Depois do trabalho de Eduardo Góes Neves no final dos anos 1990 quando fez sua pesquisa de doutorado aliando Arqueologia e História Oral na região do rio Uaupés (Neves, 2012, 2015), temos pesquisas mais concentradas nos estudos dos petróglifos relacionados com os lugares sagrados. No Rio Içana, C. Xavier (2008) documentou alguns desses lugares em suas relações com as narrativas do povo Baniwa. Raoni Valle, junto com pesquisadores indígenas e não indígenas, vem realizando extenso trabalho de prospecção, documentação e interpretação de muitos conjuntos de sítios rupestres, valorizando as visões indígenas sobre esses vestígios (Valle 2012, Tuyuca e Valle, 2019). Por exemplo, relata que no conhecimento Tuyuka, esses sítios são chamados de *Utã*

Woritire, ou seja, lugares sagrados com desenhos nas pedras, muitos dos quais também são conhecidos como *Pamuri Wiseri* (Casas de Transformação). Sua pesquisa, ainda hoje em andamento, se aproxima de uma agenda intercultural, problematizando a arqueologia rupestre na Amazônia como um exercício de descolonização.

Os estudantes indígenas da Licenciatura Intercultural da Universidade Federal do Amazonas, que foram ao encontro de problemáticas arqueológicas, ainda que sem escavações. Algumas dessas pesquisas foram publicadas em 2019 na Revista Aru (Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro), como João Carlos Monteiro Pedrosa, Marcos Resende Barbosa (Tuyuca) e Odilson Penha Almeida (Tukano), que abordaram os petróglifos e lugares sagrados, e os sítios e malocas antigas, respectivamente.

Mais recentemente uma nova pesquisa arqueológica se desenvolveu na cidade de São Gabriel da Cachoeira pelo PARINÃ. Escavações no ICMBio (na imagem abaixo, vemos um abrasador cerâmico com as mesmas marcas encontradas nas pedras próximas da escavação nas margens da cidade S.G.C) e na Praça da Diocese em 2019 e 2022, revelaram vestígios de uma ocupação em espessa camada de terra preta, com datações que chegaram até 2 mil anos atrás. Desenvolveram o estudo de objetos antigos, desenhos, fotografias, depoimentos e documentos que permitem acessar aspectos da vida cotidiana antiga. Depois das pesquisas houve uma exposição apresentando os resultados iniciais do PARINÃ, propondo uma diversidade de saberes e histórias, promovendo uma viagem no tempo e na cultura da nossa região.



Figura 12. Peça arqueológica retirada nas escavações feitas em São Gabriel da Cachoeira-Am, Coleção vinculada ao MUSA e Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico localizado na ada do empreendimento sede do Parque

Nacional Pico da Neblina ICMbio, Foto: Odanilde Freitas Escobar, 2024.

Na revista de pesquisa intercultural da Bacia do Rio Negro, chamada Aru, amazonas pesquisadores indígenas, alunos e não indígenas, registraram 60 lugares sagrados, somente os que têm narrativas vinculadas aos benzimentos, deixando de lado outras narrativas de assopro, feitiços etc. (Pedrosa. p.43, 2019), as pesquisas continuam sendo realizadas sem a necessidade de escavações, desenvolvendo uma arqueologia conduzida pelos nossos conhecedores e arqueólogos indígenas por meio da oralidade. Permanecemos presentes nos locais, sentindo, observando, sem retirar nada de seu lugar.

Recentemente se formaram 22 arqueólogos indígenas pela UEA em 2023, grupo do qual eu faço parte. Durante a defesa dos trabalhos de conclusão de curso, cada um abordou temas relacionados à arqueologia e à história da região do Alto Rio Negro, destacando a importância de valorizar a cultura local e a ancestralidade. O meu trabalho teve o olhar voltado para as pedras, onde nelas estão os polidores e afiadores. Também essas pedras guardam “desenhos”, conhecidos como petróglifos. Esses desenhos carregam profundos significados para nós. Por meio das narrativas transmitidas de geração em geração, compreendemos que, para nossa gente, a Arqueologia abrange tudo o que se encontra dentro e fora da natureza, pois todas as coisas têm um grande valor e merecem apreço.

A escassez de oportunidade de emprego na área é um desafio significativo, visto que os recursos e as oportunidades vêm principalmente de fora da região. Essa realidade frustrante desmotiva os profissionais locais. Embora haja uma variedade de sítios arqueológicos para serem investigados, a questão central permanece: qual o propósito de realizar escavações se os artefatos encontrados serão removidos e levados para longe? Já que as escavações continuam, que os artefatos permaneçam localmente, próximos às suas terras e lares.

Hoje, a caminhada continua, a luta para preservação é de todos. Às vezes, sinto que a prática da arqueologia persiste em mexer o que resta como sagrado debaixo do solo, posso estar enganada e ser criticada. Mas antes de ser arqueóloga eu sempre serei indígena, o ser indígena está no meu sangue, nos meus cabelos de cor preta, nos olhos puxados, cor morena, na minha cultura, por isso não posso dizer ao contrário do que foi me ensinado, nossa região inteira é arqueológica, desde nossas histórias as marcas. Como mencionado na seção anterior, muitos desses artefatos estão em museus nacionais e internacionais, distantes de suas origens. Apenas aqueles que mantêm viva dentro de si a

essência dos ancestrais indígenas entenderão o que estou expressando. Uma marca, objeto, uma história. Sem as marcas, sem objetos, não há história; sem história, não há vida.

No Alto Rio Negro onde vivemos preservamos a história da nossa cultura através da oralidade. Essa riqueza histórica está presente nas paisagens, nas tradições culturais e nas próprias pessoas. Embora algumas línguas, como a dos Baré, possa ter se perdido, os conhecimentos tradicionais sobre culinária, artesanato, danças e músicas ainda são preservados e praticados pelos habitantes locais, mantendo viva a essência da ancestralidade.

Quando estamos em nossas comunidades ou sítios, reunidos com nossas famílias, costumamos nos sentar ao final da tarde, após o banho, ou durante a preparação do jantar, à beira do fogo. Enquanto o peixe ferve ou raspamos a mandioca, nossas conversas frequentemente evocam memórias e saberes transmitidos de geração em geração.

Refletimos sobre a vastidão de nossos conhecimentos e a riqueza de nossa cultura, desde os alimentos que extraímos da natureza até mesmo os costumes que preservamos ao longo do tempo. Desde a água até a retirada de plantas do solo, das aves que voam, dos objetos que produzimos para adornos ou para o uso cotidiano, tudo reflete essa interação com o meio. Ao descermos para o porto na margem do rio, observamos quantos polidores e afiadores marcam nossa história. O barro de Tujuca (argila), com o qual as crianças brincam no porto, escorregando e moldando panelinhas para brincar de fazer comida, também carrega essa ancestralidade.

Ao varrer o quintal de nossas casas, frequentemente nos deparamos com “cacos” de cerâmica espalhados pelo solo. Esses fragmentos são recolhidos e deixados sobre troncos de árvores. A chamada "terra preta", tão significativa para a arqueologia, está por toda parte. Tudo isso se manifesta constantemente porque sempre estivemos aqui. Esses vestígios estão sob nossos pés, nós, povos indígenas, respeitamos esses sinais, pois fazem parte de nossa história e do ambiente em que vivemos.

Com o tempo, surgiu a Arqueologia, uma ciência dedicada ao estudo da história dos seres humanos por meio de evidências materiais. A Arqueologia tem encontrado vestígios significativos do passado, mas para nós, indígenas, isso representa um reencontro, pois os mais velhos sempre nos contaram e mostraram que esses são lugares de respeito, de onde nada deve ser retirado ou levado. Por meio de análises conseguimos identificar aspectos importantes da vida e da cultura indígena antiga.

Apesar disso, os não indígenas criaram leis que exigem autorizações superiores para a realização de pesquisas e escavações. Assim, quando o objetivo do trabalho é conhecer a história dos povos indígenas, é necessário solicitar permissão ao IPHAN que somente após essa autorização, a escavação pode ser iniciada. No entanto, ao seu término, enfrentamos um problema: como estamos falando do Alto Rio Negro, não há um museu fixo na região. Dessa forma, todos os materiais encontrados são levados para museus distantes.

As pesquisas continuam, mas resta pouco sagrado, após as invasões do passado, quando os Baré habitavam essa região que hoje corresponde a São Gabriel da Cachoeira, viviam com suas disputas, lutas suas brincadeiras internas. Questiono-me: até quando vão continuar levando os nossos materiais? Precisamos ser sinceros: ainda estão levando, aos poucos, o que nos resta. Por isso, faço um apelo: pensem e repensem, isso é certo? Quero que meus descendentes tenham o privilégio de ver o que vejo hoje. Como as leis não são nossas, a única solução viável é a construção de um museu fixo aqui, para que os materiais arqueológicos permaneçam próximos ao local onde foram deixados por nossos ancestrais. Eles os depositaram ali por um motivo, e devemos respeitar isso. No que concerne a arqueologia, Lima nos apresenta, é uma “forma de trabalhar com (e pelas) pessoas, nas comunidades da Amazônia. Aprendendo e ensinando, sempre no presente, olhando para o futuro e não prendida ao passado. Esta é a arqueologia sensível” (LIMA, 2018, p.34).

Por fim, reitero: sempre fazemos tudo com cuidado, pensando no bem de todos. Como diz João Paulo de Lima Barreto, precisamos zelar pelo nosso bem-estar e pelo nosso bem viver.

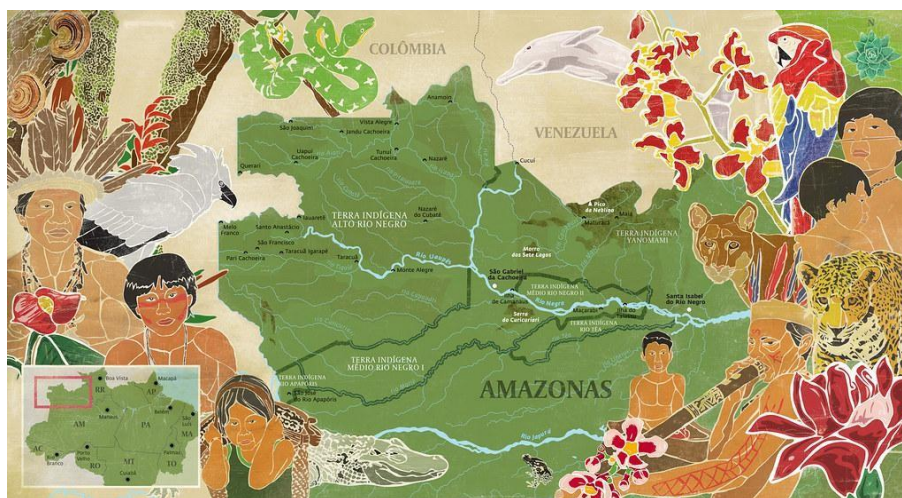


Figura 13: Cabeça do Cachorro | Região do Amazonas. Fonte: <https://www-geografia.blogspot.com/2019/09/cabeça-do-cachorro-região-do-amazonas.html>. Acesso em 09/09/2023.

VESTÍGIO II – PAISAGENS ARQUEOLÓGICAS: GRAFIAS DOS ANTIGOS ANCESTRAIS

2.1 Marcas e história nas pedras em S.G.G

A área de pesquisa desse projeto se deu na Orla fluvial de São Gabriel da Cachoeira que dista o porto do Dabaru a Orla da Praia. O lócus da pesquisa, conhecida como área do Jaú próximo ao buraco da Mussum Kuara comumente conhecida pelos moradores da cidade de São Gabriel da Cachoeira como o lugar da Cobra. Neste solo sagrado, às margens do Rio Negro, iniciamos nossa pesquisa focada nos polidores e afiadores presentes nas rochas. Esses locais são abundantemente cobertos por rochas graníticas, especialmente durante os períodos de estiagem. Nestes afloram-se diversas marcas deixadas por nossos antepassados, tais como petroglifos, polidores, afiadores e marmitas que são naturais mais que utilizamos para deixar mandioca ou frutas de molho atualmente.

Expostas aos elementos naturais sol, vento, chuva e sujeitas aos intemperismos, essas formações rochosas guardam consigo uma rica herança cultural. Localizadas nas proximidades da cidade, elas recebem a visita de banhistas, turistas e moradores locais durante os finais de semana. No entanto, muitos desconhecem o profundo significado deste patrimônio. Durante a cheia do rio, essas rochas ficam submersas, banhadas pelas águas do Rio Negro, permanecendo assim pelo tempo que a natureza determinar. Esse ciclo se repete anualmente, e a cada período essas formações sofrem alterações devido à intensidade dos processos naturais e à intervenção humana.

Desde o Porto Dabarú Beira Rio, onde a pesquisa teve início, foram encontrados apenas polidores circulares em pouca quantidade. Nas margens há uma abundância de pedra granítica em vários formatos, juntamente com uma variedade de tujuca (argila), incluindo tonalidades branca, laranjada e bege. Devido à proximidade com a cidade, várias casas de concreto e tabuas, são encontradas ao longo das margens. Os igarapés não são mais os mesmos de alguns anos atrás; observou-se uma quantidade significativa de palmeiras como o tucum e outras que resistiram ao tempo e permanecem de pé.



Figura 14: Área de realização dos levantamentos de campo. Dados do mapa 2024 <https://www.google.com/maps>, Acesso em:07/06/2024

Mais a jusante, até a Pedra do Morro da Fortaleza, durante o final de 2023 e o início de 2024, foi possível acompanhar de perto a grande seca do rio Negro. Além dos polidores e afiadores, no Morro da Fortaleza, temos uma grande marca do Povo Baré, registrada como quarto de Anta, pé do anjo, trago para compartilhar a história a anciã Celina Baré de 67 anos de idade:

Antigamente, nesse morro, viviam os povos Baré, conforme contava meu avô, já falecido. Ele dizia que, certa vez, uma doença atingiu a comunidade, matando e enfraquecendo o povo. Por disso, os pajés buscaram ajuda junto ao Panominare. Atendendo ao pedido, ele enviou uma mensageira: uma mulher anciã, indígena como nós.

Ela trouxe com ela uma anta inteira, que deveria ser consumida ali mesmo, no local sagrado e o que sobrasse deveria permanecer no mesmo lugar onde ela pareceu. Por isso, o quarto da anta que restou continua lá até hoje. A mensageira também trouxe cuias com bebidas e remédios tradicionais, que, segundo a narrativa, permanecem ao redor, na Pedra da Fortaleza. Antes de desaparecer, deixou sua marca na pedra, em forma de um pequeno pé conhecido por muitos como ‘pé de anjo’ ou ‘pé de Nossa Senhora.

Através do relato da anciã Celina, é possível perceber o apagamento histórico dos povos indígenas, presentes por todo o Alto Rio Negro, cujas narrativas e lugares de memória são frequentemente silenciados ou invisibilizado.

Também encontramos petróglifos circulares (imagem abaixo) e outros com formatos diferentes, embora alguns estivessem parcialmente apagados. Além desses artefatos, notou-se presença de lixo próximo a estes lugares, como plástico, vidro e metal, espalhado por pessoas que talvez não compreendam a grande importância da preservação deste local sagrado.



Figura 15. Petroglifo circular na área da Pedra Fortaleza. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.

Testemunhei também a presença dos parentes indígenas que vieram das calhas de seus rios acima, para resolver questões ou realizar compras na cidade, acampando-se nas pedras. Estes já apresentavam um comportamento peculiar entre as rochas, como se estas fossem seus lares. Isso suscitou em mim uma reflexão: apesar dos milênios decorridos, indígenas ainda habitam essas pedras nos rios secos, fazendo delas sua morada temporária. Conforme o rio sobe, essa paisagem desaparece, levando consigo o retorno das pessoas de volta para suas calhas de rio.

Um dos momentos marcantes foi a preparação de alimentos feita por uma senhora, próxima ao rio e entre as pedras, utilizando lenha e uma panela sustentada por blocos de pedra granítica. Outro momento significativo foi encontrar restos de peixe moqueado dentro de um dos polidores circulares, estilo prato, o que me levou a fotografar. Ao final do campo, quando me preparava para tomar banho no Rio Negro ao pôr do sol, observei outras famílias pescando e capturando muitas sardinhas com caniço dentro da canoa e seu remo de madeira.

Já no perímetro da orla da praia, conhecida pelos moradores de São Gabriel da Cachoeira como área das mangueiras, devido às duas enormes e antigas árvores de mangueira, nota-se uma maior concentração de polidores de formatos circulares, ovais, estilo canoa e lineares. Descendo o rio em direção à orla da praia, encontramos outro grande conjunto de polidores iniciais, seguido por conjuntos de cúpulas, revelando uma grande atividade de trabalhos líticos afiados e polidos nesta região. Ainda existem algumas palmeiras de tucum, tucumã, açai, árvores de jenipapo e de ingá do mato, além de capim utilizado para tratar feridas.

Há também uma grande quantidade de areia fina e branca que se movimenta a cada ano, ora cobrindo os polidores, ora revelando a grande diversidade e quantidade de pedras graníticas. Além de ser um local frequentado diariamente por banhistas e turistas, principalmente nos finais de semana, essa região abriga as impressionantes cachoeiras de Curukui e Pupuri, onde todas as tardes, pescadores se reúnem nessa ponta para pescar, enquanto outros lançam suas malhadeiras. Por estar às margens da cidade, o local também funciona como um porto, onde diversas canoas atracam, transportando pessoas de volta e para sítios e comunidades. É um ponto de passagem diária para parentes indígenas de vários povos

O caminho metodológico por nós traçado se dá pelas vias da complexidade de acordo Morin (2007) no sentido de que a partir desta trilha epistemológica podemos pensar na identificação dos ambientes que contemplam a cultura material antiga em São Gabriel da Cachoeira, bem como a dimensão simbólica que permeia tais objetos a partir de conversas informais com os sujeitos sociais que se reconhecem na história ancestral desses vestígios e sua importância na vida social contemporânea, bem como a interlocução com as outras ciências especialmente a Arqueologia, a grande área dessa investigação.

Fizemos o inventário e o georreferenciamento de todas as coleções já observadas nessas áreas de acordo com o cronograma estabelecido no projeto, a partir do que já conhecemos durante a pesquisa anterior. Para fazer os registros utilizamos caderneta de campo, materiais de medição GPS para o georreferenciamento, bem como entrevista com moradores do entorno para coletarmos dados subjetivos em relação a sua percepção acerca dos vestígios. Para Canclini (1997) os monumentos arqueológicos, contém diversos períodos históricos e artísticos. Para ele, as imagens são modos diversos, segundo os quais hoje são reutilizados as tradições e os monumentos que consagram.

Em 2024, foi possível fazer o levantamento de amoladores e afiadores que estavam em lugares mais secos, medindo, fotografando e georreferenciando os que estavam à beira d'água, como (comprimento, altura, largura, raio, ponto, elevação do nível do rio, longitude e latitude).

Durante essa jornada, alcançar os polidores e afiadores não se revelou tarefa simples. Conteí com a colaboração de voluntários, como meu esposo Pedro Henrique, que conduzia o veículo até o local de campo, e meu irmão Edvan Freitas Escobar, que interrompeu sua graduação em arqueologia mais seguiu me auxiliando, segurando a fita métrica e mediando os polidores e afiadores. Passávamos horas, por vezes o dia inteiro, entre as pedras, realizando o trabalho com serenidade.

Sob o sol, cujo impacto era amenizado pelas águas do Rio Negro, utilizávamos a régua como base reta, enquanto a fita métrica descia ao fundo do polidor, a fim de medir sua profundidade. A régua também se prestava à mensuração dos raios dos artefatos. O caderno e o lápis foram essenciais para registrar e coletar dados em campo, assim como para anotar as observações que surgiam diante de nós. O celular era o único objeto de fotografia que eu tinha como ferramenta, desempenhou papel crucial ao documentar cada momento, desde os objetos de pesquisa até os eventos ao nosso redor, como a chegada e partida de pessoas em canoas.

Medir os polidores sem tocá-los era impossível. Experimentei os momentos mais gratificantes ao sentar-me sobre as pedras e, com mãos e dedos, deslizar sobre os polidores confeccionados por meus ancestrais há milhares de anos, sempre pedindo permissão. O encontro com os anciões para perguntar sobre os polidores foi durante a pesquisa, mas antes de conhecer arqueologia minha avó materna já falava sobre os mesmo com outras palavras, com outras histórias onde minha mãe sempre enfatizava que devemos ter respeito.

Para facilitar na organização do registro dos artefatos estudados, dividimos-os em Conjunto A Grupo um (CAG1), Conjunto A Grupo dois (CAG2), Conjunto A Grupo três (CAG3), Conjunto A Grupo quatro (CAG4), Conjunto A Grupo cinco (CAG5), Conjunto A Grupo seis (CAG6), todos na Orla da Praia/Jaú, conforme a imagem:



Figura 16. Demonstração das área de estudo. Fonte: Odanilde Escobar.

2.2 As pedras falam

Na orla fluvial (área das Mangueiras e Praia do Jaú) identificamos 137 amoladores com formatos circulares e semicirculares no estilo cuia, onde as medidas seguem um determinado padrão. Os conjuntos estão separados de 10 a 25 cm. Essas características amostrais podem ser indicadores que durante o processo de fabricação das ferramentas líticas, onde os artífices ou artesões estavam friccionando a peça. Constatamos que os amoladores têm dimensões como: comprimento, largura, profundidade e raio equivalentes, ou seja, são fissuras que foram calibradas por instrumentos, com abertura padronizada.

Ainda nessa área, identificamos conjuntos de afiadores com o formato de canoa, ou seja, o meio mais largo que suas extremidades. Há também afiadores de diversos comprimentos, sendo um dos maiores identificados, medindo até 66 cm de comprimento por 1,3 cm de profundidade e 2 cm de largura.



Figura 17. Polidor Circular com raio alto desgastado Fonte: Odanilde Escobar, 2023.

Os maiores polidores foram identificados no CAG1 (Conjunto A Grupo 1) com 1cm de profundidade por 40cm de comprimento, e no CAG6 (Conjunto A Grupo 6) com até 4,5 cm de profundidade por 40cm de largura e 40cm de comprimento. Essas medidas podem indicar que os artesões seguiam um padrão para friccionar os fragmentos rochosos. É possível que enquanto estavam executando essas atividades, ficassem na posição de agachamento para facilitar o trabalho de polimento das rochas, pois enquanto uma mão segura firme, a outra executa o movimento. Isso me lembra os mesmos movimentos que os meus parentes fazem hoje em dia com os trabalhos manuais, apenas utilizando o terçado de lumínio no lugar da machadinha mais a pedra de amolar ou polir continuam sendo as mesmas dos tempos antigos.

De acordo com cada movimento um estilo de lítico se criava, por exemplo: afiadores lineares, abrasadores de canaletas, polidores circulares, polidores estilo canoa (que é a concepção que mais me parece adequada como objeto próprio do mundo indígena), um polidor com um afiador ao seu centro, polidores circulares com raio alto, outros sem raio como se fosse um prato fundo e vários afiadores em estilo oval como denomina (Silveira, 2012) que na minha concepção eu defino como estilo cuiupí (que é um tipo derivado da cuieira) utilizada como uma espécie de colher da qual se leva o alimento à boca com mais facilidade, por exemplo, com o cuiupí eu tomo o xibé que está na cuia (neste sentido um objeto circular), estes objetos indígenas são derivados da

cuieira. Figura 7 abaixo.



Figura 18 Cuiupí oval Fonte: Odanilde Escobar, 2025.



Figura 19. cuia circular Fonte: Odanilde Escobar.2025.

Os petróglifos, pelas dinâmicas geométricas como se apresentam, demonstram que os artífices ou artesões utilizavam as matérias-primas rochosas com parcimônia, pois, os desenhos nos conjuntos mostram que havia alto padrão de conhecimento em transmitir a arte de produzir ferramentas, sem alterar significativamente a matéria-prima, que pode ser concebido como princípio pedagógico e ecológico como ensinamento das novas gerações. É importante ressaltar o envolvimento das populações indígenas ancestrais com a natureza no sentido de preservação e continuação da vida em os seus ecossistemas.

Mediante essas experiências e vivências, nós dizemos que no Rio Negro, as pedras são mapas mentais, verdadeiros labirintos de significados, ou ainda, bibliotecas nas quais as prateleiras são grafadas nas rochas. Andrello (2012) no livro *Rotas de Criação e Transformação* traça um quadro de significados, nos quais as rochas falam da ancestralidade dos povos que sempre habitaram essa região do Brasil e que as rochas são letras que trazem uma mensagem inscrita como afirma Fonseca (2012).

Durante o curso de Arqueologia da UEA a partir de 2019 pude direcionar meus estudos para o universo da oficina lítica, então pouco conhecida, na orla fluvial de São Gabriel da Cachoeira – AM. Durante a graduação somente uma pequena parte desses vestígios arqueológicos de polidores e afiadores foram georreferenciados e fotografados, por causa do processo natural de enchente e vazante do rio negro. Como esses materiais

estão na parte mais baixa do complexo de rochas da orla fluvial não são visíveis no período de enchente, o que diminuiu o tempo de investigação científica naquele momento, e que me fez querer aprofundar durante o mestrado.

A descoberta desses materiais arqueológicos me fez ampliar a metodologia de investigação que não se limitou apenas a identificação dos elementos em questão, mas, o significado que haveria por trás de tais objetos isso me despertou o interesse em conversar com os moradores do entorno e ouvir suas histórias que com o passar do tempo revelaram conexões profundas entre os vestígios e o costume ancestral de utilização das rochas como lugar de fabricação de objetos que eram utilizados possivelmente como parte da cozinha deles, por exemplo, um polidor circular se tornava um prato de comer.

Em entrevista com a senhora Celina de 67 anos de idade me disse que:

Tio Cirilo dizia que essas conchas nas pedras são peneiras de pegar sorte, quando se encontra uma pedrinha bem redonda dentro dele você deve dizer: Estou te levando para mim, você sempre vai ser meu, quem acha é seu, não pode dar nem trocar, nem vender, se desobedecer você também vai embora ou melhor você morre. Se você não quiser mais a pedra você pode deixar de volta no mesmo lugar que pegou. (Celina Baré, entrevista, 2024).

Observamos, na fala de dona Celina, um relato sobre o isolamento associado ao ato de tocar um objeto encontrado dentro de um polidor, conforme a experiência de seu tio.

Podemos interpretar esse interdito como um sinal de que esses vestígios, além de serem peças fundamentais usadas como utensílios de cozinha, também podem carregar um simbolismo profundo, representando algo sagrado que exigiria um ritual para ser tocado ou deixado de volta.

Para Barreto (2018, p.88) ele diz que a “melhor maneira de cuidar da pessoa do ponto de vista dos especialistas indígenas é a prevenção, realizada através do bahsé⁸. Aliás os povos do Alto Rio Negro são essencialmente preventivos”. Entendemos que reconstruir essas teias a partir de vestígios registrados nas rochas não são suficientes, porque carregados de simbolismos, requer uma compreensão para além do aparente e para além do visível.

Durante o estudo realizado, foram registrados 205 artefatos encravados nas

⁸ Bahsé – são fórmulas terapêuticas que consiste na manipulação “metaquímica” das qualidades das coisas via oralidade para prevenir, proteger e curar as pessoas.

pedras somente na área do Jaú⁹ próximos a Orla da Praia, sem contar com os que sumiram em baixo da areia e outros dentro da água, ou seja, possivelmente tem mais que 205 artefatos nessa área. Neste caso específico de nossa investigação organizamos nossa descoberta dos artefatos por grupos que assim denominamos: **CAG1, CAG2, CAG3, CAG4, CAG5, CAG6**, cujos resultados de medição e localização são apresentados nas tabelas abaixo:

Após a tabela com o conjunto CAG1 exibimos a figura de um polidor circular com raio alto desgastado encontrado na Pedra da Fortaleza, lugar assim conhecido pela população de São Gabriel. Todavia, historicamente falando esse lugar é conhecido como O Forte São Gabriel ou ainda Pedra da Cosama, por que o local serve como estação de captação de água da cidade de São Gabriel.

Tabela 1. Conjunto A grupo 1, as coleções registradas nos meses de setembro a novembro de 2019, CAG1¹⁰.

CAG1	P	E	Lt(S)	Lg.(W)	C	Pr	L	Es	R
AfL1A	063	52m	00°08.185'	067°04.935'	25cm	8mm	1cm	12cm	-
PI2A	064	50m	00°08.186'	067°04.934'	-	14mm	20cm	12cm	10 cm
PI3A	065	51m	00°08.189'	067°04.932'	-	1 cm	23cm	12cm	11,5cm
PI4A	066	46m	00°08.189'	067°04.932'	-	6mm	24cm	12cm	12cm
PI5A	067	51m	00°08.189'	067°04.932'	-	5 mm	26cm	12cm	13 cm
PI6A	068	47m	00°08.188'	067°04.932'	-	4 mm	24cm	12cm	12 cm
PI7A	069	51m	00°08.188'	067°04.932'	-	2 mm	25cm	12cm	12,5cm
PI8A	071	52m	00°08.189'	067°04.930'	-	3 mm	21cm	12cm	8 cm
PI9A	071	52m	00°08.189'	067°04.930'	-	3 mm	21cm	12cm	10,5cm
PI10A	072	48m	00°08.188'	067°04.932'	-	1 cm	20cm	12cm	10 cm
PI11A	073	48m	00°08.188'	067°04.931'	-	9 mm	22cm	12cm	11 cm
PI12A	074	53m	00°08.189'	067°04.930'	-	7 mm	24cm	12cm	12 cm
PI13A	075	51m	00°08.188'	067°04.930'	-	7 mm	12cm	12cm	6 cm
PI14A	076	51m	00°08.189'	067°04.931'	-	5 mm	21cm	12cm	10,5cm

⁹ Jaú é um peixe de água doce e o local em questão se chama Jaú possivelmente porque em tempos idos essa espécie era mais evidente naquele local conforme alguns relatos muito antigos.

¹⁰ CAG1 = conjunto A grupo 1; P = ponto; E = elevação; Lg = Longitude; Lt = Latitude; C = comprimento; Pr = Profundidade ; L = Largura; Es = Escala; R = Raio; Af = afiador; Pl = Polidor, (-) = sem dados mensuráveis, AfL= afiador Linear;

PI15A	077	52m	00°08.189'	067°04.931'	-	2 mm	24cm	12cm	12 cm
PI16A	081	51m	00°08'11.3"	067°04'11.3"	-	4 mm	22cm	12cm	11 cm
PI17A	082	52m	00°08'11.3"	067°04'55.8"	-	2 mm	29cm	12cm	14,5cm
PI18A	083	56m	00°08'11.3"	067°04'55.8"	-	5 mm	25cm	12cm	12,5cm
PI19A D¹¹	084	51m	00°08.1'11.3"	067°04'55.8"	-	1 cm	12cm	12cm	6 cm
PI20A	085	47m	00°08'11.4"	067°04'55.7"	-	1,2cm	27cm	12cm	13,5cm
PI21A	086	50m	00°08'11.3"	067°04'55.8"	-	1 cm	15cm	12cm	7,5 cm
PI22A	087	52m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	9 mm	24cm	12cm	12 cm
PI23A	088	44m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	1 cm	40cm	12cm	20 cm
PI24A	089	53m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	5 mm	37cm	12cm	18,5cm
PI25A	090	52m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	8 mm	31cm	12cm	15,5cm
Af26A	091	50m	00°08'11.3"	067°04'55.8"	46cm	7 mm	2 cm	12cm	-
Af27A	092	50m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	37cm	7 mm	2 cm	12cm	-
PI28A	093	51m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	7 mm	25cm	12cm	12,5cm
PI29A	094	51m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	6 mm	32cm	12cm	16 cm
Af30A	095	43m	00°08.1'11.3"	067°04'55.7"	30cm	2 mm	1,5cm	12cm	-
PI31A	096	51m	00°08'11.2"	067°04'55.8"	-	3 mm	15 cm	12cm	7,5 cm
PI32A	097	39m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	1 cm	24 cm	12cm	12 cm
PI33A	097	39m	00°08'11.3"	067°04'11.3"	-	4 cm	19 cm	12cm	9,5 cm
PI34A	098	50m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	13 mm	25 cm	12cm	12,5 cm
PI35A	099	50m	00°08'11.4"	067°04'55.7"	-	1 mm	22 cm	12cm	11 cm
PI36A	100	46m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	5 mm	26 cm	12cm	13 cm
PI37A	101	48m	00°08'11.4"	067°04'55.7"	-	3 mm	18 cm	12cm	9 cm
Af38A	102	47m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	63 cm	3 mm	1,5 cm	12cm	-
PI39A	103	49m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	15mm	28 cm	12cm	14 cm
PI40A	104	51m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	4 mm	26 cm	12cm	13 cm
PI41A	105	52m	00°08'11.3"	067°04'55.7"	-	1 mm	24 cm	12cm	12 cm
PI42A	106	50m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	5 mm	23 cm	12cm	11,5 cm
Af43A	107	55m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	56 cm	7 mm	2 cm	12cm	-

¹¹ D = Danificado

PI44A	108	51m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	1 cm	18 cm	12cm	9 cm
PI45A	109	48m	00°08'11.3"	067°04'55.6"	-	3 cm	25 cm	12cm	12,5cm
PI46A	110	52m	00°08'11.4"	067°04'55.6"	-	2,2 cm	34 cm	12cm	17 cm
Af47A	111	57 m	00°08'11.4"	067°04'55.6"	28cm	5 mm	1,5cm	12cm	-

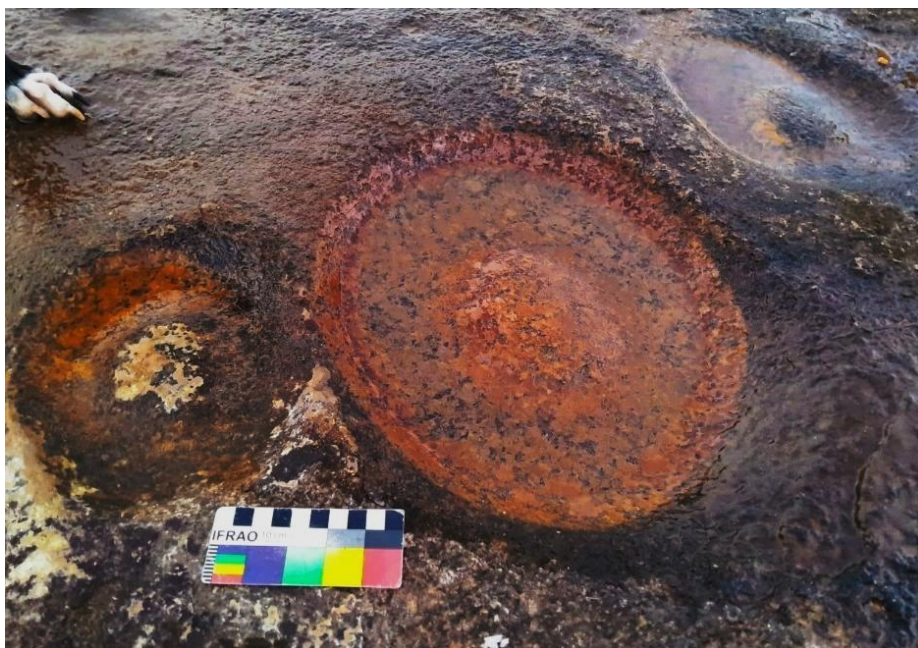


Figura 20: Polidor circular que se encontra na Pedra da Fortaleza. Fonte: Odanilde Escobar - 25 de maio de 2024.

Tabela 2. Conjunto A grupo 2, coleções registradas em setembro de 2019. CAG2¹²

CAG2	P	E	Lt.(S)	Lg.(W)	C	A	L	Es	R
33 Quebra-coquinho			00°08.185'	067°04.935'					

¹² CAG2 – Conjunto A grupo 2; P (ponto); E (elevação); Lg (longitude); Lt (latitude); C (comprimento); A (altura); L (largura); Es (escala); R (raio); Af (afiador) e Pl (polidor).



Figura 21. Quebra coquinho. Praia do Jaú. Fonte: Odanilde Escobar, 2023.

Tabela 3. Conjunto A grupo 3, as coleções registradas em setembro de 2019.
CAG3¹³

CAG3	P	E	Lt.(S)	Lg.(W)	C	A	L	Es	R
58 Polidores			00°08.185'	067°04.935'					

¹³ CAG3 - Conjunto A grupo 3; P (ponto); E (elevação); Lg (longitude); Lt (latitude); C (comprimento); A (altura); L (largura); Es(escala); R (raio); Af (afiador) e Pl (polidor).



Figura 22. Polidor estilo Cuiupí. Praia do Jaú. Fonte: Odanilde Escobar, 2023

Tabela 4. Conjunto A grupo 4, as coleções registradas em novembro de 2020. CAG4¹⁴

CAG4	P	E	Lt.(S)	Lg.(W)	C	A	L	Es	R
2 Quebra-coquinho			00°08.185'	067°04.935'					

Tabela 5. Conjunto A grupo 5, as coleções registradas em final de setembro de 2021. CAG5¹⁵

CAG5	P	E	Lt.(S)	Lg.(W)	C	A	L	Es	R
4 polidores Danificados			00°08.185'	067°04.935'					

¹⁴ CAG4 - Conjunto A grupo 4; P (ponto); E (elevação); Lg (longitude); Lt (latitude); C (comprimento); A (altura); L (largura); Es (escala); R (raio); Af (afiador) e Pl (polidor).

¹⁵ CAG5 Conjunto A grupo 5; P (ponto); E (elevação); Lg (longitude); Lt (latitude); C (comprimento); A (altura); L (largura); Es(escala); R (raio); Af (afiador) e Pl (polidor),

Tabela 6. Conjunto A grupo 6, vistos em 2019 mais foram georreferenciadas, registradas somente 2024 (comprimento, altura, largura, escala, raio). CAG6¹⁶

CAG6	P	E	Lat.(S)	Long.(W)	Co	A	L	Es	R
PIC1A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	1,5cm	18cm	12cm	9 cm
PIC2A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	4,5cm	40 cm	12cm	20 cm
PIO3A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	3,5cm	27 cm	12cm	13,5 cm
PIC4A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	-	23 cm	12cm	11,5 cm
PIC5A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	3,5cm	35 cm	12cm	17,5 cm
PICRa 6A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	2,2cm	29 cm	12cm	14,5 cm
PICRa 7A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	2,4cm	35 cm	12cm	17,5 cm
PIC8A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	2,2cm	24 cm	12cm	12 cm
PIC9A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	3 cm	34 cm	12cm	17 cm
PIC10 A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	9 mm	25 cm	12cm	12,5 cm
PIC11A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	3,5cm	34 cm	12cm	17 cm
PICRa12A	-	54 m	-0, 137177	-67, 084105	-	2 cm	32,5cm	12cm	16,25 Cm
Af13AL	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	36 cm	1 cm	2 cm	12cm	-
PIO14A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	2 cm	26 cm	12cm	13 cm
PIO15A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	3,5cm	38 cm	12cm	19 cm
PIO16A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,5cm	19,5cm	12cm	9,75 cm
PIO17A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	2 cm	19 cm	12cm	9,5 cm
PIC18A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,3cm	31 cm	12cm	15,5 cm
Af19A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	66 cm	1,3cm	2 cm	12cm	-
AfLD20A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	54 cm	1,3cm	2 cm	12cm	-

¹⁶ CAG3 = conjunto A grupo 3; P = ponto; E = elevação; Long= Longitude; Lat= Latitude; Co= comprimento; A = Altura; L=Largura; Es = Escala; R = Raio; Af. = afiador; Poli = Polidor, (-) = sem dados mensuráveis; PIC= polidor circular, PIO = polidor Oval, AfLD = Afiador Linear Danificado, PICRa = Polidor Circular com Raio Alto, AfCa= Afiador Canoa, AfCaDu= Afiador Canoa Dupla,

AfLD21A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	25 cm	1 cm	2 cm	12cm	-
AfLD22A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	15 cm	0,5cm	1,5 cm	12cm	-
AfLD23A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	27 cm	1 cm	1,5 cm	12cm	-
AfLD24A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	29 cm	1 cm	2 cm	12cm	-
AfLD25A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	24 cm	0,9cm	1,5cm	12 Cm	-
AfLD26A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	17 cm	1,1cm	2 cm	12cm	-
AfLD27A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	14,5 Cm	0,4cm	1,1 cm	12cm	-
AfCa28A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	31 cm	2,5cm	13 cm	12cm	15,5 cm
PIC29A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	3,8cm	47 cm	12cm	23,5 cm
AfL30A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	26,5 Cm	0,3cm	1,5 cm	12cm	-
PIO31A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,5cm	25 cm	12cm	12,5 cm
PIC32A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	4,5cm	32 cm	12cm	16 cm
AfCaDu33A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	36,5 Cm	1 cm	8 cm	12cm	18,25cm
PIO34A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,8cm	21 cm	12cm	10,5cm
AfCaDu35A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	29 cm	1,3cm	8cm	12cm	14,5cm
AfCaDu36A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	23cm	1cm	7,5cm	12cm	11,5cm
AfCa37A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	26 cm	2,5cm	14cm	12cm	13cm
AfCaDu38A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	25 cm	1,3cm	10cm	12cm	12,5cm
PIO39A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,5cm	20cm	12cm	10cm
AfCaDu40A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	25cm	1cm	7cm	12cm	12,5cm
AfCa41A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	27cm	1,6cm	12cm	12cm	13,5cm
AfCa42A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	34cm	2cm	15cm	12cm	17cm
PICRa43A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	4cm	40cm	12cm	20cm

PIC44A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152		2,5cm	29cm	12cm	14,5cm
PIC45A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	3cm	32cm	12cm	16cm
PIC46A		55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1,5cm	25 cm	12cm	12,5cm
PIC47A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	0,2cm	25cm	12cm	15cm
PIC48A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	2cm	34cm	12cm	17cm
PIC49A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	3,5cm	39cm	12cm	19,5
PIC50A	-	55 m	-0, 137227	-67, 084152	-	1cm	23cm	12cm	11,5cm
AfL51A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	54cm	1,5cm	2cm	12cm	-
AfL52A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	29cm	1,5cm	2cm	12cm	-
AfL53A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	30cm	1,5cm	2cm	12cm	-
AfL54A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	79cm	1,5cm	2cm	12cm	-
AfL55A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	23cm	1,5cm	2cm	12cm	-
AfL56A	-	52 m	-0, 137088	-67, 087013	36cm	1,5cm	2cm	12cm	-

A tabela acima referida que trata do CAG6 (Conjunto A Grupo 6) compõe também um conjunto de mais 4 polidores oval (PIO) conforme tabela abaixo que não foram mensurados.. Neste caso eu apenas fiz o registro fotográfico e contabilizei visualmente. Em seguida veio a enchente do rio Negro e não foi mais possível continuar o trabalho.

Assim, os Polidores de número 57 a 59 são de estilo Oval e o de número 60 é um polidor circular raso.



Figura 23: Bacia de Polidores e Afiadores. Prai do Jaú. Odanilde Escobar, 2023.

A partir das amostras estudadas, observamos as seguintes variáveis: estruturas diferentes em relação ao mesmo objeto, por exemplo, encontramos polidores oval (PIO) polidores circulares (PIC), afiadores lineares (AfL), Afiadores canoa (AfCa) e Afiadores Canoa Dupla (AfCADu). Este estudo corrobora com os estudos de Silveira et al. (2012) realizado na Ilha de Mosqueiro/PA o qual contribui para o estabelecimento de um campo de pesquisa voltada para esse tipo de sítio. No conjunto CAG6 dos números 20 a 27 são abrasadores ou Afiadores de caneluras, geralmente são comuns serem encontrados nos sítios arqueológicos da Amazônia. De material cerâmico ou lítico, são destinados provavelmente ao arredondamento das varetas das flechas ou aguçar pontas de pedras, madeira, osso, etc. Podem ser elaborados sobre um fragmento de vasilha de cerâmica ou sobre um artefato lítico inutilizado, evidenciando reaproveitamento dos utensílios, no caso do CAG6 os abrasadores fixos, já havíamos sido danificados, ação antrópica desde julho de 2020. Observei em cima dos afiadores penas, sangue de galinha, vinho, cebola e fogo, conforme mostra a figura abaixo.

Entendemos que esses locais sagrados para os povos indígenas e deveriam ser preservados, pois com esta ação não é mais possível fazermos a leitura correta dos dados de uma história que já literalmente ficou no passado.



Figura 24 : Abrasadores ou Afiadores de canelura fixos danificados . Praia do Jaú Fonte: Odanilde Escobar. julho/2020.

Em outros casos podemos inferir que a passagem do tempo e das intempéries possa ser um dos fatores causadores da mudança na estrutura dos demais. Outra observação importante é o local onde estes polidores e afiadores são encontrados, na maioria das vezes, na parte mais lisa das pedras. Segundo dona Teodomira Massa (Dessana) de 66 anos de idade, contou que sua mãe Quiteria Galvão (Tukano), através da oralidade repassou dizendo:

Essas partes lisinhas antigamente eram muito caras; porque não existiam em qualquer lugar. Quem tinham tirava um pedaço e vendia, trocando por outros objetos caros, pois essa pedra tinha grande valor. Segundo minha mãe, finada, seu pai, que era da etnia Tukano, chamava de 'pedra piranha' ou 'pedra dente de piranha', porque o dente da piranha é muito forte e amolado, capaz de cortar qualquer coisa dura quando ela vai comendo. Mais nas beiras de todo rio negro, nas pedras existem algumas partes lisas, que parecem caminhos. Nessas partes lisinhas que os antigos aproveitavam para amolar vários tipos de pontas de lanças. Para usar, meu pai primeiro benzia, cuidando e protegendo. Os cuidados dele eram muito rígidos, porque ele entrava no outro mundo para cuidar de nós neste mundo. Dessa mesma 'pedra dente de piranha', minha bisavó alisou uma pequena pedra redonda, que foi passada de mãe para filha ao longo das gerações, até chegar a mim. Quando minha mãe, Quitéria, me entregou essa pedra, disse que futuramente ela me serviria. Eu me lembro dela alisando cuias e limpando a polpa do jamaru.

Sobre isso não encontramos estudos semelhantes para que pudéssemos discutir estes resultados. Durante o estudo foram encontradas também cicatrizes superficiais e indefinidas, provavelmente relacionadas ao polimento inicial (Tenório, 2003) em seu estudo sobre amoladores-polidores fixos, também relata estruturas semelhantes e descreve como Estruturas iniciais indefinidas.

2.3 A visão dos moradores e sua interpretação das marcas arqueológicas

Também na percepção dos moradores do entorno do sítio arqueológico na Orla de São Gabriel, estes artefatos têm um valor cultural, sagrado e histórico. Para melhor compreender isso, busquei entrevistar os mais velhos. Com um caderno e lápis em mãos, anotei falas importantes durante as entrevistas sobre os elementos sagrados, como as marcas nas pedras e os objetos líticos como machadinhas, presentes nos arredores das margens de São Gabriel.

Citarei aqui algumas falas com alguns moradores mais antigos do entorno. O

Sr. Remo¹⁷ de 71 anos, assegura que “antes de iniciar este trabalho, houve todo processo, em que o especialista ficou de jejum antes de benzer este lugar para preparar o ambiente”.

Outro relato da senhora Lourdes Maria de 60 anos de idade (Tukano, professora indígena) informa que:

“Todos estes buracos nas pedras são sagrados por causa de vários processos, dentre eles o benzimento. Pessoas que trabalharam ali foram benzidas. Como são buracos de amolar então eram caçadores que sentavam ao redor destes lugares, não eram quaisquer pessoas que caçava, e sim parentes guerreiros, jovens com habilidades e força, e tinha todo ritual para ser um bom caçador, esses tipos de lugares os antigos tem muito respeito”. Os buracos, maiores por estarem um do lado outro, poderiam servir como vasilhas para preparação de plantas medicinais, ou para preparar tintas como o cumati, genipapo, usados entre as pessoas do grupo”.

Nos dois relatos observamos que tanto o senhor Remo quanto a senhora Maria de Lourdes se refere aos polidores como objetos sagrados. Não tinha apenas uma função doméstica, ou seja, preparação de alimentos do cotidiano, mas, um lugar ritual, onde o dia a dia das populações do passado estavam relacionadas com as coisas invisíveis.

A partir dessas entrevistas, descobrimos que há material lítico arqueológico retirado de seus locais de origem e que hoje se encontra como peças guardadas por particulares (coleções domésticas) como machadinhas, batedores entre outros. Objetos que podem recontar a história do Alto Rio Negro e que têm relação direta com os seus detentores ou guardiões.. Dentre eles apresentamos:



Figura 25: Imagem A - Mão de Pilão. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.

¹⁷ Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.



Figura 26. Imagem B -Mão de Pilão. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar,2024.



Figura 27. Imagem C- Batedor. Acervo Particular - Fonte: Odanilde Escobar,2024.



Figura 28. Imagem D – Lâmina de enxó. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 29 Imagem E - Machadinha danificada. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 30 Imagem F - Batedor. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 31 Imagem G - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 32 Imagem H - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 33 Imagem I - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 34: Imagem J - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 35: Imagem K - Machadinha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.

Tabela 7. Tabela 7 Pirõ Dhuó (cobra grande), 2024.

Nome do objeto	Imagem acima	Comprimento	Largura	Profundidade
Mão de pilão	A	7,8cm	1,5cm	7,8cm
Mão de pilão/esmagador de plantas	B	6,5cm	4,3cm	6,5cm
Batedor (cor da pedra vermelho)	C	7,3cm	5,2cm	4,5cm
Lâmina de enxó	D	9,3cm	4,2cm	2cm
Machadinha danificada	E	6cm	3,2cm	0,8cm
Batedor	F	4cm	4cm	3,5cm
Machadinha	G	6cm	3,2cm	0,8cm
Machadinha	H	5,7cm	4cm	0,5cm
Machadinha	I	7cm	1,8cm	5,7cm
Machadinha	J	8cm	2cm	6cm
Machadinha	K	12cm	2cm	5,6cm
Machadinha	L	17cm	4cm	8,5cm

Objetos líticos que se encontram com a originaria *Pirõ Dhuó* (cobra grande), ela pertence a etnia Tukano, nascida na ilha Uiwa, médio Rio Negro, tem 53 anos de idade.

Em alguns relatos os moradores disseram que esses “objetos sagrados poderiam estar ligados as constelações do céu. Outro ainda relata a coincidência destes artefatos estarem próximos ao lago do muçum-cuara, o que leva para mundo dos encantados. Na conversa com a senhora Pirõ Dhuó (2024) de 53 anos, (Tukano), professora indígena), relatou:

“Nossos ancestrais eram tão inteligentes e por isso deixaram esses buracos nas pedras como heranças, para que nós pudéssemos ver hoje e entender que devemos viver bem com a natureza, pois é ela que nos alimenta quando pedimos licença dela para entrar em sua área, porque

cada lugar tem seu dono é como se fosse sua casa, por isso o rio, o mato, as pedras, são lugares sagrados para nós, assim como as pessoas que o cacique, pajé cuida e protege através do seu benzimento”.

Quando a senhora Pirô Dhuó diz que os ancestrais deixaram essas marcas, ela está dizendo que essas marcas são o diálogo dos antepassados com suas gerações mais novas. São códigos que a ciência não pode desconsiderar, porque talvez não possa comprovar ainda o que apenas não possa ser somente medido e georreferenciado. É preciso que avancemos nessas discussões na academia. Não são histórias ou relatos subjetivistas, são compreensões de mundos que temos que aprimorar.

Tarcísio Barreto, kumu e especialista indígena, tem 75 anos (em 2024), reside na área de Pari-Cachoeira, localizada na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. Ele veio ao encontro de Raonir, um arqueólogo que estava em São Gabriel na época, ministrando um curso de fotogrametria juntamente com o sr. Paulo. Eu, Odanilde, participei como aluna.

Após a aula teórica, seguimos para os polidores para realizar a prática de fotogrametria, onde havíamos marcado um encontro com seu Tarcísio. Durante esse momento, ele compartilhou conosco seu relato, afirmando:

Essa cuia, antes de ser usada, benzia o coração, ai bebia uma bebida especial, em cada uma dessas cuias, o homem que quisesse ter sabedoria, inteligência, tomava em uma e depois vomitava, assim, de vez enquanto vinham trazer os conhecimentos para ele entender o que estamos fazendo aqui, o que estamos praticando em cima dessa pedra isolada, aqui mesmo também, atigamente acontecia dabucuri, todas essas cuias estão ligadas com ilha Adana, ilha do sol, lago do muçumkuara, com toda essas áreas, antes da dança do kahpiwaya ou dabucuri eles bebiam bebida nessas mesmas cuias, essa pedra tem poder mesmo, as pessoas que faltam respeito, que queimam em cima dessas pedras vão sofrer castigo um dia, não é agora, mais tarde, se quebrar uma pedra. Aqui nesta cuia na pedra do lado da terra os humanos que usam, essas outras cuias do lado do rio são os way Mahsã que usavam (Tarcísio Barreto, 2024).

Cada objeto tem sua própria narrativa e estas narrativas não podem se perder no tempo, porque elas dão sentido a cada achado arqueológico especialmente em se tratando do rio Negro, pois lá em tempos idos a presença indígena com sua cosmovisão e ciência própria prevaleceu por milhares de anos e é preciso valorizar ainda hoje e para futuras gerações.

Conversar e escutar os mais velhos sempre é uma experiência inigualável. Eles são minhas fontes, como se fossem meus livros, as ricas bibliotecas que não possuem folhas nem tintas de caneta para registrar escritos, mas contam histórias e transmite

conhecimentos através da oralidade.

As fotografias registradas mostram esses vestígios no papel. Tocar, sentir e saber as histórias que a dona Celina tem consigo, não como uma simples pedra polida, mais com todo significado e respeito. Ao mostrar os objetos um por um, ela explicava como cada um parou em suas mãos e a importância que cada uma dessas peças guarda em si. De acordo com a figura abaixo vou descrever o que ela relatou.

Quanto ao **objeto lítico A** – ela disse: *“meu avô quem me deu quando tinha oito anos de idade, ainda uma criança”*. Sobre o **objeto lítico B** – *“essas pedras eram da minha mãe”*. Em relação ao **objeto lítico C** – ela disse: *“da tia bisa, para eu ter de lembrança das ferramentas que ela trabalhava, para lembrar dela”*. Quanto ao **objeto lítico D** – *“meu pai quem me deu, mais tarde vai servir para ti mesmo, este instrumento do pai dele, eram dos meus avós, ele tinha uma machadinha, punhal, uma faca de pedra, estes foram furtados, mais vou desenhar no papel do meu jeito e você como mais jovem desenha mais bonito deixa registrado para não se perder, somente estes foram passados para mim”*. Ainda sobre o **objeto lítico E** – *“meu esposo achou quando abriram a rua da Fortaleza”*(Celina Menezes da Cruz 2024).



Figura 36: Peças Arqueológicas do Acervo Particular da Senhora Celina. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.

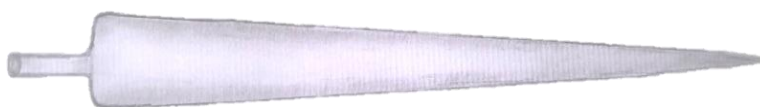


Figura 37. Punhal do avô de dona Celina. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 38. faca de pedra do avô de dona Celina Fonte: Odanilde Escobar.2024.

Tabela 8. Materiais líticos, Celina/Kuraci, 2024.

Nome do objeto	Imagem acima	Comprimento	Largura	Profundidade
Machadinha	A	7 cm	7 cm	2 cm
Lesma	B	8,5 cm	3 cm	2,5 cm
Machadinha	C	10,5 cm	5,6 cm	2,5 cm
Machadinha	D	12 cm	7 cm	2,5 cm
Machadinha	F	13 cm	8 cm	3 cm

Objetos líticos da imagem 31 que se encontram com a originaria Celina Menezes da Cruz de 77 anos de idade , ela pertence a etnia Baré, tem o nome indígena Kuraci.

Por se tratar de elementos de grande relevância, dona Celina os preserva com zelo em uma cesta trançada de cipó em sua residência, sempre lembrando os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos. Já o punhal e a faca de pedra se perderam durante uma exposição da qual ela participou como convidada. Por isso, ela me pediu que os desenhasse e registrasse, e assim foi feito. A oralidade, enquanto ferramenta essencial, assegura que a importância de nossa história seja perpetuada de geração em geração, evitando seu esquecimento. Nesse sentido, entrevistas breves e registros fotográficos tornam-se indispensáveis, pois possibilitam a transposição para o papel daquilo que, tradicionalmente, a oralidade indígena empregou como meio primordial de transmissão de saberes, narrativas e informações.

Com o advento do registro escrito, da digitalização de documentos, do armazenamento em nuvens, da internet e de outros recursos do mundo não indígena, emergiu a necessidade de adaptar nossos métodos de preservação e disseminação do conhecimento. Ao ingressar no meio acadêmico, fui instada a registrar e organizar minhas ideias. Por essa razão, dedico-me, atualmente, à documentação de todo o processo: redigindo textos, elaborando planilhas, inserindo fotografias, desenvolvendo croquis e

referenciando fontes, tanto provenientes de livros quanto do ambiente digital. Contudo, faço questão de incluir as fontes indígenas, recorrendo à oralidade para consulta e registro.

Dessa maneira, este trabalho se consolida como um testemunho que alia tradição e modernidade, com o propósito de compartilhar essa intersecção entre distintos modos de conhecimento e preservação cultural.

Entre tantas histórias, a própria natureza tem revelado objetos que foram confeccionados há milhares de anos pelos povos originários. Isso ocorre por meio das chuvas, que penetram no solo e escavam barrancos ou campos, nas roças, nas comunidades, nos morros, nos solos amazônicos e nas margens dos rios. A água, que bate incessantemente sobre as margens e sobre as ilhas durante o ano inteiro, tem desenterrado esses vestígios. Um exemplo disso são as pontas de flechas, mostradas abaixo, que foram encontradas na comunidade Tacira Ponto, no Médio Rio Negro. Expressou Rosivaldo:

“No sitio do meu sogro Feliciano de 98 anos de idade, foram encontradas as pontas de flecha, próximo ao barranco durante a chuva, quando a água fez uma abertura no solo, antes do curso não tinha conhecimento sobre artefatos arqueológicos, sempre estiveram em meus meio, mais não sabia o valor, nunca tive curiosidade, era somente visto como objeto” (Rosivaldo Terencio Melo, Baré, 2024)

Na época, Rosivaldo não era arqueólogo, mas considerou importante guardar os objetos, mesmo sem ter o conhecimento técnico. Após ingressar e concluir o curso de graduação em Arqueologia, ele percebeu que aquelas pontas de flechas eram objetos líticos. Agora, mais do que nunca, ele reconhece a importância de preservá-los.



Figura 39: Pontas de flechas. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar. 2024.

Tabela 9. Pontas de flechas, 2024.

Nome do objeto	Imagem acima	Comprimento	Largura
Ponta de flecha danificada	A	1,1 cm	1,0 cm
Ponta de flecha danificada	B	3,7 cm	2,2 cm
Ponta de flecha danificada	C	4,5 cm	2,9 cm
Ponta de flecha intacta	D	9,1 cm	3,5 cm
Ponta de flecha danificada	E	12 cm	3,8 cm
Ponta de flecha intacta	F	9,3 cm	3,6 cm
Ponta de flecha intacta	G	12,5 cm	4,1 cm

Objetos líticos que se encontram com Rosivaldo Terêncio Melo, morador atual de São Gabriel da Cachoeira-AM, Etnia Baré.



Figura 40. Machadinhas e uma ponta de Flecha. Acervo Particular. Fonte: Odanilde Escobar. 2024.

Os objetos líticos apresentados na Figura acima pertencem ao Sr. Wizeer de Oliveira Almeida, de 44 anos, residente em São Gabriel da Cachoeira-AM. Ele pertence ao povo Baré e relata: “Nessas pedras existem espiritualidades fortes, cada um carrega uma história diferente, sendo assim, cada um carrega uma energia forte e espírito diferente.” (Wizeer de Oliveira Almeida – Baré, 2024).

Fazer pesquisa na Amazônia, ou ainda que sobre pedras busquemos vestígios do passado, entendemos que tudo está interrelacionado e o que denominados passado, torna-se o tempo presente resgatado pela memória ativando novas formas de interpretação daquilo que vemos, ouvimos e sentimos. Seja desde um simples “caquinho” de cerâmica que data centenas ou milhares de anos, até uma fala informal que resgata

tradições e história.

VESTÍGIO III – OLHARES INDÍGENAS: MARCAS E HISTÓRIAS

3.1 História narrada sobre a territorialidade Baré, *Tawa*

Em frente a cidade de São Gabriel da Cachoeira está a ilha Adana e as Cachoeiras do kurucuí e Buburi. Na verdade minha mãe dizia que era *Pupuri*¹⁸, assim era chamado pelos Baré antigos, porque sua cachoeira borbulhava fazendo pular água com grande intensidade para cima, proporcionando diversas perspectivas para quem desce ou sobe o rio. É um local que marca a história do povo Baré. Ainda antes de chegar à Pedra da Fortaleza, uma área que havíamos identificado no início da pesquisa, mas que ainda não tínhamos registrado, nos deparamos com vários polidores.

A Pedra da Fortaleza possui suas histórias. Além de plantas medicinais em uma área ao seu redor, foi também um forte em guerras passadas. Nos finais de tarde, é um local para assistir ao pôr do sol, quando me sinto sobrecarregada por energias pesadas, é um dos lugares onde gosto de estar. Observar o rio acima correndo, os pássaros voltando para casa no horizonte, apenas águas, árvores verdes e a bela Serra do Cabarí e Serra Wanarí. Olhando para dentro da cidade vejo o Morro da Boa Esperança e ao olhar para trás, avisto a Bela Adormecida ou serra de Curicuriarí: conjunto de serras que unidas por uma ilusão de ótica é vista da cidade em forma de uma linda jovem deitada. Representa um dos principais cartões-postais da cidade e do município e é carregada de interpretações históricas de vários povos da região. Denominada de Base-bó¹⁹ pelos Tukanos, Curicuriarí pelo povo Baré (Amazonense, 2013, p.77). Por sermos Baré adotamos este último nome para identificá-la

Nossa pesquisa na cidade foca nas marcas presentes nas pedras, que contam as histórias dos povos do Alto Rio Negro, incluindo a nossa, a dos Baré. Sabemos, por meio da oralidade, que, há muito tempo, nossos ancestrais habitavam este território, onde hoje se preservam relatos como o do Pupuri, Adana, da cobra Munçun-Cuara, do Jaú (peixe), da cobra traíra, das sereias que cantam, entre outros.

Além dessas narrativas, também estão presentes nessas áreas muitos vestígios arqueológicos, como polidores, afiadores, cúpulas e petróglifos, que são fundamentais

¹⁸ Pupury, água fervendo em nhengatú.

¹⁹ Nas narrativas Tukano a serra representa a casa dos alimentos, ou do senhor das plantações. O ser que é responsável pela origem dos vários alimentos que temos nesta região.

para a preservação e transmissão da nossa história. O rio Negro sempre foi berço dos Baré, desde Manaus até as cachoeiras de Curucuí e Buburi, localidade onde se encontra atualmente a cidade de São Gabriel da Cachoeira (Herrero; Fernandes, 2016). Braz França²⁰ em memória, foi um importante líder Baré, escreveu essa história (França, 2015 p. 32):

Kuiri açú ambêu penãram, maiê taá baré-míra iupirungá (Agora vou contar para vocês a história da origem do povo Baré). Antigamente no início do mundo entrou no Rio Negro uma grande embarcação cheio de gente, vinham de par (casal). Vinha do lado de fora apenas um homem que não foi aceito dentro por não ter um par. Ao passar pela foz do Rio Negro viram na margem, um grupo de mulheres, não resistindo a elas o homem que ia fora do navio se jogou no rio sendo agarrado pelas mulheres guerreiras que tinham o costume de aceitar somente mulheres em seu grupo, quando tinham necessidade de ter filhas pegavam homens de outros grupos e prendiam, se dessa relação nascesse uma mulher criavam se fosse homem, matavam. A morte seria o destino do homem que nadou do navio, para quem deram o nome de Mira-buia (gente cobra). A narrativa apresenta o amor quase proibido entre Mira-Buia, um “forasteiro” que vindo numa embarcação no Rio Negro alcançou uma aldeia de mulheres guerreiras que o submetem a um teste de masculinidade gerando numa festa de lua cheia na qual Mira-Buia teria de dormir três noites com uma mulher do grupo que estivesse em seu período fértil, ao final Mira-Buia seria morto. O homem passou a conviver com o grupo por um longo tempo, até que gerasse um filho com a última mulher que era Tipa, a mais bela e mais jovem do grupo. O amor entre Mira-Buia e Tipa aconteceu e como ele seria morto, Tipa o convenceu a fugirem no ciclo de lua nova quando as demais mulheres estaria em caça, fora da aldeia.

Ao fugirem, se alocaram num lugar distante sempre receosos com a possível descoberta das mulheres. A família do casal aumentara com os anos, porém nasciam mais meninos que meninas, o que causava misto de hesitações entre os irmãos homens. Mira-Buia e Tipa então, invocaram os espíritos da floresta para pedir orientação sobre a sua situação. Então, Tupana enviou um mensageiro, Poronominaré para ajudar o casal. Esse mensageiro, num entardecer tomou forma de homem e foi abrigado com a numerosa família e, observando seus fazeres por um longo período, e ensinando-os os fazeres necessários à vida: fazer canoas, remos, armadilhas, caça e pesca. Poronominaré também os ensinou como usar esses utensílios especialmente nos momentos da festa do dabakuri, em homenagem a Tupana, entre outros rituais, que relembra os ensinamentos dos antigos, e na festa kariamã na qual os curandeiros preparavam crianças para a purificação do espírito. Após, o Poronominaré os deixou e ordenou que voltassem a viver na terra da matriarca, Tipa e que os filhos homens desposassem das mulheres que ainda restavam no grupo. E então seriam grandes, numerosos e seriam chamados de Baré-Mira (povo Baré). A família assim o fez tendo êxito na conquista e agrupamento.

A família de Mira-Buia e Tipa aumentou consideradamente com o passar dos anos, e aos poucos as inimizades entre o grupo surgiam. O

²⁰ BARÉ, Bráz França. Baré-Mira Iupirungá: Origem do Povo Baré. In: HERRERO, Marina e FERNANDES, Ulysses. Baré: povo do Rio. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. p. 31

local era pequeno para a grande intensidade de atividade nas roças, e nos seus cultivos então o casal resolveu separar cada família para diferentes localidades de margem a margem do rio, mas “as famílias se separaram realmente quando Mira-Buia e Tipa morreram”, e assim, originou-se o povo Baré e sua grande dispersão ao longo do Rio Negro, segundo os baré. A partir de então, cada grupo passou a escalar seus jovens para as funções no grupo, uma para pajelança, um para o benzimento, um para as curas e etc.. Após lermos a origem do grupo segundo, podemos considerar que a prática dos ensinamentos entre os “descendentes de Mira-Buia e Tipa”, foi e ainda é uma constante no conjunto das crenças e da ritualística baré. (...) Purnaminari, o mensageiro de Tupana, voltou várias vezes para visitar e instruir seu povo. O grupo cresceu bastante a ponto de dominar totalmente a região do baixo e médio rio Negro. Ao chegarem na Cachoeira de Tawa (São Gabriel) permaneceram ali até que Purnaminari decidisse o novo destino do seu povo. No entanto, nessa cachoeira Kurukui e Buburi desentenderam-se e brigaram entre si, por isso resolveram separar-se, ficando Kurucuí de um lado e Buburi de outro lado do rio.

Delgado (2023, pág. 09) faz um complemento sobre o relato acima da seguinte forma:

Typa, a guerreira que foge do seu clã composto somente de mulheres, junto com seu companheiro, tendo em vista a importância do mito em nossa vivência, a localização em que Mira buia saiu do navio para se juntar ao clã de mulheres, pode-se afirmar que Typa era uma das Icamiabas. Assim, diante desse estudo, é possível sim acreditar que no sangue do povo baré do Alto Rio negro corre o sangue dessas mulheres guerreiras que ainda vivem nas lembranças e no imaginário de muitos. As mulheres deste povo têm sim algumas características das Icamiabas, são independentes, a maioria são as provedoras do lar, trabalham em roças, são 10/10 empreendedoras, professoras, pesquisadoras, algumas nos representam em cargos públicos fora do estado. A palavra que define as mulheres é Resistencia.

Atualmente nós do povo Baré, além de sermos mães, avós, tias, filhas, sobrinhas, netas, estamos nas nossas roças, no nossos sítios, na nossa área, nas nossas casas, estamos nos mercados de trabalhos, nos hospitais, nas Universidades, e trazemos sempre um pouco de nós. Lendo o trabalho da acadêmica Baré Jane Araújo Delgado²¹ aprendemos mais sobre as narrativas de origem do povo Baré, e as narrativas sobre as as mulheres Baré. Delgado (2023, pág. 03), relata ainda:

Ao final da disciplina, convidei os professores para conhecer um ponto muito importante da minha querida cidade, o morro da Fortaleza, que é um ponto fundamental quando se fala da origem de São Gabriel da Cachoeira, naquele lugar contei meus anseios como pesquisadora, agradei pela grande transformação que me proporcionaram.

²¹ Jane Araújo Delgado, mulher indígena do povo Baré. Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: araujojane60@gmail.com

Estávamos sentados em cima daquele alto monte contemplando a paisagem, não foi preciso contar que aquele era um ponto ancestral estratégico, um forte (porque aqueles professores sabiam e sentiam o que aquele lugar representa para os povos originários desta região) daquele ponto temos a vista para toda a cidade, foi estrategicamente escolhido pelo povo Baré para ficar em constante vigilância, já que conforme uma profecia que se encontra em sua cosmologia: “do grande Rio também viria seu pior inimigo, aquele que iria aniquilar o seu povo” e por isso teriam fundado aquele forte, esperavam com certeza mais um povo inimigo, ou qualquer outra ameaça, não esperavam, no entanto uma invasão colonizadora tamanha, uma invasão de doenças, de desrespeito, de desonra, de violência para com tudo que tinham como sagrado.

Além desses registros também temos a dos Kubeu sobre a Cobra Traíra (Gonçalves, 2023: pág 6,7,8)²²

Assim que escapou passando as armadilhas os Tukanos informaram ao povo Baré, de fato já estavam cientes dos eventos que estavam acontecendo e logo prepararam sua armadilha com todos os homens guerreiros com seus saberes e conhecimentos de pesca e caça visando de uma caçada a um ser poderoso e mítico.(...) Saindo do Rio Uaupés desceu pelo Rio Negro no território do povo Baré e deparou com uma armadilha construída por meio de saberes e rituais que impediria de transformar em algum animal (...) mas tinha muitos caçadores e guerreiros prontos para atacar com suas flechas e lanças. (...). A única saída que a Cobra Traíra tinha era entrar no matapi, transformar em algum animal e passar, foi o que mesmo tentou fazer, mas quando a Cobra Traíra entrou no matapi, em vez de transformar em um animal que pudesse escapar da armadilha transformou se apenas em uma traíra gigante, devido aos rituais colocados pelo povo Baré. Todos os guerreiros que estavam presentes no local se juntaram para tirar o matapi, arrastar e matar o peixe, mas como era muito grande o peixe era impossível suspender e carregar, foi preciso então arrastar junto rio abaixo até na beira do rio no porto dos ancestrais (...) Percebendo que tinham pegado um Cobra Traíra grande e ser mítico(...) comunicaram toda população de que tinham pegado peixe grande e precisavam dividir entre eles como era de costume. Começaram então a tirar escamas, como tinha comido o encantado, esse encanto estava no corpo desse peixe e que todos os pedaços ou escamas que caíam na água se transformavam em peixes traíra. O líder do povo Baré que cortava o peixe mandou que jogassem as escamas em todos lados do mundo, nos rios e seus afluentes, (...) as escamas do meio foram jogadas perto, na região de São Gabriel da Cachoeira (...) A representação desse evento é bem visível em São Gabriel da Cachoeira, em especial nas imediações da Pedra da Cosama, Catedral no Município, em frente a Marinha, que ainda preserva a história e rastro dessa narrativa ancestral. O Buburi também faz parte de outra narrativa mitológica Baré. A divisão de pedaços de carne de peixe foi feita para todas as famílias da aldeia, como também o preparo do almoço comunitário, pela narrativa.

²² José Rodrigues Gonçalves, indígena do povo Kubeu. Mestrando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, Universidade Federal do Amazonas - UFAM - São Gabriel da Cachoeira-Am.

Todos esses registros das narrativas mencionadas estão diretamente relacionados aos polidores e afiadores presentes ao longo de toda a margem da cidade. Para além das leituras e registros feitos pelos parentes, recorreremos à oralidade, fonte fundamental de transmissão de conhecimento.

Nesse contexto, a senhora Gilda da Silva Barreto, do povo Baré (2024), de 50 anos e natural de São Gabriel da Cachoeira, compartilha uma memória marcante que reforça a importância desse legado cultural:

Nossos avós, antepassados, viviam nessa região, como grupos étnicos concentrados, os povos do Rio Negro como agente chama, aqui onde é a cidade quem dominava era o povo Baré. Conversar, perguntar dos nossos mais velhos sobre nossos antepassados e fazer eles lembrar de como agente vivia antes dos não indígenas chegarem(...) Ali no porto do Buburi, aconteciam grandes dabucuri, rituais do Kariamã, em cada tempo de fruta, colhiam para oferecer no babucuri, sempre se iniciava na ilha Adana porque era o lugar muito sagrado para eles, a onde se reuniam famílias de outros sítios, na praia no rabo da ilha Adana, eles atravessavam para dançar o dabucuri (...) Nas pedras descendo perto onde hoje é conhecido como mangueira, area do jáú, esta cheio de buracos, feitos ralos, outros redondos, compridos, la eles amolavam as lanças deles, como na época não tinha, eles lapidavam as pedras com muito cuidado para fazer as armas deles, faziam arco e flecha também, ajeitavam paixiuba, bambú, esse era como uma lixa para eles. Na área onde é ISA hoje, eram nossos sítios, mamãe dizia que os Barés eram conhecidos como gente do Rio, porque eles eram muito chegados ao rio. Para trás das casas, era tudo matagal, eles faziam roças, ai mesmo virava capoeira, assim eles viviam. Depois as famílias Gonçalves se instalaram ali perto da pedra da |Fortaleza, eles foram um dos patrões dos Barés, ate hoje existe os descentedes, tanto nós Barés quanto eles Gonçalves. Mais nas narrativas o que sempre marca é a chegada dos colonizadores, os portugueses, os catequistas que foram catequisando nossos pais, então eles ja foram modificando tudo, os que conseguiram fugir antes da chegadas deles se espalharam indo para Colômbia, Venezuela, rio acima, os que foram levados para trabalhar como escravos foram levados para baixo do rio, como Barcelos, Santa Isabel, os patrões foram transormando tudo, antes da invasão haviam todas as malocas, as tradições, todos rituais de mulheres e homens, tudo que meu pai me contava eu guardo como reliquia, escutar nossos narradores e narrar para outras pessoas é muito triste a vida dos povos indígenas do rio negro. Então hoje, ja levei na minha cara por outros grupos indígenas , que os povos Baré não tem cultura, eu sempre digo que agente não tem culpa se agente perdeu nossa cultura primeiro por causa dessas invasões, os nosso pajés foram os primeiros a serem mortos, com consumo de inlatados entre outros trazidos de fora, porque aqui isso não era da adaptação deles, assim eles foram enfraquecendo e morrendo rapido, é diferente de outras calhas que demorou para chegarem, deu tempo deles fugirem, sem contar a implatação dos salesianos, que foram implantando escolas, foram proibindo agente viver nossos costumes, ate no meu tempo, ja teve quartel, grandes comercinates, assim foi nossa história que estou contando por cima, então tudo foi evoluindo, não tivemos opção, ou você entra e estuda ou

você ficava para trás, então nessa era, não podemos ficar para trás, temos que entrar e caminhar, enfretando desafios e subindo obstáculos.

Celina Menezes, anciã, indígena Baré (2024), me relatou em uma conversa grandes experiências ao longo das margens do rio, onde estão nossos polidores e afiadores que:

Eu já ouvi muitas histórias desse lugar da área da orla, começando lá da beira, onde está o quartel hoje, os velhos tinham jeito deles de falar, não bem explicado como hoje, de forma simples, diziam: não vão nesses lugares porque é lugar de encantado, sagrado, nesse lugar somente os homens podem, mulheres não podem por causa do ciclo menstrual, aqui podem ir juntos, eu diria que não são histórias, são nossas vivências, que aconteceu que agente vivenciou(...)

Vem subindo, onde bairro São Jorge, eu chamo de Tirirical, ainda na beira do rio, lá que a cobra entrou para subir para cima do rio, estava indo ver a mãe dele, veio perfurando e parou atrás onde é cemitério hoje, tem um lago, parou para descansar quando os indígenas Baré viram e começaram a perseguição para matar ele, vieram matar ele aqui perto da Igreja Catedral, com ajuda da arraia que perfurou mataram a cobra, e jogaram os pedaços para todo lado e o rabo ficou aí perto da igreja, diz tio Cirilo que ainda está vivo, um pedaço dela que viveu uma das cavernas que está no morro da Boa Esperança no meio da cidade hoje, a sua parte inicial do corpo é uma entrada que conforme você vai andando as paredes da pedra vai ficando em forma de funil e lá dentro no meio das pedras, tem água um igarapé cheio de variedade de camarão, eu quando menina pegava, cheguei até no quinto, de lá para lá nunca desci então não sei para onde vai, lá é muito bravo. Poise, aí, daqui mais a cima veio outra cobra que sentiu perfurou para vir ajudar, os que se formaram igarapés aqui na porção da cidade, mais não consegui ajudar e do deixou rastros que vemos até nos dias de hoje, essa é uma história com experiência de vida real mesmo(...)

Minha tia que benzina, dizia para termos cuidados com esses igarapés, para os encantados eram caminhos, que eles andam até hoje, ninguém acredita, não respeitam mais, por isso adoecem, esses mesmos caminhos passam pela ilha Adana, ela viu, já andou por aí quando dormia, acho espírito dela quem foi, lá tem casas como palácios, viu muitos parentes conhecidos que já morreram nessas cachoeiras que os encantados levaram, um deles eram filhos da dona Pureza. Minha tia tinha sido levada para ajudar fazer parto de uma conhecida, parenta nossa mesma, chama dona Pureza mais a Pureza ainda estava viva aqui na terra. Lá perto do Buburi tem um igarapé, lá é um imenso hospital, assim que ela terminou de fazer o parto, um homem vestido de enfermeiro pediu para ela voltar no mesmo caminho que ela veio mais sem olhar para trás, quando ela chegou no igarapé que fica perto da loja da dona Iraci aí na praia, ela viu que estava em cima de tabua, parecia prancha, essa prancha veio deixou ela até na casa dela, quando ela chegou, acordou quando ela não levanta, e naquele mesmo ano dona Pureza faleceu. Esses são alguns de muitos fatos que acontecem nessa região, que só acredita quem passa, são nossas vivências, não são invenções(...)

O muçum-Kuara, (buraco do muçun) é mãe da água, onde tem muçun tem água, também fica aí na margem da cidade, na Orla da Praia, ele era bem pequeno, sabe que tem gente maldosa no mundo,

então através de mal benzeram e foram dando comida para ele, por isso foi crescendo fora do normal, a casa dele hoje é em baixo do Cimarne, onde os militares ficam, os pajés já falaram, sentiram no benzimento, um dia que ele sair aquele monte vai desabar, já deu duas vezes tremores grandes, de vez enquanto ele lava sua casa, com folhas de sabão, são raros de acontecer, quando isso acontece toda aquela área sai muitas folhas e espumas(...)

Ai mesmo na área do Jaú próximo a Orla da Praia, também tem o banco da sereia, ela era uma indígena que morava aí perto, quando ela menstruou primeira vez, os pais deixaram ela sozinha em casa, desceu para o rio e desapareceu aí mesmo, quando ela voltou aparecer veio como mãe da água, essa eu vi, meu pai levou agente para ver, porque quando ninguém vê ninguém acredita né, na lua cheia meu pai preparou agente com benzimento e noite nós fomos lá, eu lembro, era uma menina muito bonita com cabelão dela que cobria o corpo, sem roupa, fica aí perto onde tem aqueles buracos na pedras. Recentemente a Kely Monteiro mergulhou lá perto e ficou mais de meia hora, e ela sentiu que estava respirando dentro da água, outro rapaz que estava banhado com ela pisou no cabelo dela, passou a mão e puchou, quando viu ela a kely, para ela não tinha passado tanto tempo, estava de boa tomando banho, carregaram ela para terra e ela desmaiou, essa foi outra experiência nesses lugares onde nossos antepassados moravam(...).

Ai no Kurucui tem um buraco, em toda lua cheia eles também saem, vários tipos de gatos que tu pode imaginar, esses, meu pai levou eu e minhas irmãs para ver, ele disse não podem pegar, esses aí são da natureza, se Deus para quem puder vim ver com seus olhos e só admirar, lá tem muitas conchas, papai dizia que são peneiras de pegar sorte, esses pedrais são muito sagrado(...).

Já sobre essas duas áreas, tanto daqui do lado da cidade quanto do outro lado do rio era cheio de parentes indígenas, segundo minha finada bisavó, que foi pega no laço lá outro lado do Buburi, que do lado daqui morava muita gente, essa área do Munçum-Cuara, era cheio, do outro morava só elas, só mulheres, segundo minha bisavó, elas faziam muitas peneiras, bati, balaio, elas teciam e trocavam com pessoal aqui, com canoa, remos, pilão entre outros(...). Os fornos delas segundo bisavó, era tudo feito de barro, todos os vasilhames eram de barro, não podemos deixar morrer nossas vivências, experiências, nossas histórias, agente tinha nossas pimentas, nosso beiju, nossa farinha, nosso costume, os parentes mais chegamos com as mulheres Barés, era os baniwas diz ela, como elas eram muito bonitas eram cobiçadas pelos homens que viam, elas sempre tinham cabelos compridos então eles sabem das artes, das culinárias porque eles visitavam com frequência com as Barés, nessas visitas faziam muitas trocas, inclusive os bancos dos Barés que eram feitos de molongo, eles tinham habilidades de usar o molongo. Entrando o igarapé do Bubury, lá dentro papai levou para mostrar como era a horta delas, de pedra menina(...)

Aqui na pedra da Fortaleza então, já aconteceram tantas coisas inexplicáveis, mais só quem sabe é nós, que vivemos na pele essa experiência com esses lugares sagrados, por isso os mais velhos sempre disseram para gente respeitar. Com invasão que os barés sumiram e outros povos vieram dizer que não temos cultura, nós tivemos sim, graças ao relato da minha bisavó eu sei e repasso para outros dessa geração.

Toda essa região, onde se encontram os artefatos arqueológicos, é o local de nossa pesquisa. Segundo minha mãe, os Baré a chamavam de Tawa (cidade). Com o tempo, mais recentemente, passou a ser chamada de São Gabriel da Cachoeira. Essa área sempre pertenceu aos Baré, conforme é contado na oralidade.

Nas paisagens, ainda vemos as antigas fruteiras que permanecem de pé, junto com outras plantadas mais recentemente. Também estão lá as pedras marcadas, onde os pés de nossos avós, bisavós, tias, tios, primas e primos pisaram ao longo das gerações.

Ao longo dos anos, os baré se tornaram populosos, revoltosos, festivos, negociadores, “invisíveis, silenciados”, e “dados como extintos”. Mais eles resistiram e de “sumidos” passaram cada vez mais a ser “visíveis”. Retornar a uma trajetória antiga, longínqua (BRAGA, 2022).



Figura 41. Imagem de grande contração de espuma brancas com folhagens fenômeno raro de presenciar. Conforme a oralidade da dona Celina, a cobra Munçum estava limpando sua casa. Fonte: Amador, 22/08/2019.

3.1 Marī ke'sewese (o sonho)

Nesta parte do trabalho trago uma experiência pessoal e subjetiva sobre as minhas interpretações da arqueologia através dos sonhos que tive e que faço questão de registrar aqui, tanto para as próximas gerações quanto para você que está lendo este trabalho, ocorreu em janeiro de 2019. Naquele período, tive um sonho marcante com o professor Carlos Augusto da Silva, doutor em Arqueologia pela UFAM.

Sonhei que ele estava ministrando uma disciplina de arqueologia e que aquela aula seria diferente: uma aula de campo. Ele nos conduziu para uma estrada limpa e asfaltada e bem lisa. Ao final, chegamos a um local onde só havia pedras graníticas. Eu e toda a turma o acompanhávamos com grande expectativa.

Ele estava com uma camisa azul, chapéu e calça de arqueólogo de campo, carregava uma bolsa azul no lado esquerdo e anunciou que nossa aula seria realizada por meio de um holograma. Em seguida, abriu a bolsa e logo o reflexo do holograma ficou sobre as pedras e praias brancas e ele começou a ministrar sua aula. Aos poucos, naquela paisagem aparentemente vazia, começaram a surgir imagens de pessoas e animais.

No sonho, vi uma cena impressionante: uma mulher parecia estar preparando o alimento do grupo em um pilão. Ela aparentava ser mãe, com seios caídos e pés dobrados enquanto socava o pilão. No entanto, esse pilão estava diretamente na rocha granítica, no chão. Seus cabelos eram longos, chegando até a cintura, e ela tinha uma franja, fazia o movimento de socar, subindo e descendo o socador no pilão, e em seguida o professor Carlos acrescentou dizendo que ela estava preparando o alimento do dia.

Essa experiência onírica não poderia ser esquecida. Por isso, ao despertar, imediatamente fiz um rascunho do que havia visto. Neste relato, compartilho a figura feminina que apareceu no sonho e, logo abaixo, o pilão encontrado na vida real.



Figura 42: Mãe do Tempo. Inspirada no sonho que relatei acima. Fonte: Odanilde Escobar 2025.



Figura 43: Pilão real visto em sonho onde a mulher estava sentada. Fonte: Odanilde Escobar 2019.

Essa percepção dos sonhos como revelações de um mundo sobre-humano está intrínseca a concepção cosmológica para os povos indígenas. Os sonhos não apenas são imagens do inconsciente, mas, uma manifestação dos mundos dos espíritos no qual nossos avós nos ensinaram. Para Barreto, (pág. 73):

A identificação e descrição precisa dos *pamumuhānukāke* dita dão a ideia de territórios “demarcados”. Os especialistas descrevem com bastante precisão as características de cada um desses lugares. Por exemplo, o kumu Manoel Lima, depois que fez uma viagem ao Opekō dihtarā, me disse: “eu estive no Rio Janeiro e vi tudo iguazinho ao que os velhos conhecedores me contaram, sem mesmo terem viajado e conhecido o lugar. Eu acho que eles viajavam nos seus sonhos para conhecerem tão bem” .

O registro feito por João Paulo Barreto corrobora minha experiência ao demonstrar que os sonhos não são meramente fruto da imaginação ou do cérebro humano, mas sim uma conexão com outra dimensão e diferentes espaços. Como evidenciado em meus próprios sonhos, percebo e continuo com o relato.

Atrás dela, havia quatro crianças correndo e brincando com um animal que nunca vi antes. Mais abaixo, à esquerda da mulher, estava um rapaz jovem e maduro, de cabelos longos até abaixo dos ombros, mas sem franja. Ele segurava um arpão e fazia

movimentos repetitivos, levantando e abaixando o arpão, de cima para baixo. Ainda mais à esquerda, um grupo de jovens, bem mais novos, aparentando ter cerca de quinze ou dezesseis anos, se preparava para caçar. Eles saíam correndo debaixo de folhagens que estavam sobre uma parede de pedra. Ao sair, formavam círculos seguravam-se pelos ombros giravam e gritavam cantando. Após esse ritual, corriam em fila, cada um pegando seu arpão de uma cesta comprida, tecida de cipó. Próximo a eles, havia uma moquentá²³ em forma quadrada, cheia de peixes, e uma fumaça subia de um lugar próximo, indicando a área de preparo de alimentos. Há muitos dados importantes nesta narrativa dos sonhos, porém um chama atenção, pois este diz respeito ao universo do feminino e sua sensibilidade para as coisas invisíveis.

No final, o professor Carlos explicou: "Era assim que nossos antepassados viviam, eles tinham organização e tempo para tudo." Toda a cena exalava harmonia e propósito. Era um retrato de uma comunidade em plena interação com a natureza e com suas próprias tradições, respeitavam os ciclos da vida e sabiam equilibrar o trabalho, o lazer e a convivência em grupo.

Passados os meses de janeiro, fevereiro e março o professor que viria ministrar uma disciplina não veio e foi substituído pelo professor Carlos Augusto, ele ministrou uma disciplina que incluía uma aula de campo no sítio chamado Aquidabã. O sítio localiza-se na estrada de Camanaus, com acesso por um ramal que leva à margem do Rio Negro. Para chegar ao destino e voltar, era necessário fazer duas etapas de transporte pela estrada. Após a primeira turma retornar, o restante do grupo aguardava pela segunda condução.

Enquanto esperávamos, ficamos sentados em frente ao rio. Comentei com o professor que meus pais sempre haviam me proibido de explorar aquela região, porque era muito perigosa, e eu pela obediência nunca fui. Porém, sempre tive curiosidade de visitar, durante a seca um monte de "pedras" que, na cheia, ficava submerso no meio do rio revelavam buracos e sugeri: "Vamos até lá?" O professor concordou, e seguimos eu, ele e mais cinco colegas, incluindo meus irmãos Odicléia e Edvan.

Neste momento, depois do ocorrido imagino que os ancestrais já estavam fazendo uma mediação. Ao nos aproximarmos do local, senti um arrepio inesperado e parei. Uma sensação incomum tomou conta de mim. Falei ao professor, em voz alta: "Eu não acredito! Eu tive um sonho com o senhor neste lugar. A estrada do meu sonho era o

²³ Girau de varas feito para assar os peixes.

rio”. Movida por essa lembrança, orientei-me conforme o sonho e caminhei até onde, na visão, a mulher estava sentada.

Emocionada, relatei aos colegas o que estava sentindo. Sem hesitar, mergulhei a mão na poça e comecei a retirar a água. Para minha surpresa, apareceu um pilão intacto. Ao compartilhar o sonho e o achado, todos correram para ver o objeto encontrado no local.

No sonho, onde o jovem estava com o arpão, e, ao olharmos ao redor, não vimos nada de imediato. Logo, outro colega comentou: "Aqui tem outro pilão, perto daquele primeiro”. Minha irmã avistou mais um logo à frente. Ao todo, encontramos oito pilões, estando dois deles bem danificados. Registramos tudo com fotografias e medições usando uma fita métrica e GPS (imagens abaixo).



Figura 44: Pilão e polidor circular. Sítio Aquidabã – Orla Fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.



Figura 45: Pilão com aparência dupla. Sítio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.



Figura 46: Pilão e cúpula ao fundo. Sítio Aquidabã – Orlaa fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar 2019.

Tabela 10. Pilão e marmitas.

Nome do objeto	Comprimento	Largura	Profundidade
Pilão danificado	-	-	-
Pilão	23 cm	22 cm	38 cm
Pilão	83 cm	67 cm	60cm
Polidor e pilão dois em um	41cm	27cm	26cm
Pilão dois em um	63cm	52cm	60cm
Polidor e pilão dois em um	82cm	82cm	40cm
Pilão	2,10cm	1,60cm	80cm
Pilão	55cm	50cm	20cm
Marmita com marca de uso	1,60m	1,36m	60cm
Marmita	1 metro	72cm	34 cm
Marmita	2,1m	1,60m	76cm
Marmitas sob o georreferenciamento: S:00°09'37,5" H:006°56'47,1"			

Dando continuidade a narrativa...

Meu irmão, mais curioso, desceu um pouco mais abaixo, em direção a uma rocha íngreme, e me chamou: "Oda! Vem aqui ver uma coisa!" Segui em sua direção e notei que estávamos exatamente no lugar onde, no sonho, o homem com o arpão estava

de pé. Ele apontou para a parede de pedra e exclamou: "Tem dois homenzinhos desenhados aqui!" (imagem a seguir).

Muito emocionada, fui até o local e me deparei com dois petróglifos, figuras antropomorfas gravadas na pedra. Foi um dia extremamente especial para mim. Senti um profundo privilégio e uma grande honra ao perceber que meus ancestrais haviam revelado aquele lugar, sagrado e repleto de significado, de uma forma tão bonita e conectada aos meus sonhos.

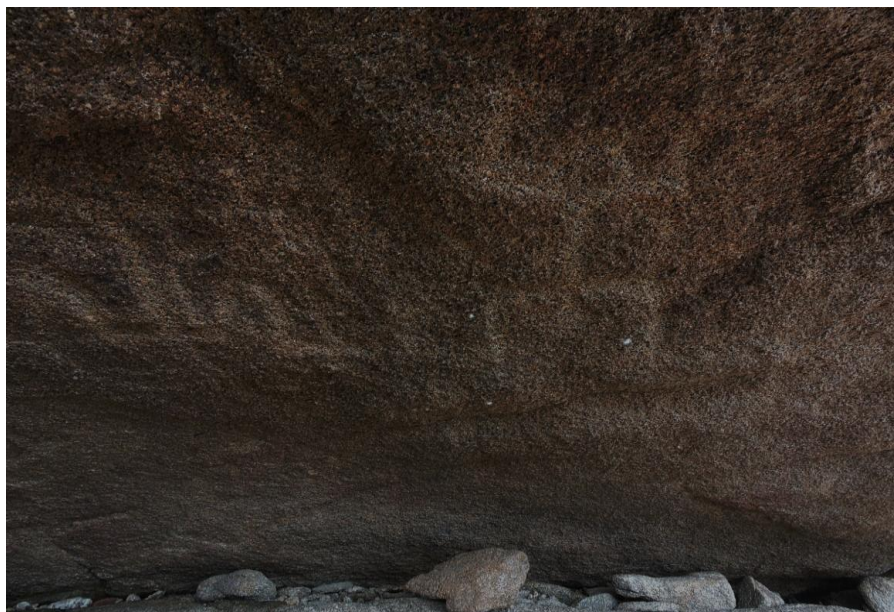


Figura 47: Registro Petroglífico Sítio Aquidabã. Orla Fluvial de São Gabriel. Fonte Odanilde Escobar, 2019

O que posso dizer é que após essas experiências no Sítio Aquidabã, tive outros sonhos com o professor Carlos. Um deles foi sobre a pedra circular que marcava o tempo. Para não esquecer, resolvi fazer o desenho, porém, se existe, ainda não encontrei, porque este lugar do sonho o rio nunca secou ao nível mais baixo de onde eu vi. Com o tempo, fui percebendo que esses sonhos sempre traziam uma novidade relacionada ao campo de pesquisa.



Figura 48: Representação da Pedra do Tempo - Sonho da Odanilde. Fonte: A Autora, 2023.

Esse foi um dos muitos sonhos significativos que vivi envolvendo a arqueologia. Já tive vários outros em diferentes fases da minha vida. Só posso afirmar que mais uma vez, as pedras, por meio dos sonhos, mostraram as marcas deixadas por milênios, conectando o passado ao presente de forma única e inesquecível.

Após retornar para casa, comentei o ocorrido com um especialista da família do meu esposo. Ele, muito preocupado, perguntou:

"Por que você tocou diretamente com suas mãos nesses pilões? Sei que já se passaram anos desde que foram utilizados, mas não se sabe exatamente como foram preparados ou para que finalidade serviam. Às vezes, os pilões eram usados para triturar plantas venenosas destinadas aos inimigos, e, por meio de bahseese, esses venenos podem permanecer ativos dentro da vasilha."

Apesar de sua preocupação, ele acrescentou: "Acredito que esses pilões tenham sido usados para coisas boas, como o preparo de alimentos, e por isso nada te aconteceu."

Ele então relatou um caso de outra região, rio acima, onde, tempos atrás, uma mulher tocou com as mãos em um prato esculpido na pedra (um polidor circular) e desenvolveu feridas dolorosas nas mãos que ardiam incessantemente. Ela sofreu até encontrar um especialista indígena que, após realizar bahseese contra o veneno, conseguiu

curá-la. "Por isso é importante ter cuidado ao lidar com esses objetos", ele me alertou. Mesmo acolhendo seus conselhos, não pude deixar de sentir que a conexão com aquele lugar foi algo único e inexplicável. As fotografias que registrei com um celular simples tornaram-se testemunhos preciosos desse momento singular.

Todos esses artefatos arqueológicos encontram-se em São Gabriel da Cachoeira em sua orla fluvial que dista o Porto Queiroz Galvão ao Porto de Camanaus, onde está localizado o Sítio Aquidabã, lugar que resguarda parte de nossa história, registrada nas pedras, nas paisagens e na diversidade de árvores frutíferas presentes no território.

O solo da região próximos aos pilões, apresenta a presença de terras pretas ameríndias, uma evidência de antigas ocupações humanas, reconhecida por sua alta fertilidade e formação ao longo de séculos. Além disso, foram identificadas grandes quantidades de fragmentos cerâmicos, que testemunham as práticas culturais dos povos ancestrais que habitaram a área.

Na localidade, também há um cemitério utilizado pelos moradores indígenas das redondezas, evidenciando a continuidade das práticas culturais e o respeito pelos antepassados. O sítio Aquidabã é, sem dúvida, um local de grande relevância arqueológica, histórica e cultural, além de possuir uma paisagem naturalmente encantadora. Representa a rica herança deixada pelos povos indígenas que ali viveram, integrando passado e presente de forma harmônica.

Além dos pilões foram encontrados grande concentração de conjuntos de polidores e afiadores, devidamente documentados e incorporados aos resultados deste trabalho.



Figura 49: Conjunto de poidores, Sítio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar

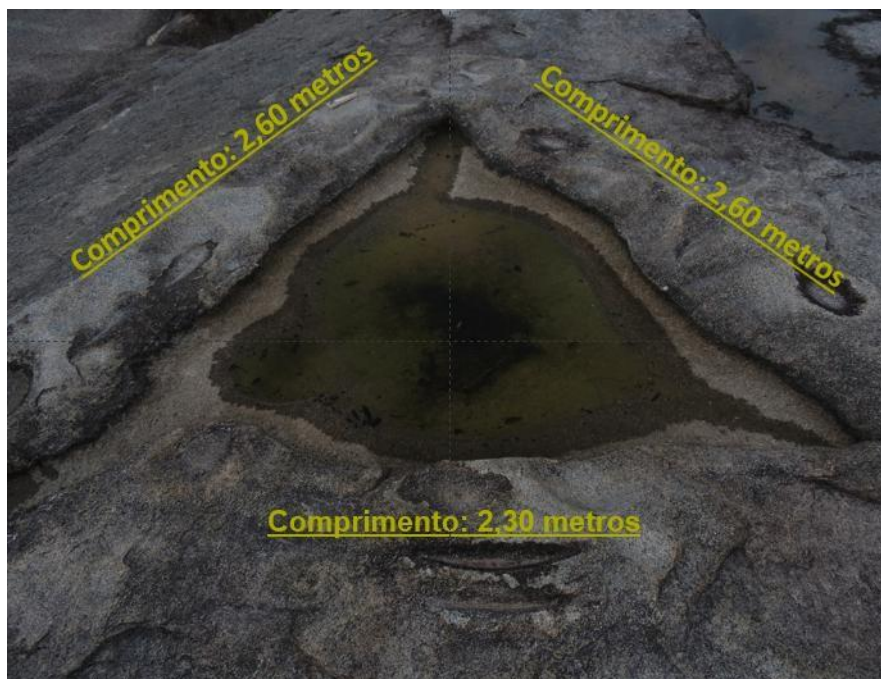


Figura 50: Espelho da Mucura. Sítio Aquidabã. Orla fluvial de São Gabriel. Fonte: Odanilde Escobar2019.

O conjunto, encontra-se sob o georreferenciamento **Ponto: 99**, de **S: 00°09' 37.0" H:066°56'.50.2'**, em formato triangular, é conhecido como 'Espelho da Mucura', nome derivado de uma história amplamente conhecida entre os moradores da região. Além disso, os mais velhos relatam que os solteiros que pulam para o outro lado da linha, essa que para os arqueólogos corresponde ao local onde estão dois afiadores em formato de canoa, logo encontrarão um parceiro/a para a vida. No entanto, aqueles que não conseguirem pular permanecerão solteiros pelo resto da vida.

A última vez que os visitei foi em 2019. Desde então, não tive mais a oportunidade de retornar, pois esses vestígios ancestrais só emergem em períodos de seca extrema. Durante o restante do ano, permanecem submersos no fundo do Rio Negro, ocultos sob suas águas profundas e misteriosas. Lá, sobre aquelas pedras, encontram-se os polidores, afiadores, pilões e petróglifos, que marcam nossa história ancestral e continuam a ser visitados por nós, indígenas do presente.

Durante minhas pesquisas, compreendi que apenas seriam reveladas as informações que eles considerassem necessárias. Em alguns momentos, desejei seguir um caminho diferente, mas fui guiada até as pedras. Por quê? Ainda não sei ao certo. No entanto, tenho uma certeza: quiseram me mostrar nossas marcas, seriam meus ancestrais Barés. Sinto-me imensamente grata por essa honra e, por isso, devo respeito a essas histórias ao céu aberto.

A cada medição realizada, questionava-me se, de fato, deveria estar fazendo aquilo. Seria eu digna de tocar naqueles objetos? Como disse Dona Celina, há um interdito. Do ponto de vista arqueológico, seria necessário seguir determinadas regras antes de ir a campo. No entanto, enquanto indígena, isso não representava um problema, pois sou filha desta terra. Com respeito e o respaldo do conhecimento dos meus avós, sinto-me em paz. Todavia, compreendi ao longo da pesquisa que não bastava apenas descrever e mensurar cada conjunto de vestígios encontrados. Era necessário ir além do que os olhos humanos são capazes de enxergar, se conectar e fazer parte da natureza é importante.

3.2 Uma história ancestral a céu aberto

Na década de 1920, a chegada gradual de instalação dos missionários salesianos gerou mudanças e um certo controle da atuação dos comerciantes e patrões, mas trouxe outros problemas e danos para os povos indígenas, como a catequização e a escolarização forçada das missões (Martins; Cabalzar, 2019). Acima de tudo, os salesianos desmoralizaram os ritos e conhecimentos dos pajés, yaí, kumu, baya, especialistas locais e investiram, com êxito, na destruição das malocas, o que era “um dos pontos principais do programa de ‘civilização’ e integração, na sociedade nacional, dos “índios” do Alto Rio Negro” (Cabalzar, 2006 p. 96).

Os chamados missionários alegavam vir para "salvar" e auxiliar os povos indígenas a escaparem dos abusos dos patrões. No entanto, o que os parentes não perceberam é que esses missionários eram mais uma faceta dos colonizadores. Eles impuseram restrições severas, como a proibição do uso das línguas nativas, dos adornos tradicionais e até mesmo ordenaram a destruição das malocas de palha, além de exigirem a quebra e queima de todos os instrumentos dos povos originários. Consequentemente, ao longo dos anos, muitas tradições e conhecimentos foram perdidos. Nós povos originários sempre estivemos presentes nesta terra, com modos de vida únicos, deixando inúmeras heranças ancestrais. No entanto, os não indígenas não demonstraram interesse em entender ou respeitar essas tradições, chegando e confiscando tudo sem permissão.

O tempo passou, sofremos e foi a realidade que não é contada em livros de história, somente temos entre nós pela oralidade, realidade não só de um povo, mais de todos. Usaram o nome de Deus, Deus nunca foi ruim e sim o próprio ser humano. Hoje a igreja Católica, e os Salesianos, que ainda residem no Município de São Gabriel da Cachoeira lutam para ajudar a resgatar a cultura indígena do Alto Rio Negro, em ocasiões nas missas solenes, nas apresentações de abertura são apresentadas com danças indígena como *carriçu*, *mawaco*, *japurutu*, usamos adornos, fazendo uso de pinturas, artesanatos ornamentações, cânticos nas línguas indígenas uma forma também de ressignificar suas histórias que só podem ser entendidas no contexto em que foram vividas. Hoje diferentemente do passado os nossos parentes podem se comunicar em suas línguas maternas em todos os ambientes e lugares.

Os não indígenas dificilmente compreenderão plenamente a profunda conexão do nosso povo com o território. O olhar do pesquisador tende a prevalecer, tratando tais espaços como meros objetos de estudo, materiais arqueológicos que devem ser escavados, analisados e preservados, uma vez que são considerados patrimônios da União. Em outros casos, pesquisadores afirmam ter vivido em comunidades indígenas, em sítios arqueológicos, por meses ou até anos, ouvindo suas narrativas e a partir dessa experiências, tentando se aproximar dessas culturas. Dessa forma, reforçam a ideia de que tais locais devem ser preservados. Como vemos, os significados atribuídos a esses espaços vão muito além da materialidade e das classificações formais além do que é visto com os olhos, como ressaltam Mariana Cabral (2014) e Fabíola Silva (2002).

Silva (2002, p.179) durante pesquisa entre os Asurini do Xingu, indicou que as bacias de polimento e os polidores localizados na beira do rio são referidos pelas crianças por termos que significam “marcas dos pés e das nádegas de Mayra”, o seu

ancestral mítico. Segundo a autora, os sítios encontram-se próximos a pesqueiros. Assim, as histórias e narrativas variam de região para região, e em São Gabriel da Cachoeira as histórias estão por toda margem da cidade, sempre próximas de cachoeiras, lagos, igarapés, pontas de pedras, nos solos, nas matas em toda a natureza para não dizer em todos os lugares da cidade, pois, dificilmente não há um espaço onde esses vestígios não estejam aparentes.

Sempre que chegamos a um novo lugar ou passamos por um processo de mudança, enfermidade ou cerimônia, nós, indígenas, sempre nos preparamos antecipadamente, como dizia João Paulo Barreto que a melhor maneira de cuidar da pessoa do ponto de vista dos especialistas indígenas é a prevenção, realizada através de rituais específicos; neste caso cada povo do rio Negro tem sua forma de se relacionar. A vida indígena só tem sentido se estiver conectada com o ambiente onde ela vive e gera vida. Assim, é possível entendermos que a pesquisa que agora desenvolve como mestrado exija de mim uma continuidade na academia para que eu possa me dedicar mais profundamente em dialogar com as pedras que falam nesse universo rio Negrino.

A Arqueologia pode e define como amoladores, afiadores, polidores e marmitas, porém, o que de fato são esses objetos? Qual o real sentido de terem sido produzidos? São apenas coisas materiais, que num tempo ido eram usados com o objetos de cozinha para produção de alimentos? Ou esses vestígios estão além de nossa compreensão enquanto arqueólogos?

Para nós povos originários, esses lugares são espaços de profundo respeito, considerados sagrados e, portanto, dignos de reverência. Muito antes da ocupação humana, essas terras já possuíam seus próprios guardiães espirituais, reconhecidos pelos indígenas como os verdadeiros donos da natureza. Segundo nossos conhecimentos tradicionais, esses seres são poderosos e podem manifestar sua presença de diversas formas, especialmente flechando, chegando assim, a causar dor, adoecimento e até mesmo infligir punições àqueles que desrespeitam seu território.

Elementos naturais como igarapés, ilhas, formações rochosas, praias, lagos, florestas, rios, cavernas, barrancos e árvores são dotados de vida e possuem seus respectivos guardiães espirituais. Por isso, antes de adentrar esses espaços, é necessário pedir permissão, pois o solo sobre o qual pisamos não pertence somente aos seres humanos, mas, àqueles nos antecederam na formação do cosmos. Esses lugares existem simultaneamente em múltiplas dimensões tanto na realidade visível quanto na realidade suprasensível. De acordo com Barreto (2021, págs. 88 e 91) assim podemos explicar:

Os kumuã falam que sem os bahsese a pessoa fica vulnerável, sem proteção e sem resistência, logo, pode ser atingida por diferentes doatisee (doenças) por duhtitise (ataques dos seres waimahsã). De igual modo, sem os bahsese de proteção os habitantes de uma comunidade ficam vulneráveis aos ataques e às epidemias [...]. Os povos indígenas do Alto Rio Negro dão atenção especial aos cuidados do corpo, principalmente via bahsese e uso de plantas medicinais para evitar a ação dos agentes de doatise ou duhtitise e os ataques que causam o desequilíbrio da pessoa. O cuidado com o corpo começa desde a concepção da criança. O período de gravidez constitui uma fase de intensa atenção dos pais. Estes devem se submeter às regras alimentares, à restrição de circulação pela floresta e pelos rios, evitar trabalhos considerados pesados, etc. O objetivo central da conduta dos pais nesse período é evitar o desequilíbrio do seu próprio corpo e garantir o desenvolvimento integral da criança no útero da mãe.

Após a obtenção da devida permissão, apenas os *kumuã* e *yai* (pajés), que detêm conhecimentos ancestrais transmitidos oralmente de geração em geração, possuem a capacidade de realizar os rituais de preparação e proteção do espaço onde será estabelecida a moradia de suas famílias. Esse processo inclui defumações com breu, o uso de cigarros rituais e outros elementos tradicionais. Somente após essa etapa inicial, as pessoas podem iniciar a derrubada da vegetação e a limpeza do local, sempre seguindo regras específicas.

Aqueles que já receberam a proteção por meio do benzimento são os responsáveis por conduzir os trabalhos no local, garantindo que o processo ocorra de maneira respeitosa e segura. Esse cuidado se estende até a conclusão da construção das casas, passando pela coleta de palhas e pela chegada das famílias ao novo espaço. O benzimento, no entanto, não se limita a esse contexto: ele se faz presente ao longo de toda a existência dos indivíduos, desde a gestação, o parto e o nascimento até o crescimento e as transições entre diferentes fases da vida, especialmente da infância para a idade adulta.

A partir desses ensinamentos milenares, os povos originários, assim como eu, acreditamos que esses lugares possuem uma importância sagrada e devem ser tratados com profundo respeito. Todas as nossas ações são precedidas de preparações ritualísticas, realizadas por meio de *bahsese* ou benzimentos conduzidos por nossos médicos indígenas, que possuem uma visão ampliada da realidade.

Seu conhecimento transcende o que é visível aos olhos e vai além do uso das plantas medicinais e da materialidade do corpo físico. A partir de sua cosmovisão, eles acessam dimensões mais profundas da existência, garantindo o equilíbrio espiritual e a saúde do seu povo, zelando não apenas pelo bem-estar individual, mas também pelo

coletivo e pelo território.

Atualmente, essas regras continuam a ser seguidas, embora seja provável que, no passado, esses processos fossem ainda mais rigorosos. Certamente, nos locais onde hoje se encontram os polidores e afiadores, houve anteriormente um cuidadoso ritual de preparação e defumação, pois os antigos tinham um profundo respeito pela natureza. Antes de qualquer intervenção, era necessário pedir permissão aos guardiães espirituais do território, reafirmando a relação sagrada entre os povos originários e a terra.

Dessa forma, compreendemos que lugares como as margens de São Gabriel da Cachoeira sempre foram espaços de grande respeito e significado. No entanto, com o passar do tempo, sobretudo entre as novas gerações que vivem nas áreas urbanas, muitos dos ensinamentos transmitidos pelos nossos anciãos têm sido esquecidos, fragilizando a conexão ancestral com esses saberes e práticas tradicionais.

A partir de muitas histórias e vivências originárias deste lugar, sabemos que as pedras falam. Elas nos contam e revelam nossas histórias ancestrais por meio desses vestígios. Por isso, temos um ponto de vista diferenciado em relação a elas: não se trata apenas de buracos feitos nas pedras, mas de locais onde ocorreram momentos significativos sobre a origem da humanidade.

O relato dos Tukanos é a Canoa da Transformação, que percorreu todo o rio. Em cada parada nas pontas das cachoeiras, nas praias, nos morros escalados para observar a jornada rio acima as pedras foram marcadas. Elas carregam desenhos feitos para narrar acontecimentos do dia, eventos de datas importantes, boas caçadas. Os buracos nas pedras foram usados como pratos, cuias, tigelas e pilões para preparar alimentos, remédios medicinais, plantas para pinturas e outros usos que refletem a organização e liderança presentes naquela época, essa utilização seja da parte dos indígenas como dos *waimahsã*.

Na narrativa mítica Kubeo, a formação da cachoeira Doribo se deu na captura da Cobra Traíra pelos ancestrais do povo Baré. A fuga da Cobra Traíra iniciou após o mesmo ter devorado o menino encantado no *Ñãpãda Kɨporu*. As armadilhas colocadas em determinados lugares do rio se transformaram em cachoeiras que são conhecidas até hoje. Gonçalves (2023, p.8) conta ainda que:

A Cobra Traíra quando entrou no matapi transformou-se em peixe traíra gigante que resultou com evento de distribuição de carne de peixe traíra gigante para o almoço comunitário no lugar. O lugar do evento em São Gabriel da Cachoeira tem simbologias visíveis que podem ser vistas em todas as margens do rio, (...) Assim, o Peixe Traíra foi arrastado e colocado em cima das pedras para ser dividido em pedaços(...) o almoço comunitário ocorreu onde o lugar agora é conhecido como Cachoeira

do Buburi, nesse lugar, segundo antigos conhecedores e narradores tinham a representação dos objetos e utensílios domésticos utilizados nesse evento, de preparo para o almoço comunitário, como as panelas, pratos, talheres e lenhas. Atualmente se vê nesse lugar nas pedras apenas algumas marcas de banco, assento das panelas, pratos e suporte para panelas durante o cozimento da carne do Traíra. Como também de posto de lavagem de pratos após o almoço quando é vazante do rio.

Na mesma área conhecida como Pedra do Rabo da Cobra, dona Celina, do povo Baré, (2024) relata que meninas que menstruam pela primeira vez e mulheres que acabaram de parir não podem passar por cima nem pisar sobre essa pedra. No passado, essa tradição era rigorosamente respeitada, mas, atualmente, nem sempre é seguida com o mesmo rigor. Amazonense (2013, p. 97 e 125) também registrou em seu trabalho relatos sobre a sacralidade desse local, afirmando que:

Cobra grande: Essa narrativa tem uma representação muito forte no modo de vida dos vários povos do Rio Negro. Acredita-se que ao obter uma porção dos vestígios e levá-lo a sua comunidade estas partes tem o poder de multiplicar os peixes, bem como o seu desrespeito pode acarretar castigos como doenças e malefícios à saúde de quem o faz. Possui outras versões das etnias do Alto Rio Negro (...) A cabeça fica acima da cachoeira da Fortaleza, o lugar chamado de Buya akanga (cabeça da cobra), outro pedaço fica perto da Matriz (Catedral) juntamente com a arraia. Dizem os mais idosos que quando uma pessoa sonha mal e pisar na cobra acontece algo com a pessoa do sonho ou com alguém da família(...)A Cobra grande com o corpo petrificado que determinou a ocupação das espécies de peixes das águas do negro é um dos patrimônios que acabou por tornar-se quase invisível aos olhos, pois boa parte foi coberta por asfalto onde passa a Av. Dom Pedro Massa e também construção de moradias na cidade e cada dia desaparece um pouco de seus vestígios. Um morador mais antigo nos relatou que na época de internato existiam rochas maiores no formato de enormes pedaços de cobra e que com o passar dos anos estas foram quebradas para serem usadas talvez em construções. A história é bastante conhecida.

Essas marcas históricas estão localizadas às margens da cidade de São Gabriel da Cachoeira, na região central, próximo à Catedral, na Avenida 31 de Março, como afirma Amazonense (2013) em seu trabalho. Atualmente, em 2025, parte dessas marcas encontra-se coberta pelo concreto devido à construção da rua asfaltada e novas edificações continuam sendo erguidas, conforme demonstrado na imagem abaixo. Esses registros representam apenas uma pequena parte de nossa história, são extremamente importantes e precisam ser preservados. Diante disso, solicitamos a colaboração da comunidade local e do IPHAN para a proteção desse patrimônio cultural.



Figura 51. Rabo da cobra com petróglifo encravado na pedra. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 52. Odanilde observando o rabo da cobra de perto. Fonte: Helena Lima, 2025.

Essas histórias nas pedras são reforçadas pelas palavras da minha avó, Laurita

Antônio “Puí” (Desano), que certa vez compartilhou suas memórias:

“Os buraquinhos feitos nas pedras na ponta da ilha de Duraka, onde você nasceu, netinha, antigamente eram muito respeitados. Era ali que a velha Waimi preparava as tintas dos antigos – como cumati, jenipapo, carajuru e outras batatinhas e folhas. Ela amassava tudo com cuidado e, depois, chamava os netos para se pintarem antes da dança do dabucuri. Aqueles buraquinhos só podiam ser usados por ela ou pelas mulheres autorizadas por ela, quase sempre apenas por ela. Em tão começava a piracema, para eles era o dabucuri, com os sons das buzinas e flautas tocavam para animar suas festas. Lá embaixo, no rio negro, no mundo deles, vivem humanos como nós, mas para eles, nós somos os animais. Os cheiros das plantas que passavam em seus corpos chegavam longe e até os pescadores indígenas que pescavam peixes relatavam que o cheiro vinha forte e marcante. Não era como o cheiro do peixe comum do dia a dia. Os moradores antigos da ilha de Duraka contam que eles eram bravos. As mulheres menstruadas precisavam se resguardar bem, pois lá embaixo, existe uma verdadeira cidade com ruas, bares e casas. É um mundo vivo (Laurita Antônio, entrevista em 2023).

Quando minha avó me contou sobre esses pequenos buracos nas pedras que, para os arqueólogos, são conhecidos como "quebra-coquinhos" ou "cúpulas" lembrei-me de que eles ainda estão lá, resistindo ao tempo. Curiosamente, muito antes de ouvir essa história, tive um sonho que me fez visitá-los de maneira simbólica.

Sonhei que mergulhava nas águas desse mesmo lugar mencionado pela minha avó. Durante o mergulho, encontrei uma casa enorme, parecendo um galpão abandonado. Dentro desse espaço, havia três grandes círculos que pareciam portas para outros lugares. Dois deles estavam no chão: um com cadeados e outro apenas encostado. Quando abri a segunda porta, percebi que havia alguém morando ali dentro. Fechei-a devagar e saí. Na lateral da parede, avistei outra porta de concreto, também em formato circular e trancada com cadeado. Todo o galpão parecia abandonado, transmitindo uma sensação de mistério e reverência. Quando compartilhei com minha avó, ela me respondeu com sabedoria:

"Os benzimentos estão se enfraquecendo porque, quando as meninas e mulheres menstruam, acabam manchando esses locais sagrados, e isso os torna vulneráveis. É por isso que é fundamental renovar os benzimentos, tanto no lugar quanto nas pessoas, para que não adoçam. Assim como nós temos nossos especialistas, eles também têm os deles” (Laurita Antônio, entrevista em 2023).

Isso me fez refletir sobre a importância desses espaços. Tudo começou naquele pequeno buraco na pedra, que carrega um significado profundo para quem conhece sua verdadeira história. Para aqueles que ignoram sua essência, ele será apenas isso: um buraco na pedra. Mas para nós, são nossas histórias a céu aberto. Nossos antigos parentes indígenas sempre construíram seus acervos e museus ao ar livre, próximos de

nós, dentro de nossos territórios em conexão com a natureza, trocando conhecimentos e se fortalecendo. Ambos os lados viviam livres sob o mesmo céu. Nossas histórias vão muito além do que se pode ver; elas continuam vivas, inscritas nas pedras, na terra e em nossa memória ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo da pesquisa concluí que as margens que se estendem do porto Dabaru Beira até o porto de Camanaus foram habitadas por milênios pelos povos originários. Durante as grandes secas dos rios, como aquelas ocorridas em 2019 no final de 2023 e início de 2024, esses vestígios arqueológicos emergem em grande quantidade ao longo de toda a margem, revelando uma rica história de ocupação humana nesses locais ao longo do tempo.

A Arqueologia mostra o lado da ciência, que adentra ao passado de forma concreta através das lentes do presente para entender a cultura dos povos do Alto Rio Negro. Variedades de artefatos foram encontrados, como petroglifos, polidores circulares, oval, afiadores lineares e estilo canoa, como mostra Silveira et al. (2012) em seu trabalho realizado na Ilha do Mosqueiro, Pará.

Os polidores e afiadores nas pedras de São Gabriel da Cachoeira são mais do que artefatos arqueológicos para nós indígenas desta região, pois envolvem outra face que é o sagrado em português ou *wametise*²⁴. Este lugar antes de ser habitado por seres humanos já tinham donos da natureza que fazia sua morada (o Yai, kumu, pajé, os especialistas chegam, através do seu dom passado de geração em geração, faz o ritual da prevenção, protegendo e preparando o local para ser moradia de sua comunidade). Todo esse laboratório a céu aberto precisa ser preservado de alguma forma, seja ela através de fotografias, croquis, relatórios entre outros.

Precisamos ouvir os anciãos, pois eles guardam na memória, com precisão, as nossas histórias, sejam elas do passado ou do presente. São eles as minhas principais fontes de aprendizado, pois, como indígena, compreendo que meus antepassados nunca registraram em livros e papel. Para nós, a palavra oral é concreta e possui um valor inestimável.

No entanto, com o avanço da tecnologia e sua inserção em nosso território, a

²⁴ *wametise* em tukano “lugares nomeados” (Ramirez,2021)

oralidade tem se enfraquecido entre as novas gerações. Nossos anciãos são verdadeiras bibliotecas vivas, mais, a idade chega para todos, e com ela a morte e eles ancestralizam, e esse conhecimento inestimável se perde no tempo.

Diante desse cenário, percebi a urgência de registrar nossa história para que ela não desapareça. O saber ancestral, transmitido oralmente de geração em geração há milênios, precisa ser preservado. As marcas nas pedras ainda podem ser vistas, mas a oralidade daqueles que as produziram está desaparecendo, com as tecnologias entrando nos territórios indígenas.

Em uma pequena parte deste município mais indígena do Brasil está a história dos meus povos originários, encravada na rocha em forma de polidores e afiadores, que para mim indígena desta terra não deve ser descartada, muito menos esquecida pois representam herança dos meus ancestrais, assinaturas de grandes artistas que viviam nesta natureza.

Os povos indígenas sempre tiveram seus territórios demarcados por acidentes geográficos como rios, serras, morros, igarapés, curva de rio, praias, pedras ou rocha, cachoeiras que regeram e regem seus modos de vida. Por certo que sofrem alterações e ressignificações dependendo do contexto e momento histórico que vivemos. (Amazonense, 2013).

Nas praias em São Gabriel da Cachoeira há diversos conjuntos grafados ou inscrições nas rochas atribuídos hipoteticamente como registros de atividades tecnológicas antigas ligadas ao processo de produção de ferramentas ou em ritos envolvendo o uso do material rochoso. Os formatos e posicionamento dos desenhos nas rochas podem indicar que no período da estiagem havia ajuntamentos de artífices ou artesãos, no sentido de preparar as ferramentas, e também, possivelmente, na seleção de matéria prima para a produção de ferramentas líticas em outros locais, afastados das praias ou até mesmo para o comércio entre outras populações humanas afastadas da calha do rio Negro, por isso a conversa com algumas pessoas e a pesquisa bibliográfica foram de fundamental importância na pesquisa.

Georreferenciamos e mapeamos esses monumentos antigos manifestos em lítico na cidade de São Gabriel da Cachoeira, nossa pesquisa pode contribuir para a legislação ambiental e patrimonial com a preservação e permanência desses registros históricos. A pesquisa recupera a memória encastelada presente nesses vestígios e que simbolicamente representam a vida dos moradores da cidade de São Gabriel da Cachoeira e dos 23 povos indígenas.

Percebemos a importância deste trabalho para a academia, para as escolas do nosso Município, pois acreditamos que ele pode despertar o interesse pela preservação de um lugar que respira cultura fruto de milênios de existência e construído por civilizações pretéritas, por nossos antigos parentes indígenas. Eles deixaram um legado imprescindível, não apenas para as gerações mais jovens que habitam o Alto Rio Negro, mas também um exemplo de desenvolvimento sustentável para toda a região.

Nossa luta é para que as coisas sagradas, nossas histórias e nossa cultura permaneçam vivas e fortes em nossos territórios. Que possamos construir nossos próprios acervos, laboratórios e universidades indígenas, para registrarmos, estudarmos e contarmos sobre nós mesmos para nossos filhos, netos e futuras gerações. Assim, fortalecemos o que foi ferido no passado e garantimos a continuidade de nosso legado, com o apoio de nossos anciãos e conhecedores indígenas, que são e sempre serão as bases do nosso saber.

REFERÊNCIAS

ALBERTA, Lucia; ANDRADE, Andreza (2006). **Cachoeira de Iauaretê é oficialmente reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil**, Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/cachoeira-de-iauarete-e-oficialmente-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-do>. Acesso em: 06 jun 2024.

ALMEIDA, O.P. **Lugares sagrados e sítios arqueológicos no entorno da comunidade matapi do baixo uaupés**. Aru: revista de pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro, Amazônia.v.3, p. 25-40, 2019.

ALMEIDA, Wizeer de Oliveira – Baré. **Entrevista concedida à autora**. São Gabriel da Cachoeira, AM, 10 dez. 2024.

ANDRELLO, Geraldo. **Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos povos do rio negro**. São Paulo: Instituto Socioambiental, São Gabriel da Cachoeira, AM, FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

ANDRELO, Geraldo. **Cachoeira de Iauaretê é oficialmente reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil**, <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2344>, 2006.

ANDRELO, Geraldo. **Cachoeira de Iauaretê, no Alto Rio Negro, é patrimônio imaterial brasileiro**, <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2308>, 2006.

ANDRELO, Geraldo; OLIVEIRA, Ana Gita. **O Processo de registro da Cachoeira de Iauaretê**. In Cachoeira de Iauaretê. Brasília: IPHAN, 2007.

AMAZONENSE, Terezinha Alemam. **Territorialização do patrimônio no alto Rio Negro: da geografia mítica à geografia indígena**. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BALÉE, W. **Sobre a indigeneidade das paisagens**. Revista de Arqueologia, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008

BARRETO, Gilda da Silva – Baré. **Entrevista concedida à autora**. São Gabriel da Cachoeira, AM, 06 dez. 2024

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus, p.190

BARRETO, Tarcísio. **Entrevista concedida à autora**. São Gabriel da Cachoeira, AM, 04 nov. 2024.

BOSCO, Guilherme Sampaio – Desano. **Entrevista concedida à autora.** São Gabriel da Cachoeira-Am, 09 dez. 2024.

BRAGA, Bruno Miranda. **Chão de vidas, rios de memórias: histórias indígenas do Amazonas Imperial (1845-1888).** 2022. 684 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

CABALZAR, Aloisio; RICARDO, Carlos Alberto (ed.). **Povos Indígenas do Rio Negro: uma introdução à socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira.** 3. ed. rev. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, p.73-128, 2006.

CABRAL, Mariana Petry. **No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta.** Tese (Doutorado em Antropologia, Área de Concentração em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas, poderes oblíquos.** In N. Canclini Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade 1997, p. 283-350. EDUSP. <https://www.ufrgs.br/cdrom/garcia/garcia.pdf>

CRUZ, Celina Menezes da – Baré. **Entrevista concedida à autora.** São Gabriel da Cachoeira, AM, 09 out. 2024.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem ao Brasil** Rio de Janeiro: Kapa Ed., 2007.

FONSECA, Mário Geraldo R. **A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira.** Tese de doutorado apresentada ao PPGL / UFMG, Belo Horizonte: 2012.

FREITAS, Lourdes Maria de – Tukano. **Entrevista concedida à autora.** São Gabriel da Cachoeira-Am, 2024.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin.** São Paulo: Editora 34, 2014. 1985.

GONÇALVES, José Rodrigues. **Cobra traíra e a formação da cachoeira Doribo em São Gabriel da Cachoeira na cosmologia Kubeo.** In: VII Encontro de Políticas Públicas para Pan-Amazônia e Caribe. Anais, p.10, 2023.

HERRERO; FERNANDES Marina. **Baré: o povo do rio.** SESC, São Paulo, 2015.
RIBEIRO, Rosa Cristina; LUNA, Julia Falgeti; ALMEIDA, Bárbara Cristina Krüngel de Barros. **A importância dos mitos para as sociedades indígenas.** 2015.

KOCH-GRUNBERG, Teodor. **Petróglifos sul-americanos.** Organização de Edithe Pereira. Tradução de João Batista Poça da Silva. Belém: link: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1152.pdf>.

Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010. 142 p. il.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, H. **Patrimônio para quem? O ouro de tolo e os arqueólogos na Amazônia**. Palestra apresentada na IV Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) – Regional Norte, Manaus, 2018.

MASSA, Teodomira Sampaio – Desano. **Entrevista concedida à autora**. São Gabriel da Cachoeira, AM, 05 jan. 2025

MARTINI, André. **O retorno dos mortos: apontamentos sobre a repatriação de ornamentos de dança (basá busá) do Museu do Índio, em Manaus, para o rio Negro**. Instituto Socioambiental, 6 nov. 2012.

MARTINS, L., Fonseca-Kruel, V., CABALZAR, A., Azevedo, D. L., MILLIKEN, W., Nesbitt, M., & Scholz, A. **A Maloca entre Artefatos e Plantas: Guia de Coleção Rio Negro de Richard Spruce em Londres**. São Paulo: ISA-Instituto Sociambiental, 2021.

MELO, Rosivaldo Terêncio – Baré. **Entrevista concedida à autora**. São Gabriel da Cachoeira, AM, 13 nov. 2024.

MEIRA, Márcio et al. **Povoamento Indígena e Assentamentos Coloniais no Rio Negro: Pê Povoamento Indígena e Assentamentos Coloniais no Rio Negro: Perspectivas de Pesquisa Colaborativa**. Aru: Revista de pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro, Amazônia. V. 3. p.148-57, 2019.

MORAN, J. M. **Novos caminhos do ensino à distância**. Informe CEAD - Centro de Educação à Distância. SENAI. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, out/nov/dez 1994, p. 1-3.

MORIN, Edgar. O método 5. **A humanidade da humanidade, a identidade humana**. Trad. Jeremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NEVES, Eduardo. A história dos Tariano vista pela oralidade e pela arqueologia. **Rotas de criação e transformação: narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 223-245, 2012.

NEVES, Eduardo. Uma Rede de Fios Milenares: Um Esboço da História Antiga do Rio Negro. In: Marina Herrero; Ulysses Fernandes. (Org.). **Baré: Povo do Rio**. 1ed. São Paulo: Edições SESC, 2015, v. , p. 42-59.

PEDROSA, J.C.M. **Como revitalizar os conhecimentos sobre os lugares sagrados no baixo rio Tiquié?** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Indígena), Universidade Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2018.

PEDROSA, João Carlos Monteiro; LIMA, Helena; PEDROSA, Mauro; LINS, Juliana. **Como revitalizar os conhecimentos sobre os lugares sagrados no baixo e médio rio tiquié**. *Aru: Revista de Pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro*, Amazonas, n. 3, abr. 2019.p 43-58.

PIRÕ DHUÓ (Cobra Grande) Irene de Freitas – Tukano. **Entrevista concedida à autora.** São Gabriel da Cachoeira, AM, 11 jan. 2024.

PUÍ, Laurita Antônio – Desano. **Entrevista concedida à autora.** São Gabriel da Cachoeira, AM, 10 jun. 2023.

PROUS, A.; ALONSO, M.; PILÓ, H.; XAVIER, L.A.F.; LIMA, A.P.& SOUZA, G.N. **Os machados pré-históricos no Brasil. Descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamento e utilização.** Revista Canindé, Xingó, n. 2, 2002.

SCOLFARO, Aline; DIAS, Carla (org.). **Plano de gestão indígena do Alto e Médio Rio Negro: PGTA Wasu.** Ilustração de Feliciano Lana. 1. ed. São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2021.

SILVA, Clauzionor Lima da; ROSSETTI, Dilce de Fátima. **História Geológica dos Rios Na Amazônia.** Cienc. Cult. vol.61 no. 3 São Paulo: 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. **Mito e arqueologia: a interpretação dos Asurini do Xingu sobre vestígios Arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatnemu-Pará.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 175-187, dez. 2002.

SILVEIRA et al. **Polidores-afiadores na Amazônia um estudo de casos na Ilha de Mosqueiro, Pará, Brasil.** Revista de Arqueologia, volume 25-N1:90-104, 2012

SIMAS, D. ; BARBOSA, Y. (2019). **Sistema agrícola tradicional do Rio Negro (Dossiê Iphan No. 19).** Brasília, DF: IPHAN. ISBN: 978-85-7334-351-9 Disponível em: [dossiê19_sistema_agricola_web_12jul19.pdf](https://dossiê19.sistemaagricola.web.12jul19.pdf) (iphan.gov.br) . Acesso em: 04/06/2024

TENÓRIO, M.C. **Os amoladores-polidores fixos.** Revista da SAB, São Paulo, 16: 87-108, 2008.

TUYUKA, Poani Higino Tenório; VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. **ʘTÁ WORÍ-um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil.** *Tellus*, p. 17-37, 2019.

VALLE, Raoni. 2012. **Mentes Graníticas e Mentes Areníticas: fronteira geocognitiva nas gravuras rupestres do baixo rio negro, Amazônia setentrional.** Tese em arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

XAVIER, Carlos.S. **A casa de pedra de ñiaperikoli e os petroglifos do Içana – Uma Etnografia dos Signos Baniwa.** Dissertação de mestrado, PPGAS, Museu Nacional, RJ. 2008.

ANEXOS



Figura 53. Machadinhas guardas no bati de cipó Fonte: Odanilde Escobar,2023.



Figura 54. Uma das três estrelas encontrada ao redor do sol na pedra da Fortaleza.
Fonte:Odanilde Escobar, 2024



Figura 55. Imagem do possível sol próximo da estrela.
Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 56. Petróglifo na Pedra da Fortaleza,
próximos do possível sol e a estrela. Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 57. Odanilde em campo, nas pedras da Fortaleza.
Fonte: Maria Odicléia, 2024.



Figura 58. Mancha circular na Pedra da Fortaleza.
Fonte: Odanilde Escobar, 2024.



Figura 59. Orla da Praia, lugar onde esta muçum-Kuara, a pedra que se move no rio cheio,
A arraia que apace submersa nos rios de lua cheia, sereia encantada,
e nas pedras os polidores e afiadores, ai esta todas dos histórias Baré.
Fonte: Odanilde Escobar, 2025.



Figura 60. Abrasadores de canelura ou afiador fixos,
nas pedras próximo ao Jaú.
Fonte: Odanilde Escobar, 2022.



Figura 61. Abrasador acanalado portatil em fragmento de cerâmica, Peça arqueológica retirada nas escavações feitas em São Gabriel da Cachoeira-Am, Coleção vinculada ao MUSA e Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico localizado na ada do empreendimento sede do Parque Nacional Pico da Neblina em 2024.



Figura 62. Polidor circular na margem da Orla, através de uma fotogrametria. Fonte: Odanilde Escobar,2024.



Figura 63. Peça arqueológica retirada nas escavações feitas em São Gabriel da Cachoeira-Am, Coleção vinculada ao MUSA e Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico localizado na Oda do empreendimento sede do Parque Nacional Pico da Neblina ICMbio, ao fundo Odanilde, 2024.



Figura 64. Kumu Durvalino fazendo o Bahse na Oda, antes de iniciar a escavação. Fonte: Maria Odicléia, 2024.



Figura 65. Celina Baré com suas pedras no cesto de cipó, sua reexistência e seus cabelos longos representa as mulheres Barés.
Fonte: Odanilde Escobar,2024.



Figura 66. Vovó Laurita Dessana e sua neta Odanilde, foto: da autora,2025.



Figura 67. Senhor Guilherme Desano com Odanilde, conhecendo as plantas, Foto: da autora, 2025.



Figura 68. Gilda França do povo Baré, Foto: Odanilde Freitas Escobar, 2025.



Figura 69. Senhora Lourdes do povo Tukano, Foto: Maria Odicléia Freitas Escobar, 2025.



Figura 70. Odanilde filha de pai Baré e filha de mãe Tukano, Foto: da autora, 2025.